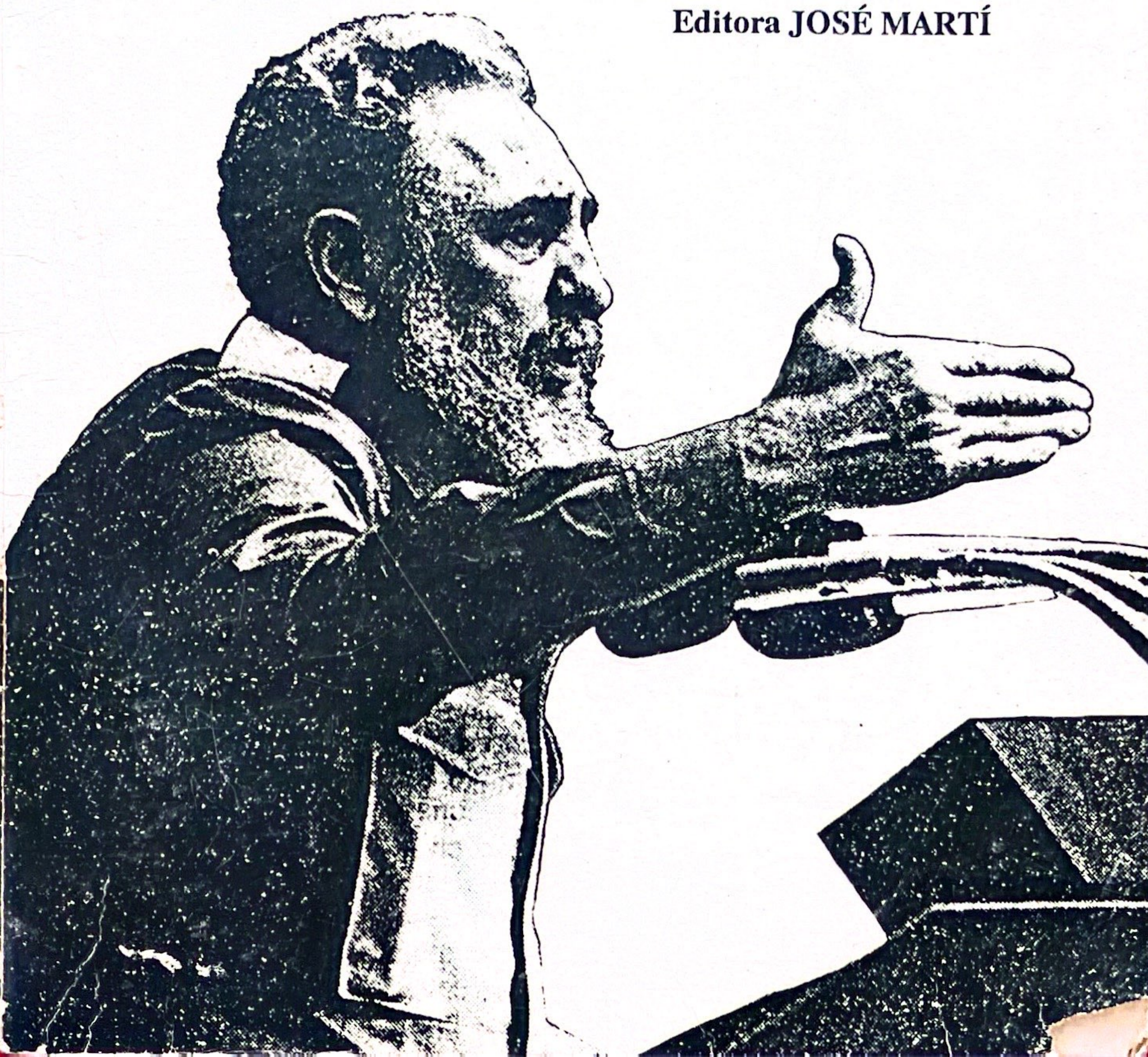
FIDEL CASTRO

NA TRINCHEIRA DA REVOLUÇÃO

Editora JOSÉ MARTÍ



NA TRINCHEIRA DA REVOLUÇÃO

Fidel Castro

EDITORIAL José Martí

EDITORIAL JOSÉ MARTÍ
Publicaciones en Lenguas Extranjeras
Apartado postal 4208 / Habana 4 / Cuba

Execução técnica: D & P / Editora José Martí

© Fidel Castro Ruz, 1990
© Editora José Martí, 1990

Editora JOSÉ MARTÍ
Publicações em Línguas Estrangeiras
Caixa Postal 4208, 10400 Havana, Cuba

Distribuidor:
UFO SERVICES, S.A.
Caixa Postal 6197, 10600 Havana, Cuba

Impresso em Cuba

Discurso pronunciado no funeral dos internacionalistas mortos durante o cumprimento de honrosas missões militares e civis, realizado no Mausoléu de Cacahual, em 7 de dezembro de 1989

Companheiro presidente José Eduardo dos Santos e demais convidados,

Familiares dos tombados,

Combatentes,

Compatriotas:

Foi sempre de profunda significação para todos os cubanos a data memorável em que tombou, junto a seu jovem ajudante, o mais ilustre de nossos soldados, Antonio Maceo. Seus restos mortais repousam aqui neste sagrado espaço da Pátria.

Ao escolher a data para sepultar os restos de nossos heróicos combatentes internacionalistas que tombaram em diversas partes do mundo, principalmente na África, lugar de onde vieram os antepassados de Maceo e uma grande parte de nosso sangue, o dia 7 de dezembro se converterá em um dia de lembrança para todos os cubanos que deram a vida não somente em defesa de sua Pátria, mas também da humanidade. Assim, o patriotismo e o internacionalismo, dois dos mais nobres valores que o homem foi capaz de criar, se unirão para sempre na história de Cuba.

Talvez, não muito distante deste mesmo lugar se levante um dia um monumento em honra de todos.

Neste momento, simultaneamente em todos os lugares de Cuba de onde procediam, se sepultam os restos dos internacionalistas que tombaram no cumprimento de sua nobre e gloriosa missão.

O inimigo imperialista acreditava que esconderíamos as baixas em Angola, a missão mais longa e complexa que já cumpriu 14 anos, como se fosse uma desonra ou uma mancha para a Revolução. Durante muito tempo, sonharam que seria inútil o sangue derramado, como se pudesse morrer em vão aquele que morre por uma causa justa. Mas se apenas a vitória fosse a vulgar medida para o valor do sacrifício dos homens em suas lutas justas, eles regressaram também com a vitória.

Os espartanos diziam: Com o escudo ou sobre o escudo. Nossas tropas vitoriosas regressaram com o escudo.

Neste momento solene, não é nossa intenção vangloriar-nos de nossos êxitos nem humilhar ninguém, nem sequer aos que foram nossos adversários. Nosso país não buscava glórias nem prestígios militares. Sempre se perseguiu rigorosamente o princípio de alcançar os objetivos com o menor sacrifício possível de vidas. Para isso era necessário ser forte, agir com o máximo de sangue frio e estar sempre, como sempre estivemos, dispostos a tudo.

Cada combatente sabia que por trás dele estava o país inteiro; sabia também que a vida e a saúde de cada um deles era nossa constante preocupação.

Quando a política e a diplomacia foram fatores acessíveis para alcançar os objetivos finais, não se duvidou em usá-las. E ainda que sempre se tenha agido com toda a firmeza necessária, em nenhum momento durante o processo negociador se nos ouviu uma palavra de arrogância, prepotência ou alarde. Soubemos ser flexíveis quando a flexibilidade era conveniente e justa.

A última etapa da guerra de Angola foi a mais difícil. Ela necessitou de toda determinação, tenacidade e o espírito de luta de nosso país em apoio aos nossos irmãos angolanos.

No cumprimento desse dever de solidariedade não somente com Angola, mas também com nossos combatentes que ali lutavam em difíceis condições, a Revolução não vacilou em arriscar tudo. Quando as ameaças imperialistas contra nossa Pátria eram muito grandes, não vacilamos em enviar para a Frente Sul da República Popular de Angola nossos mais modernos e melhores meios de combate. Mais de 50.000 combatentes cubanos se reuniram então naquela nação irmã, cifra verdadeiramente impressionante se se toma em conta a distância a percorrer, o tamanho e recursos de nosso país. Foi uma verdadeira façanha de nossas gloriosas Forças

Armadas Revolucionárias e de nosso povo. Poucas vezes se escreveu igual página de altruísmo e solidariedade internacional.

Por isso apreciamos muito a presença de José Eduardo dos Santos nesse ato. Foi um gesto absolutamente espontâneo. "Quero estar com vocês neste momento", nos disse. Da mesma maneira espontânea, a Etiópia, a SWAPO e outros países e organizações revolucionárias quiseram estar conosco tão logo tiveram notícias, há apenas alguns dias, de que hoje sepultaríamos em nossa Pátria os internacionalistas tombados na África e em outras terras do mundo.

Há acontecimentos históricos que nada nem ninguém poderá apagar. Há exemplos revolucionários que os melhores homens e mulheres das gerações futuras dentro e fora da nossa Pátria, não poderão esquecer. Este é um deles, mas não corresponde a nós avaliá-lo, disso encarregar-se-á a história.

Não podemos esquecer nem por um instante que nossos camaradas de armas foram os heróicos combatentes das Forças Armadas Angolanas. Eles ofereceram a vida de milhares dos melhores filhos desse extraordinário povo. A unidade è a cooperação mais estreita entre nós tornaram possível a vitória.

Tivemos, também, a honra de combater junto aos valiosos filhos da Namíbia, dos patriotas da Guiné Bissau e os insuperáveis soldados etiopes. Anos antes, nos difíceis dias da Argélia, que recentemente havia conquistado a independência, nossos combatentes internacionalistas estiveram a seu lado, como estiveram também mais tarde junto à Siria, outro irmão país árabe vítima da agressão exterior, que solicitou nossa cooperação.

Não houve na África causa justa que não contasse com o apoio do nosso povo. Che Guevara, acompanhado de um grupo numeroso de revolucionários cubanos, combateu contra mercenários brancos ao leste do atual Zaire, e hoje, na República Saarauí, médicos e professores prestam seus generosos e desinteressados serviços a esse povo em combate por sua liberdade.

Todos os países mencionados já eram ou são hoje independentes, e os que ainda não são, serão mais cedo ou mais tarde.

Em poucos anos se escreveu uma página brilhante de solidariedade e da qual nosso povo sente-se orgulhoso. Homens de diferentes países também combateram junto a nós em nossas lutas pela independência. Máximo Gómez, o mais ilustre de todos, nascido em Santo Domingo, chegou por seus extraordinários méritos a ser chefe do nosso Exército Libertador.

Nos anos que antecederam a nossa Revolução, mil cubanos organizados pelo primeiro Partido Comunista combateram na Espanha defendendo a República. Eles escreveram páginas inesquecíveis de heroísmo, que a caneta de Pablo de la Torriente Brau selecionou para a história, até que a morte em combate tirou a vida do brilhante jornalista revolucionário.

Desta maneira se forjou nosso galhardo espírito internacionalista que com a Revolução Socialista atingiu seus mais elevados cumes.

Em todos os lugares por onde estiveram os internacionalistas cubanos, foram exemplo de respeito à dignidade e à soberania do país. A confiança conquistada no coração destes povos não é casual, foi fruto de sua conduta exemplar. Em conseqüência disto, em todos os lugares ficou a lembrança de nosso exemplar desinteresse e altruísmo.

Um destacado dirigente africano manifestou uma vez em uma das reuniões de líderes da área: "Os combatentes cubanos estão dispostos a sacrificar suas vidas pela libertação de nossos países e, em troca dessa ajuda à nossa liberdade e ao progresso da nossa população, o único que nos levarão são os combatentes que tombaram lutando pela liberdade." Um continente que conheceu séculos de exploração e saques, soube admirar em toda sua grandeza o desinteresse do nosso gesto internacionalista.

Hoje, nossas aguerridas tropas regressam vitoriosas. Caras alegres, felizes, de mães, esposas, irmãos, filhos e de todo o povo, os recebem com calor e emoção. A paz foi conquistada com honra e se alcançaram amplamente os frutos do sacrifício e do esforço. Hoje nossos sonhos não são perturbados pela constante inquietude pela sorte de nossos homens em combate a milhares de quilômetros de sua terra.

O inimigo acreditava que o regresso dos combatentes constituiria um problema social pela impossibilidade de oferecer-lhes um emprego. Muitos desses homens, além dos quadros militares, tinham em sua Pátria um emprego e a eles regressam ou a outros melhores. Nenhum foi esquecido. Muitas vezes, antes mesmo de voltar à Pátria, já sabiam qual seria seu trabalho.

Daqueles jovens do Serviço Militar que acabavam de sair das escolas de ensino médio e solicitaram, voluntariamente, a honra de cumprir missão internacionalista em Angola, nenhum deles teve

que esperar para ocupar um lugar digno nas salas de aula ou nas fileiras do nosso povo trabalhador.

Nossa Pátria trabalha intensamente em ambiciosos programas de desenvolvimento econômico e social, não se orienta pelas leis irracionais do capitalismo e tem um lugar no ensino, na produção ou nos serviços para cada filho do país.

Nenhum parente próximo dos que tombaram em cumprimento da missão, ou sofreram lesões graves, foi esquecido. Eles receberam, recebem e receberão toda a atenção e a consideração a que os fez merecedores o nobre sacrifício de seus seres queridos e seu próprio comportamento abnegado, desinteressado e generoso até o heroísmo.

Os milhares de cubanos que cumpriram missões internacionalistas militares ou civis contarão sempre com o respeito das atuais e futuras gerações. Eles multiplicaram muitas vezes as gloriosas tradições combativas e internacionalistas de nosso povo.

A Pátria que eles encontram no retorno está envolvida numa luta titânica pelo desenvolvimento, ao mesmo tempo que continua enfrentando com exemplar dignidade o bloqueio criminal do imperialismo, e ao que se soma agora a crise surgida no campo socialista e da qual podemos esperar apenas conseqüências negativas no terreno econômico para nosso país.

Não é precisamente sobre a luta antiimperialista nem sobre os princípios do internacionalismo que se fala hoje na maioria desses países. Essas palavras, nem sequer são mencionadas em sua imprensa. Estes conceitos, ali, estão virtualmente apagados do dicionário político. Em troca, os valores do capitalismo estão ganhando força inusitada nessas sociedades.

Capitalismo significa intercâmbio desigual com os povos do Terceiro Mundo, exacerbação do egoísmo individual e do chovinismo nacional, o império da irracionalidade e da anarquia no investimento e produção, sacrifício cruel dos povos a leis cegas na economia, o império do mais forte, a exploração do homem pelo homem, o salve-se quem puder. O capitalismo na ordem social implica muitas coisas mais: prostituição, droga, jogo, mendicância, desemprego, desigualdades monstruosas entre os cidadãos, esgotamento dos recursos naturais, contaminação da atmosfera, dos mares, dos rios, dos bosques e de modo especial o saque das nações subdesenvolvidas pelos países capitalistas industrializados. No passado significou colonialismo e no presente a neocolonização de milhões de

seres humanos através de métodos econômicos e políticos mais sofisticados, mas por outro lado de menos custo, mais eficazes e desumanos.

O capitalismo, sua economia de mercado, seus valores, suas categorias e seus métodos não podem ser jamais os instrumentos para tirar o socialismo de suas atuais dificuldades e retificar os erros que foram cometidos. Boa parte dessas dificuldades surgiram não somente dos erros, mas também do bloqueio rigoroso e do isolamento a que foram submetidos os países socialistas pelo imperialismo e as grandes potências capitalistas que monopolizaram quase todos os recursos e tecnologias mais avançadas do mundo, produto do saque das colonias, a exploração de sua classe trabalhadora e o roubo massivo de intelectuais dos países que estavam por desenvolver-se.

Guerras devastadoras, que custaram milhares de vidas e a destruição da imensa maioria dos meios produtivos acumulados, foram desencadeadas contra o primeiro Estado socialista. Como a ave Fenix, este teve que surgir mais de uma vez de suas cinzas e prestou serviços à humanidade como derrotar o fascismo e impulsionar decisivamente o movimento de libertação dos países ainda colonizados. Tudo isso querem esquecer hoje.

É repugnante que muitos agora se dediquem, na própria URSS, a negar e destruir a façanha histórica e os méritos extraordinários desse heróico povo. Essa não é uma forma de retificar e superar os inquestionáveis erros cometidos numa revolução que nasceu das entranhas do autoritarismo czarista, num país imenso, atrasado e pobre. Agora não é possível cobrar a Lenin o preço por haver feito a maior revolução da história na velha Rússia dos czares.

Por isso nós não vacilamos em impedir a circulação de certas publicações que estão carregadas de veneno contra a própria URSS e o socialismo. Percebe-se que por trás delas está a mão do imperialismo, a reação e a contra-revolução. Algumas dessas publicações já começaram a pedir o fim do tipo de relações comerciais equitativas e justas que foram criadas entre a URSS e Cuba no transcurso do processo revolucionário cubano. Em duas palavras: que a URSS comece a praticar com Cuba o intercâmbio desigual, vendendo cada vez mais caro e comprando cada vez mais barato nossos produtos agrícolas e matérias-primas, o mesmo que os Estados Unidos faz com os países do Terceiro Mundo ou, em último caso, que a URSS se junte ao bloqueio ianque contra Cuba.

A destruição sistemática dos valores do socialismo, o trabalho de desgaste realizado pelo imperialismo, somados aos erros cometidos, aceleraram o processo de desestabilização dos países socialistas na Europa oriental. A política diferenciada com cada país e a idéia de minar o socialismo no seu interior, foi a estratégia elaborada durante longo tempo e aplicada pelos Estados Unidos.

O imperialismo e as potências capitalistas não podem dissimular sua euforia diante dos acontecimentos. Estão convencidos, não sem fundamento, de que nesse momento o campo socialista virtualmente já não existe. Em alguns desses países de Europa oriental há atualmente equipes completas de norte-americanos, incluindo assessores do Presidente dos Estados Unidos, programando o desenvolvimento capitalista. Recentemente, recebemos um telex com a notícia de que estavam fascinados pela excitante experiência. Um deles, aliás funcionário do governo norte-americano, mostrava-se partidário de aplicar na Polônia um plano semelhante ao do "New Deal", com o qual Roosevelt tentou mitigar a grande crise do capitalismo, para socorrer aos 600.000 trabalhadores poloneses que ficarão desempregados em 1990, e a metade dos 17,8 milhões de trabalhadores com que conta o país e que deverá reciclar-se e mudar de emprego em conseqüência do desenvolvimento de uma economia de mercado.

O imperialismo e as potências capitalistas da OTAN estão persuadidos, e com razão, de que a estas horas o Pacto de Varsóvia já não existe e é apenas uma ficção; que sociedades corroídas e minadas em sua estrutura, seriam incapazes de resistir.

Se tem proclamado que o socialismo deveria aperfeiçoar-se. Ninguém pode se opor a este princípio que é inerente e de constante aplicação a toda obra humana. Mas, seria por acaso, abandonando os princípios mais elementares do marxismo-leninismo que o socialismo poderia aperfeiçoar-se? Por que as chamadas reformas devem marchar num sentido capitalista? Se essas idéias tivessem um caráter revolucionário como alguns pretendem, por que recebem o apoio unânime e exaltado dos dirigentes imperialistas?

Em insólita declaração, o presidente dos Estados Unidos se rotulou como defensor número um das doutrinas que atualmente se aplicam em muitos países do campo socialista.

Na História, uma idéia verdadeiramente revolucionária, jamais havia recebido o apoio entusiasta do chefe do império mais poderoso, agressivo e voraz que a humanidade conheceu.

Por ocasião da visita do companheiro Gorbachev a Cuba, em abril deste ano, nós realizamos profundos e sinceros intercâmbios. Manifestamos publicamente perante a Assembléia Nacional nosso critério de que se deveria respeitar o direito de qualquer país socialista construir o capitalismo se assim o desejasse, do mesmo modo que exigimos o mais estrito respeito ao direito de qualquer país capitalista construir o socialismo.

Consideramos que a revolução não se pode importar nem exportar. Um Estado socialista não se pode fundar por inseminação artificial ou simples transplante de embriões. A revolução necessita as condições propícias para isso no interior da própria sociedade, e somente cada povo pode ser seu próprio criador. Estas idéias não estão contra a solidariedade que os revolucionários podem e devem trocar entre si. A revolução é, igualmente, um processo no qual se pode avançar ou retroceder e inclusive se pode frustrar. Porém, um comunista, antes de tudo, deve ser corajoso e revolucionário. O dever dos comunistas é lutar em qualquer circunstância, por mais adversa que seja. Os membros da Comuna de Paris souberam lutar e morrer defendendo suas idéias. Não se entregam as bandeiras da revolução e do socialismo sem antes combater. Render-se é próprio dos covardes e de pessoas desmoralizadas, não de comunistas, nem de revolucionários.

Atualmente, o imperialismo convida os países socialistas da Europa a converter-se em receptores de seus excedentes de capital, desenvolver o capitalismo e participar no saque dos países do Terceiro Mundo.

É conhecido de todos que uma grande parte dos recursos do mundo capitalista desenvolvido provém do intercâmbio desigual com esses países. Durante séculos foram saqueados como simples colônias, escravizaram milhões de seus filhos, e em muitas ocasiões esgotaram suas reservas de ouro, prata e outros minerais. Foram explorados brutalmente e lhes impuseram o subdesenvolvimento. Esta foi a conseqüência mais direta e patente do colonialismo. Hoje, os aniquilam através de juros de uma dívida infinita e impagável. Retiram seus produtos básicos a preços miseráveis, exportam seus produtos industriais cada vez a preços mais altos. Constantemente subtraem os recursos financeiros e humanos através da fuga de capitais e pesssoal especializado. Usam o *dumping* para bloquear-lhes o comércio, tarifas alfandegárias, quotas de importação,

produtos sintéticos substitutivos saídos de sua alta tecnologia e subsidiam as próprias produções quando não são competitivas.

O imperialismo quer que os países socialistas da Europa se unam a esse grandioso saque, o que parece não desagradar em absoluto os teóricos das reformas capitalistas. Razão pela qual em muitos desses países ninguém fale da tragédia do Terceiro Mundo e as multidões insatisfeitas sejam orientadas ao capitalismo e ao anticomunismo, e num deles ao pangermanismo. Esta evolução dos acontecimentos pode conduzir, inclusive, a correntes fascistas. O prêmio que o imperialismo lhes promete é uma quota no saque aos nossos povos, única forma de fundar sociedades capitalistas de consumo.

Atualmente, interessa muito mais aos Estados Unidos e às potências capitalistas investir na Europa oriental que em qualquer outra parte do planeta. Que recursos poderá esperar o Terceiro Mundo com essa evolução dos acontecimentos, onde milhões de pessoas vivem em condições infra-humanas?

Falam-nos de paz. Que paz é esta? A paz entre as grandes potências, enquanto o capitalismo se reserva o direito de interferir e agredir abertamente aos países do Terceiro Mundo? Temos exemplos de sobra.

O governo imperialista dos Estados Unidos exige que ninguém preste ajuda aos revolucionários salvadorenhos e tenta chantagear a URSS solicitando-lhe que interrompa o fornecimento da ajuda econômica e militar à Nicarágua e Cuba porque somos solidários com os revolucionários salvadorenhos, ainda que cumpramos estritamente com as obrigações em relação ao armamento que a URSS nos fornece de acordo com os convênios estabelecidos entre nações soberanas. Por outro lado, este mesmo governo imperialista que exige o cessar de toda solidariedade com os revolucionários salvadorenhos, ajuda o governo genocida e envia unidades especiais de combate a El Salvador, mantém a contra-revolução na Nicarágua, organiza golpes de Estado no Panamá e o assassinato de dirigentes desse país, ajuda militarmente a UNITA em Angola, apesar dos sucessos nos acordos de paz no Sudoeste africano e continua fornecendo grandes quantidades de armas aos rebeldes do Afeganistão, sem considerar a retirada das tropas soviéticas e os Acordos de Genebra.

Há poucos dias, aviões de guerra dos Estados Unidos interferiram descaradamente no conflito das Filipinas. Independentemente

das causas justas ou injustas dos amotinados e que não nos cabe julgar, a intervenção dos Estados Unidos nesse país assume extrema gravidade e é o reflexo fiel da situação atual no mundo. Esse é o papel de gendarme que os Estados Unidos se reserva, já não só para a América Latina, a qual sempre considerou como seu quintal, mas também para qualquer país do Terceiro Mundo.

A consagração do princípio de intervenção universal por uma grande potência é o fim da independência e da soberania no mundo. Que paz e seguridade podem esperar nossos povos que não seja a que nós mesmos sejamos capazes de conquistar com nosso heroísmo?

Seria magnífico que desaparecessem as armas nucleares. Se isso não fosse mais do que uma utopia e se conseguisse conquistar um dia, seria de um benefício inquestionável e proporcionaria a segurança, mas somente para uma parte da humanidade. Isso não daria a paz, nem segurança, nem esperança aos países do Terceiro Mundo.

O imperialismo não precisa armas nucleares para agredir a nossos povos. Suas poderosas frotas espalhadas pelo mundo, suas bases militares em todos os lugares e suas armas convencionais cada vez mais sofisticadas e mortíferas são suficientes para cumprir seu papel de dono e guardião do mundo.

Em nosso mundo, a cada dia morrem 40.000 crianças que poderiam se salvar e não se salvam devido ao subdesenvolvimento e à pobreza. Como dissemos muitas vezes, e nunca é demais repetir, é como se a cada três dias estourasse entre as crianças pobres do mundo, uma bomba igual à de Hiroshima e Nagasaki.

Se os acontecimentos seguem seu curso atual, se não se exige dos Estados Unidos a renúncia a estas concepções, de que novo pensamento se pode falar? Dessa maneira, o mundo bipolar que conhecemos no pós-guerra transformar-se-á, inexoravelmente, num mundo unipolar sob a hegemonia dos Estados Unidos.

Em Cuba estamos desenvolvendo nosso processo de retificação. Sem um Partido forte, disciplinado e respeitado é impossível desenvolver uma revolução ou uma retificação verdadeiramente socialista. Não se pode conseguir um processo como esse caluniando o socialismo, destruindo seus valores, desprestigiando o Partido, desmoralizando a vanguarda, renunciando ao seu papel dirigente, liquidando com a disciplina social, semeando o caos e a anarquia

por toda parte. Assim se pode promover uma contra-revolução, mas não mudanças revolucionárias.

O imperialismo ianque acredita que Cuba não poderá resistir e que a nova situação surgida no campo socialista possibilitará submeter inexoravelmente nossa Revolução.

Cuba não é um país onde o socialismo chegou depois das divisões vitoriosas do Exército Vermelho. Em Cuba, o socialismo foi forjado pelos cubanos em autêntica e heróica luta. Trinta anos de resistência ao mais poderoso império da Terra, que quis destruir nossa Revolução, dão testemunho da nossa fortaleza política e moral.

Aqueles que estamos na direção do país não somos um grupo de intrusos inexperientes, recém-chegados a cargos de responsabilidade. Saímos das fileiras de velhos lutadores antiimperialistas, da escola de Mella e de Guiteras, das fileiras do Moncada e do Granma, da Sierra Maestra e da luta clandestina, de Girón, da Crise de Outubro, de 30 anos de resistência heróica à agressão imperialista, de grandes façanhas trabalhistas e de gloriosas missões internacionalistas. Homens e mulheres de três gerações cubanas que se unem e assumem responsabilidades em nosso aguerrido Partido, na organização da nossa maravilhosa vanguarda juvenil, nas poderosas organizações de massas, em nossas gloriosas Forças Armadas Revolucionárias e em nosso Ministério do Interior.

Em Cuba, Revolução, socialismo e independência nacional estão indissoluvelmente unidos.

À Revolução e ao socialismo, devemos hoje tudo o que somos. Se alguma vez em Cuba voltasse o capitalismo, nossa independência e soberania desapareceriam para sempre. Seríamos um prolongamento de Miami, um simples apêndice do império ianque, o cumprimento daquela repugnante profecia de um presidente dos Estados Unidos no século passado quando pensava anexar nossa ilha e disse que esta cairia em mãos desse país como uma fruta madura. E para impedir isso hoje, amanhã e sempre, haverá um povo disposto a morrer. Cabe repetir aqui, novamente, perante sua própria tumba, a frase imortal de Maceo: "Quem tentar apropriar-se de Cuba recolherá o pó do seu chão inundado em sangue, se não perecer na luta."

Os comunistas cubanos e os milhões de combatentes revolucionários que integram as filas do nosso heróico e combativo povo, saberemos cumprir o papel que nos reserve a história, não somente

como primeriro Estado socialista no hemisfério ocidental, mas também como intransigentes defensores na primeira linha da nobre causa dos humildes e explorados deste mundo.

Nunca aspiramos a que nos entreguem a custódia das gloriosas bandeiras e os princípios que o movimento revolucionário soube defender ao longo de sua heróica e memorável história. Mas se o destino nos confere o papel de um dia ficar entre os últimos defensores do socialismo, num mundo em que o império ianque conseguisse encarnar os sonhos de Hitler de dominar o mundo, saberíamos defender até a última gota de sangue este baluarte.

Estes homens e mulheres a *quem hoje sepultamos* na fervorosa terra que os viu nascer, morreram pelos mais sagrados valores da nossa história e da nossa Revolução.

Eles morreram lutando contra o colonialismo e o neocolonialismo.

Eles morreram lutando contra o racismo e o *apartheid*.

Eles morreram lutando contra o saque e a exploração dos povos do Terceiro Mundo.

Eles morreram lutando pela independência e soberania desses povos.

Eles morreram lutando pelo direito ao bem-estar e o desenvolvimento de todos os povos da Terra.

Eles morreram lutando para que não existam famintos, mendigos, doentes sem médicos, crianças sem escolas, seres humanos sem trabalho, sem teto, sem alimento.

Eles morreram para que não existam opressores e oprimidos; exploradores e explorados.

Eles morreram lutando pela dignidade e a liberdade de todos os homens.

Eles morreram lutando pela verdadeira paz e segurança para todos os povos.

Eles morreram pelas idéias de Céspedes e Máximo Gómez.

Eles morreram pelas idéias de Martí e Maceo.

Eles morreram pelas idéias de Marx, Engels e Lenin.

Eles morreram pelas idéias e exemplos que a Revolução de Outubro expandiu pelo mundo.

Eles morreram pelo socialismo.

Eles morreram pelo internacionalismo.

Eles morreram pela Pátria revolucionária e digna que hoje é Cuba.

Saberemos ser capazes de seguir seu exemplo!
Para eles: Glória eterna!

Socialismo ou morte!

Pátria ou morte!

Venceremos!

Discurso pronunciado na cerimônia de premiação aos melhores atletas cubanos, em 21 de dezembro de 1989

Companheiras e companheiros atletas,
Companheiras e companheiros convidados:

Há varios dias tínhamos planificado realizar este ato. Nas últimas horas, estivemos analisando se devíamos suspendê-lo ou não, devido aos acontecimentos que todos vocês têm conhecimento. Preparamos também uma recepção para os atletas, que foi prometida há tempo; mas, certamente, a recepção foi suspensa até o momento em que seja oportuno fazê-la.

Decidimos afinal celebrar o ato, mas considero que o nosso ânimo hoje não esteja como para falar precisamente de esporte; o esporte merece todas as honras e todas as glórias. As vitórias no esporte são um dos frutos mais legítimos da Revolução.

Este foi um ano de grandes sucessos, de grandes satisfações para nosso povo, de grandes glórias para nosso esporte, que são uma espécie de preâmbulo de glórias maiores ainda no futuro, mas nosso ânimo não está para falar de esporte.

Seria melhor dedicar algumas palavras aos heróis de nossa América, que combatem nestes momentos no Panamá pela dignidade, a honra e a soberania dos nossos povos. Seria melhor dedicar uma lembrança aos que estão morrendo neste instante; aos que neste instante, inclusive, estão sendo massacrados pelas bombas e os meios de guerra sofisticados do imperialismo.

Devemos levar em conta que neste instante eles estão combatendo; de maneira que nosso evento coincidiu com uma das horas

mais dolorosas, mais dramáticas e difíceis de nossa história contemporânea, no que Martí chamou de Nossa América.

Fomos testemunhas, em maior ou menor grau, e recebemos as informações, em maior ou menor medida, do que aconteceu desde ontem, 20 de dezembro, pela madrugada. Não se trata de que os acontecimentos nos surpreendessem, não se trata de que imaginássemos que o imperialismo fosse incapaz de perpetrar crime semelhante; os fatos podiam ser esperados, tinham sido denunciados, com força particular, pela imprensa de nosso país há apenas três ou quatro meses — estamos em dezembro e essas denúncias foram feitas em agosto ou setembro —, e foram denunciadas ainda, com toda energia, na Cúpula dos Países Não-Alinhados. Conhecemos o inimigo, conhecemos sua índole moral, e portanto não podia surpreender-nos o que fizeram; contudo, não por esperados e denunciados, podíamos deixar de sentir uma indignação profunda em nossos corações pelos acontecimentos, uma irritação profunda, uma amargura profunda, porque não se pode reagir de outra maneira diante de semelhantes crimes.

Fomos testemunhas, mais uma vez, da forma em que atua o imperialismo. Vimos, de uma maneira ou de otra, ou escutamos, pela televisão ou pelas transmissões radiofônicas, os pretextos e as justificativas usadas para levar a cabo essa ação selvagem e brutal. Escutamos os porta-vozes do imperialismo, desde o Presidente dos Estados Unidos até o Secretário de Estado, passando pelo Secretário da Defesa e pelos chefes do Pentágono. Provoca repugnância, enjôo, a maneira com que tentam justificar os fatos, as mentiras e pretextos ridículos usados para isso.

Dizem que os panamenhos assassinaram um soldado desarmado, e todo o mundo sabe que passaram por ali, pelos postos panamenhos, bêbados; e quem não sabe o que fazem bêbados os soldados ianques, que foram capazes, uma vez, de subir na estátua do herói de nossa independência nacional José Martí, no Parque Central? As fotografias estão por aí. Esses soldados, em estado de embriaguez, estavam armados, atiraram contra uma instituição militar e feriram panamenhos. Um deles morreu em conseqüência da provocação. E o que poderiam fazer os militares panamenhos, que estão ali em seus postos, quando são atacados? Agora acontece que para os imperialistas foi assassinado um soldado norte-americano "inocente" e "desarmado".

Parece que na festa havia uma norte-americana. Mas, o que disseram esses porta-vozes? Que não apenas assassinaram um soldado, mas também houve tentativa de abuso sexual contra uma norte-americana. Disseram essas coisas e foram repetidas cem vezes, para mostrar o genocídio contra o povo do Panamá como a coisa mais natural e justificada do mundo.

Esses são os métodos, esse é o estilo do imperialismo. Nós o conhecemos bem, não só por nossa longa experiência, mas também porque sabemos quanta mentira há neste triste episódio da agressão contra o Panamá, porque vimos os vídeos, passamo-os em nossa televisão, e conhecemos as dezenas de vezes, as centenas de vezes em que as tropas ianques violaram a soberania, humilharam e ultrajaram o povo panamenho. Isso acontecia praticamente todos os dias, e aí estão as fotografias, aí estão os vídeos daqueles fatos, que foram mostrados a toda nossa população. Não respeitavam ruas, não respeitavam avenidas, chegavam os helicópteros, chegavam os tanques, chegavam os blindados de transporte, chegavam as tropas mercenárias, com essas caras de assassinos que os caracterizam, a qualquer lugar da capital panamenha, ou a qualquer povoado, procedentes de suas bases militares no Canal, violando todas as leis internacionais, e agora os provocadores são os panamenhos, agora os Estados Unidos tiveram de lançar a invasão contra um pequeno país de nosso hemisfério, para defender a segurança dos Estados Unidos.

Repito novamente: provocam repugnância, enjôo. Esses pretextos, essas mentiras, foram divulgadas pelo mundo através de seus poderosos meios de comunicação de massas.

O fato real é que invadiram o Panamá. Com que estilo? Com o estilo que os povos conheceram não há muito tempo ainda, em 1939, com o estilo dos nazistas e dos fascistas, que buscavam pretextos semelhantes para suas agressões; com o estilo dos nazistas e dos fascistas, de atacar de surpresa, sem nenhum aviso prévio. Desta feita, pela madrugada, à 01:00 hora, quando se supõe que a população está descansando, que os trabalhadores estão descansando, que inclusive os soldados estão descansando. E não é o ataque a uma posição, e sim o ataque simultâneo a todas as unidades militares e postos estratégicos importantes do Panamá.

Assim levaram a destruição e a morte a esse país irmão da América Latina; assim derramaram o sangue de milhares de panamenhos em algumas horas, a maioria civis. E não foi porque ata-

cassem com desprezo à morte, à própria morte dos soldados mercenários do imperialismo, pelo contrário, matando quantas pessoas fossem necessárias para evitar suas próprias baixas. Onde encontravam resistência não mandavam os soldados, bombardeavam com aviões e helicópteros, "martelavam" os lugares com artilharia e depois atacavam; se encontravam resistência, voltavam a recuar e "martelavam" outra vez com a aviação e a artilharia. Esse foi o tipo de guerra que fizeram na capital panamenha, nos bairros com maior densidade demográfica, e o resultado são os milhares de vítimas civis.

Enquanto os soldados mercenários do imperialismo feridos recebiam atenção imediata, eram levados em modernas ambulâncias e posteriormente transferidos para os Estados Unidos em aviões-hospitais, não permitiam sequer às ambulâncias recolher os combatentes panamenhos feridos, a população civil ferida, o povo morria e se dessangrava nas ruas da capital do Panamá. E os que conseguiam chegar aos hospitais levados pelo próprio povo, de uma forma ou de outra, para eles — devido ao elevado número de vítimas — não havia suficiente atenção, apesar do esforço extraordinário dos médicos panamenhos; porque o plasma não era suficiente, nem os medicamentos, nem a capacidade dos hospitais, nem os equipamentos, nem os instrumentos cirúrgicos. Vimos fotografias e imagens de televisão que mostravam dezenas de cadáveres de civis, homens e mulheres, crianças e velhos, enchendo os corredores dos hospitais.

Cuba não só dirigiu-se a todos os organismos internacionais com maior autoridade, não só dirigiu-se às Nações Unidas, não só dirigiu-se ao Movimento dos Países Não-Alinhados e a todos os organismos que poderiam participar da luta, do esforço para deter essa bárbara ação do imperialismo ianque. Não só falou com muitos amigos do mundo inteiro, mas também dirigiu-se à Cruz Vermelha Internacional, às mais altas autoridades dessa instituição, para explicar-lhes o que estava acontecendo ali com as vítimas da invasão, explicando-lhes a necessidade de mobilizar-se para atender com urgência os panamenhos feridos, aos quais os soldados mercenários do imperialismo impediram, inclusive, a assistência.

Expressamos nossa disposição de colaborar, de mandar nosso plasma, nossos médicos, nossos equipamentos, nossos cirurgiões, como fizemos muitas vezes nestes anos de Revolução, ajudando inclusive governos que eram inimigos, como fizemos com a Nicarágua

na época de Somoza, com Honduras diante de catástrofes naturais, furacões ou terremotos; como fizemos com governos com os quais não tínhamos sequer relações, como aconteceu depois daquele dramático terremoto no Peru. Agora estamos perante a realidade de que não é possível atender os feridos panamenhos, porque as tropas ianques estão ali, e não querem que sejam atendidos os feridos panamenhos.

A que grau de barbárie, de abuso, a que tipo de monstruosidades chegamos neste mundo? Assim, enquanto os feridos da soldadesca imperial viajam imediatamente, para os melhores hospitais, os panamenhos se dessangram nas ruas.

Por isso digo que os fatos são bastante tristes, bastante duros para irritar e amargurar qualquer um, e pensando não só no caráter brutal, ilegal e injustificado da ação ianque.

Contudo, aconteceram ainda coisas verdadeiramente históricas, verdadeiramente significativas: a resistência do povo panamenho, a resistência das Forças de Defesa e dos civis organizados nos Batalhões da Dignidade e em outras unidades. O império achava que aquilo ia durar minutos, talvez horas; que quando os paraquedistas se lançassem de noite ou depois do ataque dos aviões e helicópteros, não ficaria em seu posto nenhum soldado nem combatente civil. Esse é o conceito que eles têm dos latino-americanos, ainda não aprenderam bastante; esse é o conceito, ou mais do que o conceito, o desprezo a nossos povos.

O fato real é que eles pensavam que ao amanhecer já não haveria combates. O presidente dos Estados Unidos tinha um discurso marcado para as 07:00 horas, no qual anunciaria que tudo já tinha terminado; notava-se desânimo, desgosto, quase pânico no rosto do presidente dos Estados Unidos quando pela manhã já era evidente que apesar das dezenas de milhares de soldados e das centenas de aviões, helicópteros, canhões e blindados, que apesar do ataque de surpresa, encontraram por todas partes a resistência heróica dos soldados das Forças de Defesa e dos civis que lutaram contra a agressão. Nisso não conseguiram imitar Hitler!, nisso não conseguiram imitar os fascistas e os nazistas de 1939 ou 1940, porque os nazistas pelo menos foram capazes, em muitos países, de tomar cidades importantes em questão de horas perante exércitos bem armados, e o império, depois de 24 horas, ainda não tinha conseguido tomar a capital do Panamá, apesar de que partiram de suas bases militares no próprio território; apesar da enorme superiori-

dade em efetivos, e sobretudo em técnica, não conseguiram vencer a resistência de um punhado, de poucos milhares de combatentes.

Porque não pensem que o Panamá tinha uma força militar grande; dispunha de poucos milhares de homens em suas Forças Armadas distribuídos pelo país, e alguns milhares de civis organizados e treinados em um período relativamente curto. Não pensem que os panamenhos tinham grandes recursos militares; muitos de nossos municípios têm mais armas e mais poder de fogo do que o que tinha o povo panamenho para enfrentar esta agressão!

Nós comparamos nosso poder de fogo com o do Panamá, e esses cálculos informam que Cuba possui um poder de fogo 200 ou 300 vezes maior que o do Panamá em meios de combate, no volume de armas, na capacidade do armamento; no entanto, dezenas de milhares de soldados ianques, atacando de surpresa na madrugada, não conseguiram tomar a cidade em 20 de dezembro!, e hoje ainda tiveram de usar mais 24 horas para tentar abafar a resistência, em uma cidade acuada entre o Oceano Pacífico e o canal. Por isso achamos que o povo panamenho escreveu nas últimas horas uma das páginas mais heróicas da história deste hemisfério, e o império não pôde alcançar nenhum de seus objetivos.

Não conseguiram prender o chefe das Forças de Defesa, um dos propósitos fundamentais declarados da ação selvagem e ilegal; capturá-lo para levá-lo aos Estados Unidos, vejam a que ponto chegamos!: colocar em prática um novo princípio imperial, em virtude do qual suas forças armadas podem desembarcar em qualquer lugar para prender pessoas indicadas por seus tribunais — segundo suas palavras —, gente que do seu ponto de vista poderia violar suas leis, ou os que eles qualificam de terroristas em qualquer parte do mundo.

Esta é a primeira vez que levam à prática esse princípio: invadiram um país, sacrificaram milhares de pessoas, sob o pretexto de capturar um alto funcionário de um Estado soberano da América Latina, membro destacado do Movimento dos Países Não-Alinhados e da Organização das Nações Unidas.

Sentem-se frustrados porque dizem que não conseguiram o objetivo; alegam que, além disso, levariam a democracia, nada menos do que através de um governo fantoche, repugnante, um governo mercenário imposto ao povo panamenho sobre um rio de sangue, sangue panamenho; e que também garantiriam assim os tratados do canal, e outros pretextos semelhantes. O que fizeram, até o momento, foi ganhar o repúdio mundial, e não conseguiram esmagar a resistência. Não conseguiram liquidar o problema em questão de horas, como imaginavam. O grande exército, do grande império, fez o ridículo ao enfrentar-se a um punhado de combatentes panamenhos que foram atacados de surpresa!

O que eles temem agora? Por que estão assustados? Estão assustados por um eventual prolongamento da resistência. Sua tática foi atacar a capital, nomear um governo fantoche, e a partir disso pedir aos patriotas que se rendam. É como se um dia atacassem Havana e a tomassem, e depois pedissem aos pinarenhos para se render, pedissem aos villaclarenhos, pedissem aos orientais, pedissem aos combatentes da Sierra Maestra para se render. Essa é sua esperança, a idéia que estão aplicando, usando meios técnicos para interferir na televisão quando esta podia funcionar, e lançando mensagens através de emissoras radiofônicas clandestinas, aplicando métodos de guerra psicológica, para dar a idéia ao povo de que já não há e não é possível a resistência, e enganar o mundo.

Ontem fomos testemunhas de como, de manhã, seis horas depois do ataque, já estavam dizendo ao mundo que tinha terminado a resistência.

A rádio nacional panamenha, em cadeia durante mais de 15 horas, transmitiu ontem junto com outras emissoras o que estava acontecendo, exortando o povo à luta, até que os invasores conseguiram silenciá-la mediante o ataque direto de helicópteros da artilharia.

No entanto, os panamenhos vêm escutando também a rádio internacional, vêm escutando a rádio de Cuba, Radio-Havana Cuba, Rádio Rebelde e outras estações. Essas estações tiveram bastante comunicação com o Panamá ontem, e informavam ao povo de Cuba e ao mundo o que estava acontecendo. Hoje, essas emissoras continuavam informando, enquanto os ianques tentavam interferi-las no Panamá; tentavam interferi-las porque não queriam sequer, que através da rádio cubana o povo panamenho soubesse o que estava acontecendo.

O que temem eles agora como ao próprio demônio? Qual é o temor espelhado agora por quase todos os porta-vozes do império? O temor a que a resistência continue, o temor a que os combatentes das Forças de Defesa e dos Batalhões da Dignidade, todos os patriotas panamenhos, continuem a guerra no interior do país. Porque eles estão cientes de que, com essa esmagadora superioridade de

força, conseguiriam controlar a capital em um período de tempo maior ou menor, mas sentem pânico — e todos os passos que estão dando são inspirados por esse pânico —, de que os patriotas se organizem no interior do país, nos campos e nas montanhas, para continuar a guerra de resistência.

Eles têm esperanças de impedi-lo, e apresentar a agressão ao mundo como um fato consumado. Por isso hoje usam todos os meios possíveis para confundir os panamenhos, para dizer-lhes que a resistência terminou; sentem medo de atolar-se ali, porque não é a mesma coisa controlar uma cidade, com os meios que possuem, do que liquidar a resistência, se os panamenhos utilizarem a rica experiência da guerra regular em todo o país. Isso é algo muito estudado por nós, educamos assim nossos combatentes em todo o território nacional, no que chamamos de guerra de todo o povo, a experiência acumulada pelo movimento revolucionário nos últimos anos, e nossa própria experiência, porque, afinal, nós não começamos nossa luta de libertação pela capital da república, começamos pelas montanhas da Sierra Maestra, até estender nossa luta guerrilheira por todo o país.

Isso é o que eles temem agora, é o que os poderosos senhores imperialistas tratam de evitar a qualquer custo neste instante no Panamá. Estão assustados, e não sem razão! Aos poucos terão de aprender de que somos capazes esta gente tão desprezada por eles, e que conhecemos como povos latino-americanos!

Foram aprendendo lições: aprenderam em Girón, há vários anos; aprenderam na Nicarágua, com os combatentes sandinistas; aprenderam espetacularmente, recentemente, com as ações heróicas dos revolucionários e patriotas salvadorenhos. Porque foi verdadeiramente extraordinário o fato de que, após 10 anos de fornecimento constante de recursos financeiros, armas e treinamento por parte dos Estados Unidos ao governo genocida de El Salvador, de meios técnicos, helicópteros, aviões, as armas mais modernas de infantaria, de comunicações, de tudo, depois de 20 anos!, o número de combatentes salvadorenhos tenha crescido; que tenham sido capazes de entrar nas ruas da capital e manter em xeque durante semanas a esse exército armado até os dentes, com tantos recursos e treinamento dos Estados Unidos. Disso faz apenas cinco ou seis semanas, e agora viram o que lhes aconteceu no Panamá, e sabem que se os patriotas panamenhos levam em conta a experiência da Nicarágua, e levam em conta as experiências do

FMLN de El Salvador, vão ficar atolados num pequeno país, quem sabe por quanto tempo.

Os imperialistas ianques, de uma maneira ou de outra, receberam o repúdio da opinião mundial. Claro, na nossa opinião, ainda não o repúdio suficiente.

Neste mundo ainda há muita hipocrisia. Essa Europa, que se diz tão civilizada, foi testemunha de como alguns governos aplaudiram a agressão ao Panamá; outros expressaram sua "compreensão" pelas ações dos Estados Unidos, mas, certamente, houve também governos da Europa que condenaram os fatos com bastante energia. Dos países socialistas europeus — que saibamos até o momento —, a URSS condenou os fatos e solicitou a retirada das tropas ianques do Panamá; de alguns países socialistas da Europa nem sequer escutamos falar nestes dias, em torno da agressão ao Panamá.

A imensa maioria dos países e dos líderes políticos da América Latina condenou de alguma maneira os fatos, uns com mais energia e outros de forma mais branda.

As instituições internacionais, em primeiro lugar o Movimento dos Países Não-Alinhados, condenaram energicamente os fatos. O Conselho de Segurança das Nações Unidas ainda não disse a última palavra, está discutindo o assunto; mas, como vocês sabem, os Estados Unidos desfrutam do sacrossanto direito de veto, usado por eles em inúmeras ocasiões.

O Secretário Geral das Nações Unidas disse que deplora os fatos de violência. Acho, sinceramente, que este não é o momento de deplorar os fatos, e sim de condenar os fatos. Tem manifestado a esperança de que a paz seja alcançada; mas este não é o momento de expressar a esperança de que a paz seja alcançada e sim de exigir a retirada das tropas invasoras ianques.

Claro que não é fácil exercer importantes funções nas Nações Unidas, porque os que são eleitos ali dependem do apoio do Conselho de Segurança, e basta um só membro dos que desfrutam desse irritante e antidemocrático privilégio do direito de veto, para que possa ser vetada a eleição de qualquer dirigente das Nações Unidas.

A OEA, embora não seja a mesma porcaria de há 30 anos, está longe ainda de ser uma instituição modelo. Desta feita os ianques não conseguiram a cumplicidade da OEA; desta feita os ianques não conseguiram fazer o que fizeram com Cuba, que a OEA apoiasse suas medidas agressivas; desta feita não conseguiram fazer como em São Domingos em 1965, quando depois do golpe arteiro

conseguiram que a OEA apoiasse uma resolução enviando também tropas. Desta feita, apesar das numerosas manobras no seio da OEA na procura de apoio para seus planos de agressão contra o Panamá na área política, não alcançaram seu objetivo, e quando enviaram suas tropas agora, não conseguiram que a OEA apoiasse a ação, e muito menos que aderisse ao envio de tropas.

Desta feita a OEA condenou o agressor e a vítima, condenou a agressão dos Estados Unidos e condenou o governo agredido, coisa insólita mas, apesar de tudo, um avanço, poderíamos dizer, um avanço considerável.

Muitos governos do mundo condenaram o crime, inclusive muitos governos capitalistas, muitos governos ocidentais, porque sabem que é uma selvageria, uma barbárie, um golpe à paz na América Central, contra a estabilidade na América Central, onde há importantes problemas sem resolver; um golpe contra a estabilidade na América Latina, onde há tantos e tão graves problemas sem resolver; um golpe contra a estabilidade da política mundial; um bofetão e uma humilhação para a política de paz soviética.

Nós advertimos há mais de um ano, desde o ato com os milicianos da capital na Praça da Revolução, e depois em numerosas ocasiões, e há apenas alguns dias nos funerais dos companheiros que tombaram em missões internacionalistas, o que pensávamos da interpretação imperialista da paz, e expressamos o que achávamos dos perigos da situação atual, da evolução de um mundo bipolar para um mundo unipolar, sob a hegemonia dos Estados Unidos, do papel multiplicado de gendarme desse país que já não se detém perante nenhum hemisfério, e intervém da mesma maneira na Ásia, na África, na América Latina; o direito de dizer qual é o governo que deve ter cada país e qual não deve ter.

Assinalamos que a única garantia e segurança que poderiam ter nossos povos é a que formos capazes de conquistar com nosso heroísmo.

É pouca a confiança que se pode ter no direito internacional hoje, quando vemos estas coisas. É pouca a confiança que se pode ter nas instituições internacionais, quando vemos estas coisas, e outras que já vimos. É pouca a confiança que podemos ter no Conselho de Segurança, que não termina de parir sequer uma resolução, mesmo que seja medíocre, julgando os fatos, e discute quem é o representante do Panamá, se o representante do fantoche que foi colocado ali, ou o representante do governo agredido e reconhecido por dezenas de países no mundo, discutem isso! Até a OEA foi capaz de dizer que o representante aceito era o do governo do Panamá, do governo torrijista do Panamá, do governo antiimperialista do Panamá; o "flamante" Conselho de Segurança das Nações Unidas ainda não definiu nem isso!

Disto temos de tirar as lições que, não por sabidas, devem deixar de ser meditadas continuamente. Não sou pessimista, porque acredito nos povos, e acredito particularmente nestes povos da América Latina, tão humilhados, taõ saqueados, tão explorados, tão agredidos; porque acredito nesta mistura de índios, negros, espanhóis e europeus, e inclusive de asiáticos, que formam nossos povos!, ou pelo menos, de maneira especial, nosso povo, e em maior ou menor grau a América Latina. Eu acredito nesses povos, não por uma questão de fé, e sim por tê-los visto lutando, tê-los visto no combate. Admiro a forma em que hoje os latino-americanos desprezam — e estou me referindo aos povos, porque há governos que ainda não são suficientemente corajosos para enfrentar os fatos — o poderio imperialista; e qualquer país, seja qual for seu tamanho, combate.

Os granadenses combateram; os nicaragüenses combateram contra o exército genocida de Somoza, que foi criado pelos Estados Unidos; contra as invasões mercenárias, contra a guerra imposta pelos Estados Unidos, como antes Sandino tinha combatido contra os ianques; os salvadorenhos têm combatido com heroísmo insuperável; e têm combatido com heroísmo igualmente extraordinário os patriotas panamenhos.

Sem nenhuma exceção, os povos estão perdendo o medo à soldadesca do império!

Não falo de Cuba, não temos que falar, sabemos bem o que lhes esperaria se visassem algum dia invadir nossa Pátria! Creio que eles o sabem — e se não sabem deviam sabê-lo —, porque não perdemos o tempo, porque enfrentamos esse império durante 30 anos, e porque quanto mais agressivo se tornava esse império, nos preparávamos para enfrentá-lo com nossas próprias forças, que são suficientes para defender a Pátria; Pátria que seria defendida não só com heroísmo insuperável, mas também com os melhores meios técnicos a nosso alcance, com as melhores concepções militares e políticas, com a melhor estratégia, com a melhor tática, que não começou a gerar-se há 30 anos com esta Revolução, e sim há mais de 120 anos durante nossa primeira guerra pela independência.

De maneira que um só município, o menor do nosso país, poderia travar uma longa guerra contra todas as tropas usadas pelo imperialismo no Panamá. Dessa maneira nos preparamos e treinamos. Temos centenas de milhares de quadros militares, e temos um Partido experiente e aguerrido, e temos um povo com uma coragem e patriotismo excepcional; sempre foi patriótico, mas nunca foi tanto como hoje; sempre foi revolucionário, mas nunca tanto como hoje, pela experiência acumulada nestes anos de Revolução, pela experiência acumulada no campo internacional, pela observação constante dos fenômenos e da evolução do mundo.

E afirmo que os imperialistas, façam o que fizerem!, não conseguirão jamais dobrar Cuba, e não conseguirão manter submetida a América Latina por tempo indefinido, e que terão de enfrentar cada vez mais aos povos mas conscientes, cada vez mais cansados de seus abusos e injustiças, de seu saque; que o imperialismo poderá submeter cada vez menos aos povos do Terceiro Mundo, sejam quais forem suas manobras politiqueiras, sejam quais forem suas conspirações, inclusive seus êxitos, contra determinados países do campo socialista.

Estou convencido de que, façam o que fizerem!, essas aspirações de tornar-se gendarme do mundo, de serem donos do mundo, de serem proprietários do mundo, serão frustradas, sejam quais forem suas armas, mesmo as nucleares, sabemos que isso não assusta; e sabemos porque uma vez já nos ameaçaram em usá-las, e acho que ninguém perdeu o sono neste país.

Tenham o que tiverem!, não importa o grau de sofisticação de suas armas, porque o que o homem leva dentro, o que leva dentro do peito, o que leva na consciência, o que leva na inteligência, vale mais do que a vantagem de suas armas sofisticadas.

Nós o sabemos por nossa própria história mais de uma vez, porque afinal iniciamos nossa guerra de libertação virtualmente sem armas, e com as armas inimigas que tinham sido entregues pelos Estados Unidos fizemos e ganhamos a guerra. Não é a situação atual, em que temos milhões de armas, milhões! Inclusive fabricamos armas; mas, além disso, contamos com as armas dos invasores, porque sabemos como podemos tirá-las deles e usá-las contra eles.

Acho que só uma consciência justa da força de nossos povos, do valor dos homens e das mulheres, do valor das nações, é a garantia mais segura. Mais do que nessas tão faladas leis internacionais, mais

do que nessas desprestigiadas instituições internacionais, acreditamos nos povos, acreditamos nessa coragem; acreditamos nessa dignidade do homem para continuar marchando pelo caminho do progresso, para continuar marchando pelo caminho da independência, para continuar marchando pelos caminhos da verdadeira liberdade e da verdadeira dignidade!

Falo aqui com atletas, mas sabemos que nossos atletas são também soldados da Pátria, porque estão dispostos, como disseram mais de uma vez, a defender sua Pátria, não só no campo do esporte, mas também nos campos de batalha.

Porque conhecemos o patriotismo com que lutam nossos atletas, a moral e a honra com que lutam nossos atletas, o amor com que defendem nossa formosa bandeira em qualquer parte do mundo, a honestidade e integridade de sua conduta, que nenhuma pressão, que nenhuma campanha mentirosa podem desviar, nem todo o ouro do mundo é capaz de comprar!, falo hoje, e diante deles expresso estes sentimentos e estes pensamentos, porque agora não é para falar de outro tema.

Vocês, atletas, sabem que quanto melhor treinados estejam, quanto melhor preparados, mais certa é a vitória; e é importante e decisivo o coração, a inteligência e o pensamento, mas que também é decisivo o treinamento, e por isso, nos últimos anos nosso Partido e nosso Estado revolucionário têm dedicado tanta energia, tanto tempo e tantos recursos para preparar o povo para a guerra de todo o povo. Porque se chegar essa hora dura, é bom saber atirar ao coração, é bom saber atirar à testa, é bom saber atirar com o que tenhamos que atirar, mesmo que os invasores venham com seus coletes anti-balas, porque somos capazes de fazer minas que os farão voar pelos ares a 100 metros de altura. Seria a única forma de bater os recordes de Sotomayor.

Temos armas de todos os calibres e de todas as penetrações, e vamos ter a pontaria de saber atirar onde tenhamos que atirar, mesmo que venham com uma armadura mais grossa do que traziam os cavaleiros espanhóis na conquista deste hemisfério, ou em suas guerras medievais.

Que esta experiência adicional sirva para reafirmar nossa consciência de que devemos estar cada vez mais preparados e cada vez mais organizados para que os bárbaros, os selvagens, os monstruosos imperialistas não ousem jamais cometer agressão

semelhante contra nossa Pátria! Ou tenham de pagar o preço que vão pagar se ousarem fazê-lo!

Parabéns, companheiros esportistas, pelos êxitos e pelos troféus!

Termino como Sotomayor, essa glória de nosso esporte, que disse hoje: Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Fragmentos do discurso pronunciado em 30 de dezembro de 1989 no ato de inauguração de onze policlínicos na Cidade de Havana, realizado no policlínico "Carlos Manuel Portuondo Lambert", em Marianao

(...) Ganha impulso o movimento de *círculos de abuelos*[1], com surpreendentes resultados na melhoria do estado de ânimo e de saúde dos idosos, com redução de doenças e do consumo de remédios. Esse movimento ganha força e estabelece uma nova dimensão do desenvolvimento social; um setor da sociedade, em geral, não atendido adequadamente, um setor relativamente esquecido; fala-se das crianças, dos jovens, etc., e, em geral, as pessoas se esquecem dos problemas psicológicos, dos sofrimentos dos idosos.

Em nenhuma sociedade capitalista se vê esse tipo de preocupação. Nosso sistema deve-se preocupar não somente pelas suas condições de vida, pelos recursos materiais de que dispõe, por sua residência — muitas vezes é preciso criar as instituições de lares de idosos e deverá ser feito para aqueles casos em que ficam absolutamente sós —; pensões e lares de idosos não é suficiente, é necessário preocupar-se pela vida do idoso, pelo seu estado emocional, como se sente depois que deixou de trabalhar, como é considerado socialmente, como o respeitam, como organizar suas vidas.

Hoje mesmo vimos aqui um coro de mulheres idosas, ouvimos o hino deles escrito por uma delas, e me contavam como organizavam excursões à Ilha da Juventude, ao campo, a lugares históricos, a Varadero. Em tom de brincadeira lhes perguntei que maiôs usavam;

1 Grupo de pessoas idosas que se reúnem para realizar atividades físicas, culturais e de recreação de acordo com sua idade e interesses sob a orientação das direções provinciais e municipais de Saúde.

não me atrevi a perguntar-lhes se usavam biquinis, mas algumas delas, muito sorridentes, me disseram: "Escute, eu uso os de mil oitocentos e tanto" e outras brincavam. Outras me dizem: "Eu uso uma bermuda e uma blusa, porque biquinis destes não ponho", mas com uma grande dignididade, com um grande respeito a si mesma.

Perguntei qual o lugar que mais gostaram e me dizem: "Gostamos muitíssimo da Ilha da Juventude". Viajaram de avião? "Não, fomos no Cometa"[2]. Sentiram medo? "Não, medo por quê?" Podia-se vê-las realmente muito bem. Estavam saudáveis, enérgicas, alegres e penso que isso é uma coisa fundamental, à medida que progrida a ciência médica, à medida que se garanta a saúde à população. O número de pessoas com mais de 60, 70, 80, 90 e até 100 anos, aumenta; em Cuba já é elevado o número de pessoas com mais de cem anos e crescem os de mais de 80 e de 90 e na medida que avance a ciência médica, viverão mais.

É preciso dar um lugar de honra na sociedade a essas pessoas que dedicaram sua vida ao trabalho, é preciso expressar-lhes uma especial consideração e criar condições para que vivam do modo mais feliz possível. Os psicólogos conhecem o tipo de inquietudes que as pessoas têm em diferentes idades. O tipo de amargura e angústias que sofrem, é preciso ajudá-las nessa luta. Poderíamos dizer que do mesmo modo que se ajuda o jovem, o adulto, a criança, deve-se ajudar o idoso. Em nosso país, estas idéias, estes conceitos ganham força e surgem novas possibilidades de realizá-los.

Em nosso país, um dia poderemos oferecer creches a todas as crianças que necessitem. Atualmente oferecemos aos filhos das mães que trabalham; como dissemos outras vezes, oxalá um dia possamos oferecer a todas as crianças pela grande importância que exerce a creche no desenvolvimento mental e físico da criança; e nossa sociedade será o único sistema social capaz de oferecer atenção ao homem até o último segundo de sua vida. E poderíamos — parodiando Frank[3] — dizer: Isso é socialismo!

Experimentem perguntar pelos idosos num país capitalista. No mais rico de todos, no mais avançado tecnologicamente, que é os Estados Unidos, há milhares de idosos abandonados nas ruas — na luxuosa Nova Iorque, nas famosas cidades de Chicago, Califórnia, etc. — e quando vêm ondas de frio como esta, morrem dezenas e centenas.

2 Embarcação que faz o trajeto entre Havana e a Ilha da Juventude.
3 Dr. Frank Tobey Haza, diretor provincial de Saúde da Cidade de Havana.

Recentemente li um telex, o qual explicava que muitos destes pobres abandonados simulam delitos ou fazem qualquer violação da lei para que os levem à cadeia quando vem uma onda de frio, com medo de morrer de frio e fome nas ruas.

Falo de idosos, mas nesse país há milhares de crianças nas ruas. Uma vez li uma cifra verdadeiramente impressionante, por volta de 100.000 crianças desaparecidas, dessas que se perderam e não se soube mais delas. Esse é o capitalismo!

Vá a Nova Iorque e pergunte aos operários e às operárias se todos seus filhos têm creches, com duas enfermeiras, pelo menos; e em muitos deles já com duas enfermeiras, há também um médico. Perguntem aos habitantes dos bairros de Nova Iorque se têm policlínicos para cada cidadão, e se os policlínicos vão estar abertos 24 horas, com médicos de plantão, tal como se propõe a direção de saúde da capital, para que aí os atendam a qualquer hora do dia ou da noite, lhes tirem uma radiografia caso seja necessário, ou façam um eletrocardiograma; um exame do coração, uma análise de laboratório, a qualquer hora do dia ou da noite.

Pergunte ao habitante nova-iorquino se a 100 metros de sua casa há um médico da família de plantão, a qualquer hora do dia ou da noite e sem que lhe cobre nada, nem pela consulta, nem pelo raio X, nem pelo exame de laboratório, nem pela visita do médico.

Pergunte ao habitante de Nova Iorque com a pressão alta, com diabetes, ou certos problemas respiratórios, ou certos problemas cardíacos, ou certos problemas renais, se periodicamente um médico passa por sua casa para perguntar como está de saúde, como reage ao medicamento, como cumpre as indicações que recebeu, como se sente. Feito com carinho, com amor por um jovem médico ou uma jovem médica, sem cobrar-lhe um centavo. Perguntem ao habitante de Nova Iorque.

Perguntem se necessitou de um transplante renal numa sala cirúrgica com todo o equipamento necessário, transplantam o rim que necessita, sem cobrar-lhe um centavo. Ou se lhe fazem uma cirurgia de miopia, que não é um luxo, que não é uma questão estética, senão uma necessidade para melhorar suas condições físicas, em todos os sentidos; não se trata de usar ou não usar óculos, mas poupar a pessoa da necessidade de usá-los e garantir-lhe um nível de visibilidade altamente satisfatório.

Sobre muitas dessas coisas de que falamos, deveria perguntar às mulheres de Nova Iorque: se o governo tem algum programa para

prevenir o câncer da mama e do útero, se tem algum programa para prevenir as doenças das crianças. Aquele que tem dinheiro tem todos os programas que quiser, e pagando caro; o resto da população não tem, o operário não tem. Porque ainda que os salários sejam altos e notavelmente altos, mais notavelmente alto é o que tem que pagar pelo aluguel de uma casa, pelo transporte público. Se em Nova Iorque tem que pagar um dólar para fazer uma viagem, aqui com um peso podem fazer 10 viagens, os cidadãos honrados que pagam a passagem. Gastam os salários em aluguel, transporte, muitas vezes um luxo. Quando ficam doentes aí sofrem as piores conseqüências.

Os países capitalistas ricos necessitam de muitos destes programas que temos e que teremos, já não falamos do capitalismo pobre. Há dois capitalismos· o rico daquelas antigas metrópoles que saquearam o mundo e o capitalismo dos saqueados, dos que foram colonizados durante séculos, aqueles a quem se impôs o subdesenvolvimento e a pobreza. Desses países melhor nem falar.

Aqui estamos levando a efeito uma batalha para baixar a mortalidade infantil de 11,9 a 11, de 11 a 10, e de 10 a 9 em cada mil nascidos vivos no primeiro ano de vida. Estamos levando a efeito uma tremenda batalha! Não mencionei, por exemplo, que nos últimos anos instalamos serviço de terapia intensiva pediátrica em todos os hospitais pediátricos do país; não mencionei o número de consultas que se faz a cada mãe; não mencionei os serviços ou cuidados intensivos perinatais que estabelecemos em todos os hospitais do país, começando pela capital nos últimos anos, para todas as crianças, para todas as mães. Essa é uma bela frase que somente o socialismo pode pronunciar, a palavra todos, ou a frase para todos: para todos os doentes, para todas as crianças, para todas as mães, para todos os seres humanos, para os jovens e para os idosos.

Vencer batalhas para reduzir de 11 a 10 — este ano lutamos para reduzir de 11,9 a 11, ou a menos de 11; penso que ficará por volta de 11 — e depois baixar a 9. Vocês já devem ter ouvido que alguns municípios da capital estão abaixo de 10, há alguns que estão mais altos. Perguntei nesta mesma área e me falaram da incidência das malformações congênitas incompatíveis com a vida, diziam: "É preciso estudar isso". Estou de acordo, é preciso estudar isso: o que aconteceu em Marianao, que tem uma taxa mais alta, quais são os fatores; temos que saber para conseguir os objetivos de ir dando

cada vez mais tranqüilidade a cada mãe que teve um filho ou que vai ter um.

Nós lutamos para baixar de 10 e outros estão em mais de 100, ou mais de 80, ou mais de 60. Milhares de crianças morrem neste hemisfério, na América Latina, porque não lhe deram um comprimido a tempo, porque não cortaram uma diarréia a tempo, porque não lhes aplicaram uma vacina a tempo.

Milhares de crianças morrem praticamente porque aos responsáveis desses países lhes dá vontade de que morram. Esse é o capitalismo no Terceiro Mundo, esse já não é o capitalismo de Nova Iorque, nem o de Washington. E no de Washington, com toda a riqueza que possuem, têm três vezes mais mortalidade infantil que a capital da República de Cuba. Lá em Washington os cavalheiros estão acima de 30, os invasores, os semeadores de justiça e de democracia no mundo com a ponta da baioneta de sua soldadesca mercenária, que invadem países para levar-lhes a "liberdade", para levar-lhes a "democracia".

Acontece que aí mesmo estão morrendo milhares de crianças e não são capazes de salvar-lhes a vida; talvez com o que gastam em muitos desses tanques com que fazem suas aventuras militares poderiam salvar a vida de milhões de crianças aí mesmo, nos Estados Unidos, já não vou dizer no Terceiro Mundo.

Os estadistas e os cientistas calcularam o que é necessário para salvar a vida de 12 a 14 milhões de crianças no Terceiro Mundo. Temos uma cifra suficientemente eloqüente: são 40.000 por dia, são cerca de 14 milhões ao ano — de acordo com os relatórios da UNICEF — que poderiam se salvar e não se salvam; e não se salvam porque existe o subdesenvolvimento, e existe o subdesenvolvimento porque existe o colonialismo. Não se salvam porque existiram o colonialismo e o imperialismo; não se salvam porque existem o capitalismo e o imperialismo, porque saqueiam esses povos, porque lhes exportam tudo cada vez mais caro, incluindo os remédios e lhes compram cada vez mais barato suas matérias-primas.

O capitalismo e o imperialismo assassinam quatorze milhões de crianças todos os anos! O capitalismo e o imperialismo disparam cento e quarenta bombas atômicas como as de Hiroshima e Nagasaki contra as crianças do Terceiro Mundo e às vezes não podem salvar nem seus próprios filhos, como é o caso que relatava da mortalidade infantil na capital do império.

Não há nenhum exagero quando se fala de que há dois sistemas, duas concepções de vida; claro que a pior parte sofre o capitalismo pobre, o capitalismo subdesenvolvido.

É assombroso ler um jornal, um telex e ver que em alguns destes países morrem 60 crianças em 1.000. Para conseguir uma redução da mortalidade infantil, ao nível que Cuba tem hoje, é necessário uma medicina mais sofisticada; mas não seria muito o que se deve gastar para reduzir essa mortalidade de 60 a 20, de 80 a 20, de 100 a 20. Claro, depois fica outro problema, porque aqui falam das que morreram, não se fala das que não morreram; poderia parecer que as que não morreram crescem saudáveis e vigorosas, que são umas maçãzinhas: crescem magras, raquíticas, com o organismo não desenvolvido suficientemente, com o cérebro não desenvolvido, conseqüência da fome nos primeiros dias, nos primeiros meses e nos primeiros anos de vida; desde o seio materno sofrem as conseqüências da fome.

É preciso perguntar quantos governos andam por aí fazendo programas para elevar o peso das crianças ao nascer, para atender a todas as grávidas com dificuldades ou com riscos, quantos governos, onde e quando. Pode-se esperar isso do capitalismo? O capitalismo em nosso país ia longe: havia donos de funerárias que faziam negócio com os hospitais, donos de funerária que faziam negócio com o hospital psiquiátrico que existia antes da Revolução. Ali levavam os homens para morrer, como em muitos hospitais públicos que levavam o homem para morrer. Esse é o capitalismo, o egoísmo, a exploração do homem, o homem convertido em fera do homem, em devorador de homens, em inimigo dos demais homens.

Não é isso o que alguém vê quando chega a uma creche e se encontra com mocinhas que estudaram nas escolas de assistentes de creche, receberam cursos e atendem às crianças com o mesmo amor com que se atende ao próprio filho e se pode vê-las desmanchar-se em atenção e cuidado por essas crianças; ou o que se pode encontrar quando se chega a um policlínico como este, desde que entra, do diretor a secretária do núcleo do Partido, a secretária da Juventude Comunista, a secretária ou o secretário do sindicato, ou se encontra com o primeiro médico, ou o segundo, ou o chefe do departamento de odontologia, ou o funcionário que atende os raios X. O que se pode ver nesses homens? Ambição, avareza, ânsia pelo dinheiro, ou o pleno desejo de servir àquele, seu compatriota que chega ali e necessita de seu apoio? Quais são os rostos que nós vemos? Rostos de ódio, rostos de negociantes, ou rostos de seres nobres, consagrados a atender aos demais e atender a uma criança como queria que atendessem à sua, e atender um pai como queria que atendessem ao seu, ou atender a uma irmã de alguém com o mesmo carinho que atenderia a sua própria irmã?

Isso é o socialismo! O socialismo educa assim, porque por trás de cada serviço há uma mão estendida pedindo uma propina, pedindo que lhe paguem. E se isso por exceção aconteceu em algum país socialista, é porque a formação do homem falhou e o desenvolvimento da consciência, no meio de mecanismos alienantes, não ocupou o lugar necessário. Porém, aqui em nosso país, afortunadamente não vemos isso, nem veremos jamais.

Aspiramos, e temos certeza de que cada vez mais teremos melhores médicos, melhores enfermeiras, melhores técnicos; e melhores enfermeiras não simplesmente em seu comportamento pessoal, mas também em sua formação científica.

Em nossas faculdades de medicina já estudam juntos o futuro médico e os futuros ou futuras licenciadas em enfermaria; já são considerados de nível superior, como estamos fazendo com os professores primários.

Seguiremos em frente com estes programas! Se querem que desapareçamos da face da Terra, porque queremos estes programas, que nos desapareçam da face da terra! Preferimos desaparecer da face da terra do que viver num sistema social onde cada um quer saquear aos demais, oprimir aos demais, explorar aos demais! Veremos se podem desaparecer-nos, porque esta Revolução, este país — e que ninguém se engane! — é um osso muito duro de roer.

Continuaremos com nossos programas. Sabemos os hospitais que nos faltam aqui; quando devem ser construídos, todos os programas que se desenvolvem e pensamos — agora não é urgente — que se necessita um hospital pediátrico como o "Juan Manuel Márquez" no leste da capital e outro no sudeste para uma melhor distribuição geográfica destes hospitais.

Sabemos que necessitamos outro hospital clínico-cirúrgico para o leste e um para o oeste. Enfim, neste campo da saúde — e em outro, não somente neste —, iremos avançando. Teremos tudo o que necessitamos neste campo: teremos todos os clubes de idosos que necessitemos, com o apoio de todos os médicos da família; teremos em mais uns anos mais de cem por cento da população com médico da família, e todas as creches com médico da família e todas

as fábricas importantes com médico da família e todas as escolas importantes com médico da família. Como a casa-consultório é maior e inclui também a casa da enfermeira, o esforço necessário em sua construção é muito maior; por isso reduzimos um pouco o número das que vamos construindo e vamos incorporando um maior número a estas instituições.

Nossos programas continuam e não demoraremos muito em ter cem por cento na capital. Já dissemos: cem por cento dos policlínicos e amanhã poderemos dizer: cem por cento das escolas especiais e, praticamente podemos dizer: cem por cento das creches da demanda mais urgente, da demanda que conhecíamos e acima da demanda que conhecíamos. E se é preciso fazer mais, faremos mais, quem faz um faz cem, e quem faz cem faz 10.000, nada nos assusta se temos que continuar.

Para que tenhamos alimento para as creches estamos desenvolvendo a agricultura, investindo alto na agricultura, desenvolvendo importantes planos alimentícios para dispor de mais leite, mais ovos, mais carne, mais alimento, mais legumes, mais vegetais, mais arroz, de tudo o que seja preciso para ter as creches que se necessitam.

Já sabemos o que cada escola especial gasta no consumo de alimentos e cada creche também; porém, são extraordinários os esforços que realiza o país nestes momentos para dispor de todos esses recursos, como extraordinário também é o esforço feito no desenvolvimento da indústria de materiais de construção.

Ontem, inauguramos várias delas e vamos ter tijolos e, principalmente, blocos, lajotas e mosaicos, etc. Sabemos quantas lajotas se utiliza num policlínico, numa creche, quantos tijolos, os blocos, tudo. Alguns desses recursos são mais fáceis de conseguir, outros mais difíceis. Ontem nós falamos da necessidade de poupar para dispor de tudo isso.

Bem, voltando ao nosso assunto: na capital, teremos todos os médicos da família e nas instituições também, todos os hospitais que necessitamos, todos os serviços dos mais modernos e sofisticados.

E quando começarmos a construir lares para idosos, vamos ver se fazemos ou não lares de idosos no ritmo que seja necessário fazer lares de idosos; referimo-nos àquele idoso que não tem ajuda doméstica, como se diz, amparo familiar.

Continuaremos desenvolvendo novos medicamentos, novos programas preventivos; o melhor da ciência médica começa já a estar e estará num grau cada vez maior ao serviço de nosso povo.

Para a classe médica, deve ser muito estimulante o fato de termos inaugurado hoje o policlínico número 20 — e quem faz 20 faz todos os que tenha vontade —, e esperamos poder terminar esse ano de 1989 com obras como esta.

Os fatos valem mais que as palavras, dissemos isso outras vezes, os fatos é o que importa! Aos charlatães é necessário responder com fatos e calar a boca dos teóricos do capitalismo, dos defensores do capitalismo, porque esse regime desumano, esse lixo, essa porcaria terá que acabar mais cedo ou mais tarde.

Se me falta algo para dizer era referir-me a uma coisa emotiva; faz algum tempo, apenas um ano, um jovem de 25 anos, combatente do Ministério do Interior, perdeu a vida quando perseguia um delinqüente. Os companheiros do Ministério do Interior ajudaram construir este policlínico. Como vocês sabem, em cada uma destas obras muitos deles participam e nos deram uma ajuda especial, por isso o Poder Popular decidiu dar a este policlínico o nome do combatente morto, "Carlos Manuel Portuondo".

Eu dizia a alguns companheiros: Esperamos que vocês possam salvar muitas vidas neste policlínico, ainda que este policlínico nos lembre a perda de um jovem valioso na flor da idade; nos resta o consolo de saber que vocês, em troca, vão salvar incontáveis vidas com os serviços que prestarão neste centro.

Não tenho nada mais a acrescentar, não sei se competi com Frank, porque eu disse: Frank falou tudo; mas agora percebo que faltaram algumas coisas a Frank.

Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Palavras pronunciadas nos primeiros minutos do dia 28 de janeiro de 1990, por ocasião do 137 °aniversário do nascimento do Herói Nacional José Martí

Embora ninguém tenha me pedido, se vocês quiserem posso dizer algumas palavras.

Estava aí embaixo com vocês e vivi esses minutos emocionantes em que se comemora o 137° aniversário do nascimento de Martí. E eu meditava, pensava ao mesmo tempo que me comovia junto com vocês ouvindo a Sara, Amaury e outros companheiros cantando esses hinos tão lindos que sempre nos gostaram tanto.

Pensava: Bem, os cristãos comemoram o nascimento de Cristo, celebram missas, há outras cerimônias, recordam com veneração e com respeito aquela figura que constitui o centro de suas crenças religiosas. No Ano Novo, todo mundo também se reúne, espera as doze badaladas e experimenta emoções de todo tipo, que no caso particular de Cuba coincide também com a emoção do triunfo da Revolução.

O que menos podemos fazer nós numa noite como hoje, um minuto como hoje, senão recordar também, poderíamos dizer com um sentimento quase religioso aquele dia em que nasceu José Martí.

Devo confessar-lhes que para mim foi um dia de grandes emoções e quando já terminava a cerimônia e parecia que era hora de ir-me embora, de irmos todos, perguntei a mim mesmo, que devo fazer, ir-me simplesmente, ou pelo menos, devo dizer-lhes algumas palavras?

Repito, foi um dia de grandes emoções, porque foi também um dia de grandes simbolismos.

Hoje, os estudantes iriam comemorar aquele 37º aniversário de uma marcha similar a esta. Hoje, e de uma maneira casual, sem que ninguém programasse ou o concebesse previamente, já estava finalizando o XVI Congresso de nossos trabalhadores e quando se soube que os estudantes fariam a passeata, todos os delegados do Congresso quiseram marchar também junto aos estudantes até o monumento de Martí.

Quantas coisas de um extraordinário simbolismo, a união de nossa classe operária, de nossos trabalhadores, dos criadores de todas as riquezas passadas, presentes e futuras de nosso país e dos estudantes, para dirigir-se até este Parque comemorando aquela marcha de mais de 37 anos e num momento em que nos ameaçam mais do que nunca. Para nós teria que ser emocionante, muito emocionante, ao fim de 37 anos, voltar a sair da mesma escadaria, da mesma escadaria até este mesmo ponto.

Chegamos rápido, foi como uma espécie de treinamento. Eu dizia a mim mesmo: Quanto tempo faz que não ando a pé por essa rua San Lázaro, onde tantas vezes marchamos em outros tempos; há quanto tempo não caminho pelo Paseo del Prado onde tantas vezes passei em outras ocasiões.

E dizia a mim mesmo: Se não fosse um dia como hoje não teria a oportunidade de passear por essas ruas! E disse: Bem, os anos se passaram mas o passo ainda se mantém firme.

Calculamos que a passeata duraria mais ou menos uma hora e dez minutos, porém foi mais rápida, com espírito de *contingente*[4], em 50 minutos. Digo: Que bom! e via, principalmente, a juventude, os estudantes de hoje, via alguns dos companheiros daquele tempo, via a cidade, via o povo, e sabem o que pensava?: Como se poderia tomar uma cidade como esta, com um povo como este? Via algo mais, via nossa juventude saudável, forte, enérgica e me perguntava como poderia esse império por poderoso que seja dominar este país e sentia uma enorme confiança, infinita confiança em nosso povo.

Meditava e pensava nos tempos passados e me recordava não só de Martí, recordava nossos combatentes da Guerra de Independência, recordava Maceo, recordava aquele pequeno povo, cuja independência nascia, cuja nacionalidade nascia, lutando durante 10 anos contra um dos mais poderosos impérios daquela época, contra um dos mais poderosos exércitos daquela época e pensava que mesmo depois de dez anos de luta, quando o país estava arrasado,

4 Brigadas de construção de alta produtividade.

quando já não havia alimentos, quando não havia nem uma vaca, nem uma galinha com que se alimentar, Antonio Maceo foi capaz do *Protesto de Baraguá*[5] e da expressão de sua vontade de seguir lutando.

E me dizia: este é nosso povo! Este é o povo a quem o destino lhe deu hoje o privilégio de abandeirar-se das idéias mais revolucionárias e mais nobres que a humanidade concebeu. Este é o povo capaz de defender essas idéias ainda que tivesse que defender sozinho, porém não teremos que denfendê-las sozinhos porque agora não vivemos em 1868, em 1878, nem em 1895, nem em 1898, quando éramos ignorados ou quando desembarcaram aqui as tropas ianques para arrebatar-nos a vitória.

Hoje somos um povo em que todo o mundo, de qualquer canto da Terra tem os olhos fixos em nós e se perguntam se nós seremos capazes de resistir porque sabem que esta é hoje a mais digna trincheira do mundo.

Não somos o povo ignorado de 1868 ou de 1878, não somos o povo ignorado de 1895 ou de 1898, sabem que aqui nesta pequena ilha podem estar em jogo os destinos do movimento revolucionário no mundo, não os destinos do movimento revolucionário em Cuba, mas os destinos revolucionários no mundo, porque a história nos concedeu o privilégio de estar aqui frente ao império, a apenas umas milhas do império mais poderoso que jamais houve sobre a Terra e se trata de que este pequeno país pode ser ou não tragado por este império.

Por isso o que fizermos terá transcendência na história e por isso temos que ser capazes de atravessar-nos na garganta do império até rebentá-lo, caso se atrevam a agredir nossa terra.

Esse homem insigne, cuja memória recordamos, cujo nascimento recordamos hoje, nos disse uma vez: Trincheiras de idéias valem mais que trincheiras de pedras. E hoje somos uma gigantesca trincheira de idéias, trincheira revolucionária, trincheira moral.

E se uma vez houve Zanjón e aqueles que desertaram em momentos difíceis, digo que em nosso povo jamais haverá Zanjón.

E se depois de um Zanjón houve uma vez Baraguá, digo que o futuro de nossa Pátria será um eterno Baraguá.

5 Lugar onde Antonio Maceo protestou contra o Pacto de Zanjón, o qual promovia a paz, porém sem independência de Cuba. Nesse momento Maceo expressou sua decisão de continuar a luta.

Aqui, neste 137° aniversário diante da estátua de José Martí, dizemos e juramos que sempre seremos leais e invencíveis seguidores de Martí, que sempre seremos leais e invencíveis seguidores de Maceo e com eles dizemos hoje que quem tente apoderar-se de Cuba recolherá o pó do seu chão molhado em sangue, se não perecer na batalha.

Socialismo ou Morte! dizemos aqui diante da estátua de Martí!

Pátria ou Morte, José Martí!

Venceremos!

Discurso pronunciado no encerramento do XVI Congresso da Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC), em 28 de janeiro de 1990.

Respeitados convidados,
Companheiras e companheiros delegados do XVI Congresso:

Talvez, alguns de vocês perguntaram se venho muito emocionado a esta tribuna, bem não é assim porque é impossível viver mais emoções do que as que vivemos estes dias.

Todo o Congresso, poderíamos dizer, foi motivo de emoções ininterruptas e que culminou na noite de ontem com a passeata unida de trabalhadores, estudantes e todo o povo, saindo da escadaria da Universidade até a estátua de José Martí, cujo aniversário — como todos sabemos — comemora-se hoje. Prefiro refletir com calma e equanimidade.

Participamos de todos os congressos de trabalhadores desde o triunfo da Revolução, portanto estamos em condições de avaliar as mudanças e, nesta oportunidade, tínhamos plena consciência de que estávamos no congresso de trabalhadores que corresponde à etapa mais decisiva da história da Revolução.

Os outros congressos aconteceram em condições normais, mas este acontece em condições excepcionais.

Desde o primeiro minuto me pareceu ver uma extraordinária combatividade dos delegados, era o espírito que aqui reinava. Acho que foi uma excelente idéia vocês terem vindo com seus uniformes de milicianos.

Podia se observar também uma nova geração de quadros sindicais, uma representação de uma classe trabalhadora muito mais

preparada, muito mais instruída, muito mais educada, muito mais política, muito mais consciente e tão revolucionária como pôde ser em qualquer época de nossa história uma massa de delegados trabalhadores.

Ontem eu dizia que o congresso acontece em meio de uma confusão universal, e não se sabe quanto é importante ter a cabeça, a mente e as idéias claras, num momento de confusão universal.

Não sei se é totalmente correto falar de confusão universal, uma vez que a confusão acontece, fundamentalmente, no campo progressista, no campo das idéias verdadeiramente democráticas, no campo das idéias socialistas, no campo das idéias revolucionárias; porque os imperialistas não estão confundidos, eles sabem perfeitamente bem o que têm entre as mãos e sabem perfeitamente bem o que está em jogo nesse momento na história da humanidade.

Ontem pensava, em determinados momentos, às vezes quando não estavam presentes os convidados, outras na sua presença e eu me perguntava: Compreenderam bem este congresso? Entenderam o que está acontecendo aqui? Pensaram, por acaso, que reunimos aqui um grupo de tontos ou de pessoas sem critérios, sem pensamento; um grupo de covardes, incapazes de expor suas idéias ou seu inconformismo, ou exigir terminantemente determinados direitos ou determinadas prerrogativas? Pensaram se é ou não democrático este Congresso?

Houve até quem se assombrasse enquanto outros se admiravam de que um grupo do Burô Político estivesse presente neste Congresso. Perguntavam-se se isso por acaso não limitaria a liberdade de expressão dos delegados, se não os inibiria para expressar seus pensamentos. Porque claro que isso não é comum, não é o que ocorre no mundo, e muito menos o que ocorre no mundo capitalista de onde vêm muitos dos nossos convidados, e não se deve esquecer que quando falo de mundo capitalista falo de dois mundos capitalistas: o mundo capitalista desenvolvido das sociedades de consumo, que se fez rico saqueando o mundo durante séculos, além de saquear sua própria classe trabalhadora, e o mundo capitalista subdesenvolvido constituído por antigas colônias que foram saqueadas também durante séculos e às quais é virtualmente impossível o desenvolvimento, hoje.

Nesses países todos os ministros não se reúnem para dialogar com os trabalhadores, não se reúne todo o governo para prestar contas aos representantes dos trabalhadores, para responder cada

pergunta de cada delegado. Isso não se vê nem se verá jamais num país capitalista e o que é mais triste, não se viu sempre em todos os países socialistas, aqueles que se divorciaram das massas. Não se vê também a direção do partido governante presente num congresso de trabalhadores para prestar contas e para explicar e responder qualquer pergunta de qualquer dos delegados.

Por isso essa coisa incomum chamava a atenção, a alguns com satisfação, a outros com alguma suspicácia e a uns poucos com extrema suspicácia a qual se relaciona com essa época de suspicácia extrema neste mundo.

Havia outras coisas que também não era comum, como por exemplo ver a classe trabalhadora e seus representantes preocupados, em primeiro lugar, com todos e cada um dos detalhes da produção, por uma coisa muito simples: não é o congresso dos proprietários capitalistas.

Numa reunião de empresas de uma república burguesa, os representantes deveriam falar de todos os detalhes e problemas da produção, incluindo a tecnologia: o que fazer para economizar matéria-prima, para economizar energia, para economizar recursos, para recuperar peças, para fazer que funcione com disciplina e com eficiência capitalista cada uma das atividades da produção e dos serviços.

Numa reunião de proprietários numa república socialista, teriam que agir como se age numa reunião de proprietários capitalistas, porque aqui estão os proprietários das riquezas do país, aqui estão os proprietários do país.

Neste Congresso ninguém falou em nome da United Fruit Company, ninguém falou em nome das companhias que foram proprietárias das empresas de níquel, ninguém falou em nome das companhias elétricas, ou telefônicas, ou companhias ferroviárias, ninguém falou em nome das dezenas e dezenas de companhias e monopólios que eram proprietários das centrais açucareiras, ou de milhares de proprietários de nossas terras, ou de nossas minas, ou de nossas fábricas: aqui não se ouviu nenhum deles.

Talvez, muito menos num congresso de trabalhadores num país capitalista falem os proprietários, mas sim os trabalhadores, os explorados, os que entregam uma quota elevada da plusvalia em cada hora de trabalho; falam os marginalizados, os oprimidos, os escravizados. Somente depois de uma revolução socialista trabalhador e proprietário, trabalhador e dono da riqueza do país

são a mesma coisa, e não no sentido de proprietários de uma empresa, ou proprietários como equipe de trabalho de uma fábrica, como alguns quiseram introduzir de contrabando no pensamento socialista, mas sim como proprietários de todas as fábricas e como proprietários de todas as riquezas do país, que é o único e verdadeiro sentido que pode ter a propriedade socialista que não pode ser pura e simplesmente a propriedade de determinados meios de produção por um grupo de trabalhadores.

Entendi sempre, e entenderei sempre, que não pode haver outra concepção do socialismo que a propriedade de todo o povo sobre os meios de produção: somente assim é possível ter um Congresso como este, somente assim! Porque se assim não fosse o que teríamos seria a contradição e a luta, por exemplo, entre os proprietários dos meios de transporte e os proprietários das fábricas: não teríamos coisas parecidas à cadeia porto-transporte-economia interna tão famosa, senão a guerra entre o porto, o transporte e a economia interna.

A propriedade privada por grupos, em nosso conceito, não é nem jamais será socialismo, não passará de ser algo mais que um capitalismo por grupos, é como nós o entendemos, apesar de respeitarmos — penso não ser necessário dizê-lo — aqueles que interpretem de outra maneira o socialismo.

Nossos convidados viram aqui como se transcorreu este Congresso e a batalha de cada um dos delegados pelos interesses de todo o povo, pelos interesses de toda a sociedade, independentemente do que cada um expresse ou possa expressar, as peculiaridades e problemas de um determinado setor, como se discutiu aqui, citando um exemplo, o transporte e seus problemas e a maneira de organizar o transporte para que possa beneficiar a economia e a população; ou os problemas da construção, da agricultura, da ciência, da técnica. Seria longo e desnecessário repetir aqui quais foram todos os temas analisados neste Congresso, e em que lugar do mundo, se não no meio de uma revolução socialista profunda, poder-se-ia ouvir essa frase que tantas vezes se ouviu aqui: Não viemos pedir, não viemos pedir! Em que lugar estranho, em que planeta, em que canto deste mundo pode-se ver e ouvir essa frase num congresso de trabalhadores: Não viemos pedir, viemos dar! E, lógico que isso pode levar algum convidado a ter a impressão de que não o levaram a subir em um avião, mas sim em um foguete e o transladaram para outro planeta.

Assim foi nosso Congresso. Porém, foi mais que isso, porque foi um congresso que transpirava internacionalismo, que transpirava espírito revolucionário, que transpirava patriotismo por todos os poros, decisão e desejo de luta: foi um congresso que transpirava em todos os aspectos a unidade do nosso povo. Unidade, unidade, unidade! Que coisa tão estranha; a muitos neste mundo deve parecer-lhes também coisas de outro planeta.

Qualquer que leia a imprensa compreenderá isso, os processos políticos que se desenvolvem em sociedades atomizadas, ou que se estão atomizando, seguindo as trilhas da filosofia ocidental e capitalista. Isto deve ser evidente para qualquer um que veja — como se vê — 10 partidos, 15 partidos, 25 partidos, 35 partidos, 40 partidos numa eleição! Tantos partidos que rompem real e verdadeiramente por apenas um ponto a sociedade: pelo eixo, pela espinha dorsal. Que maravilha para o imperialismo ianque que tem somente um partido; ainda que um se disfarce com o emblema, acredito que de um burro ou de um elefante, e o outro com outro — os especialistas nisso devem saber —, mas é na realidade o partido do capitalismo, o partido do imperialismo, o partido dos monopólios, o partido das multinacionais, onde virtualmente não se distingue em nada a política de um e de outro porque os grandes crimes são apoiados em uníssono por ambos os partidos: a invasão de Granada, aplaudida por ambos os partidos; a guerra criminal contra o Panamá, aplaudida por ambos supostos partidos. A guerra fria, a corrida armamentista e todos os crimes que o imperialismo vem cometendo há muito tempo receberam sempre o apoio desse único partido do capitalismo e do imperialismo.

Que maravilha para eles que nossos povos, nossas sociedades estejam fragmentadas em mil pedaços! Que facilidades tão extraordinárias para mantê-los atrasados, subjugados, explorados, dominados!

O que dariam os imperialistas para ter este povo dividido em dois fragmentos, em três fragmentos, em 100 fragmentos! Que fácil seria, então, desembarcar aqui e pisar com suas botas o coração do nosso povo! Que maravilhoso seria para o imperialismo que este pequeno país que com tanta energia, com tanto valor, com tanta decisão se lhes resistiu durante tantos anos pudesse ser vencido e ocupado facilmente!

Por isso ressaltamos tanto a unidade, e por isso quando recentemente conversava com um grupo de parlamentares europeus que

abordavam este tema, eu lhes dizia: Nosso Pacto de Varsóvia e nossa OTAN são a unidade do povo! Com essa unidade, esse pequeno país se defende, se defendeu e se defenderá contra esse colossal império reacionário e agressor que temos em frente; e não permitiremos jamais nada que debilite a unidade do nosso povo, que divida nosso povo! De maneira que a esse respeito não pode ficar nenhuma dúvida, e essa unidade, sustentada nas idéias revolucionárias, na concepção social mais justa que a humanidade jamais conheceu que é a idéia do socialismo e do comunismo, será mantida e defendida a qualquer preço. Devemos dizer em voz alta, devemos dizer em voz alta, nestes tempos que parece um crime falar de socialismo e mais crime ainda falar de comunismo!

Quando Ross dizia há alguns minutos, que nem todos os delegados são comunistas, eu pensava de outra maneira: todos os delegados não são membros do Partido Comunista ou não são membros da Juventude Comunista, porém todos os delegados que aqui eu vi participar, são comunistas, como é também nosso povo, ainda que uma parte apenas seja membro do Partido e da Juventude.

Que faria um partido comunista sem uma classe trabalhadora comunista? Que faria um partido comunista sem um povo comunista?

Analisamos os problemas. E estivemos aqui não somente para presenciar um espetáculo inusitado: estivemos aqui todos os dias do congresso, exatamente, para saber como pensam nossos trabalhadores, para saber como sentem, o que desejam e como consideram que os problemas devem ser resolvidos. Estivemos aqui, precisamente, para ter subsídios para nosso programa de trabalho, nossa agenda nos próximos anos, nos próximos meses e nos próximos dias, extraídos desse relatório, dessas resoluções e desses debates. Para isso esteve aqui presente a direção do Partido — lógico que não todos —, para isso esteve presente o governo nacional; não faltou um só ministro, nem um só vice-presidente do Comitê Executivo. Isso fazia com que não fosse necessário buscá-los em seu escritório quando surgia um tema ou uma pergunta que necessitasse resposta.

O que podia ser mais importante para nós neste país, onde há tantas coisas importantes e tantas organizações de massas importantes, que este congresso de trabalhadores?

Discutimos e analisamos os problemas e as medidas a serem tomadas como se vivêssemos em tempos normais. Naturalmente

que teremos que trabalhar para tempos normais, teremos que trabalhar todos os dias, todas as horas, e teremos que fazer nossos programas, nossos planos, mas isto não significa que os tempos sejam normais. Todos somos conscientes de que os tempos que estamos vivendo não são nem podem ser normais. Somos muito conscientes, e deveremos ser cada dia mais conscientes de que vivemos em tempos incertos.

Discutimos aqui o que fazer com a reposição de peças, como economizar combustível, como economizar tudo, como realizar os planos, mas não sabemos se essa economia da qual falamos pode ser suficiente. Quem sabe que tempos teremos que enfrentar, tanto no terreno econômico como no terreno militar, considerando a atual situação internacional.

Não temos dúvida de que estamos fazendo os maiores esforços para fazermos bem as coisas; não temos a menor dúvida de que estamos retificando muitas coisas e da maneira que tínhamos que fazê-lo: não de maneira precipitada, não de maneira impensada, não de maneira improvisada, mas sim, realmente, dando passos sólidos em cada um dos aspectos fundamentais da vida e do desenvolvimento do país: não temos dúvida de que o esforço é maior que nunca, como não temos dúvida de que se os próximos anos se transcorrem nas mesmas condições internacionais em que transcorreram qüinqüênios inteiros, trabalhando como estamos trabalhando hoje, poderíamos fazer praticamente o que nos propuséssemos.

Não significa que os anos anteriores não foram fecundos, não. Quando analisamos alguns simples dados, como a eletricidade, vemos que hoje serve praticamente 90% da nossa população e que no transcurso desse ano ultrapassa esse 90%; nossa produção de cimento — esse produto sobre cuja economia se discutia ontem —, de umas 700.000 toneladas obtemos hoje uma produção que se aproxima dos 4 milhões que se investem no desenvolvimento econômico e social do país.

Da mesma maneira poderíamos falar de muitas outras áreas e do que se tem feito em qualquer delas: na marinha mercante, de uns poucos navios, uns naviozinhos, temos hoje toda uma frota que não é, naturalmente, ainda suficiente; ou as construções de rodovias e estradas que nestes anos de Revolução ultrapassaram os 30.000 quilômetros — estou citando cifras conservadoras —; ou as barragens, as represas que fizemos. A capacidade de armazenamento de água que possuía o país foi multiplicada por cem e agora

estamos construindo mais barragens do que nunca, além dos sistemas de irrigação, etc., num esforço integral.

Não é que sejam anos perdidos, podemos observar isto no fato de que hoje praticamente não há um jovem que comece a trabalhar numa indústria importante ou num serviço importante que não tenha feito até a 12ª série: num país que tinha um milhão de analfabetos, ou dispor de quase 300.000 professores, num país onde a metade da população em idade escolar não tinha salas de aula nem professores: ou esses índices de saúde que hoje já possui nossa população. Poder ouvir de províncias inteiras que já têm uma mortalidade infantil inferior a 10 para cada mil nascidos vivos; ou que nos dissessem, como disseram aqui, que em Güines, onde está presente o médico da família, a mortalidade infantil ascendeu somente a 5 para cada 1.000 nascidos vivos.

Em muitos terrenos tivemos enormes avanços, apesar de deficiências, de erros, de tendências negativas; porém quando estamos superando isso, quando estamos vencendo esses erros, essas deficiências, quando estamos fazendo as coisas com muito mais sentido comum e, sobretudo, quando as estamos fazendo pensando com nossa própria cabeça e com nossa própria cabeça interpretando as idéias revolucionárias, as perspectivas que hoje se abrem de um esforço revolucionário muito mais sólido e muito mais prometedor, não podem se comparar com nenhum outro momento da história da Revolução; precisamente este é o momento que coincide com um dos períodos mais incertos e mais problemáticos no terreno internacional que conhecemos nestes anos de Revolução.

Durante décadas nossos planos, nossos programas anuais e qüinqüenais basearam-se na existência de um campo socialista, na existência de numerosos países socialistas na Europa oriental, com os quais fizemos acordos, convênios e estabelecemos estreitas relações econômicas, além da União Soviética.

Contávamos com mercados seguros para nossos produtos, fontes fornecedoras de importantes equipamentos e várias mercadorias. Fizemos um esforço nesse sentido, um esforço para integrar e complementar nossa economia, e esse campo socialista hoje, politicamente não existe. Vamos enganar a nós mesmos, ou dizer a nossos pioneiros que ainda existe esse campo socialista e que tudo marcha às mil maravilhas nesses países?

Temos que seguir chamando-os de alguma maneira. Se os chamamos de países do campo socialista é por não empregar uma palavra mais e dizer: países do ex-campo socialista. Um campo verdadeiramente socialista seria um conjunto de países integrados com determinadas posições políticas comuns, com programas de desenvolvimento, com perspectivas de cooperação a longo prazo.

O CAME existe — Deus me livre dizer que o CAME não existe vendo Carlos Rafael naquele canto da presidência —; não, o CAME segue existindo. Inclusive se luta para manter esta instituição, se está lutando e nosso país está fazendo o maior esforço para que a instituição se mantenha; pelo menos como um grupo de países que possam fazer algumas articulações econômicas em atenção aos interesses comuns criados durante anos, em atenção às necessidades econômicas comuns que possam existir entre esses países.

Pode-se fazer uma associação desse tipo ou pode-se manter e é preciso lutar para mantê-la. É nosso dever fazer o esforço para preservá-la como uma organização econômica; porém, claro, observem se há mudanças no CAME, porque ali costumava-se chamar de companheiros os que estavam na reunião e agora o termo companheiro foi abolido por muitos que ao dirigir-se aos demais não dizem companheiros, mas dizem: senhores, senhoras ou senhoritas — se há alguma ali —, a terminologia está mudando.

Os propósitos declarados de alguns destes países é construir o capitalismo, em alguns deles já estão construindo o capitalismo e na maior parte deles há fortes correntes pró-capitalistas. Fala-se muito em economia de mercado e propriedade privada. Unam vocês a propriedade privada e a economia de mercado e terão o capitalismo, ou terão um processo de construção do capitalismo. Em alguns deles foi declarado abertamente e ali estão os assessores norte-americanos promovendo a construção do capitalismo.

O sentimento anticomunista é cada vez maior em muitos desses países, poderíamos dizer que em quase todos, excluindo a URSS, um forte e crescente sentimento anticomunista. Em quase todos exigem, em primeiro lugar, a eliminação do artigo constitucional que dava o papel de vanguarda ao Partido Comunista no poder.

Que esteja ou não numa constituição o papel de vanguarda de um partido não é essencial. Por acaso significa que estou fazendo uma concessão às correntes neoliberais e burguesas? Digo que não, porque no começo nós não o tínhamos inscrito na Constituição e, naturalmente, tivemos um movimento, e depois um partido que fez

a Revolução e dirigiu o Estado durante muitos anos, e durante muitos anos mais vai seguir dirigindo.

Poderia haver colocado ou não, porque o que lhe deu esse papel dirigente foi a história, foi a luta, não a Constituição da República, e a Constituição da República não é a mãe da história, nem é a mãe da Revolução, nossa Constituição socialista é filha da história, é filha da nossa Revolução. E, se vocês querem, à menina se pode pôr um nome ou outro, um enfeite ou outro, pode vesti-la de uma cor ou de outra; mas não lhe tire o caráter de filha à Constituição, nem de mãe à Revolução e à história.

Em nosso país a Constituição socialista não criou um partido, mas sim em nosso país um partido comunista criou uma constituição socialista. Do mesmo modo que não existe o socialismo em Cuba porque haja uma constituição socialista, existe uma constituição socialista porque houve primeiro socialismo em Cuba. Essa é a questão de ordem constitucional, mas uma questão simplesmente tática. Atualmente nós o temos inscrito e agora sim que já não vamos retirá-lo.

Repito, poderia estar ou não estar; mas agora que está, e quando os ianques, os imperialistas e os reacionários o primeiro que exigem é isso, como arma, como instrumento de luta contra o socialismo, o primeiro que nós não faremos. Depois de passados os anos, se se acaba o imperialismo, ou sei lá o que, e os futuros legisladores resolvem fazer nossa Constituição mais aprimorada, poderão fazer alguma mudança que seria mais do tipo formal. Porém nós não, isso está claro, porque tal como vemos o futuro, vemos em realidade o Partido dirigindo indefinidamente.

Nem Karl Marx, nem Lenin, nem Engels disseram qual seria o dia em que acabaria o Partido, não o disseram. Disseram que um dia desapareceria o Estado, algo mais que o Partido. Pelo que se vê, ainda está longe o momento em que se acabe o Estado, e teremos que seguir pelejando com este aparato, o que vamos fazer. Está por se decidir teoricamente, e sobretudo, mais que na teoria, na prática que dia e em que mundo o Estado tenha desaparecido. Então, de verdade, já não será como alguém que entre num foguete para ir a outro planeta, senão que teremos mudado este planeta.

Karl Marx disse que esse dia a humanidade haveria saído da pré-história. E eu acredito, acreditei sempre e sigo acreditando que o dia que desapareça a exploração do homem pelo homem, o dia que toda a humanidade se oriente por princípios socialistas ou algo

mais, por princípios comunistas, haveria terminado a pré-história. Realmente, o que a humanidade viveu até agora é a pré-história, e o que se vê todos os dias é a pré-história: vê o imperialismo, o capitalismo e os crimes monstruosos cometidos durante séculos que incluíram o extermínio de comunidades inteiras.

Os ianques exterminaram a população indígena dos Estados Unidos. Agora dizem que defendem as nacionalidades, mas eles começaram a desaparecer com os índios. Enviaram-lhes para reservas, quase como se levam animais ao zoológico. Para esse lugar eles levaram a população indígena! Virtualmente a exterminaram. Os capitalistas, os colonialistas e os imperialistas exterminaram nações inteiras, ou comunidades humanas inteiras que nem sequer ainda eram nações; escravizaram milhões.

Não se sabe os crimes que cometeram e os crimes que estamos vendo todos os dias: o que fizeram no Panamá há algumas semanas, essas não são coisas de uma sociedade civilizada, de um mundo civilizado, realmente, são coisas da pré-história.

Por isso digo: a vida ainda não resolveu quando se poderão cumprir algumas das que foram as maravilhosas aspirações dos fundadores do socialismo científico e dos grandes revolucionários de nossa época; portanto estes instrumentos são indispensáveis e serão quem sabe por quanto tempo mais.

Exigem que se retire tal artigo da Constituição, mas imediatamente começam a exigir que se dissolvam os partidos comunistas e em alguns lugares lhes arrebatam pela força os locais onde permanecem, em outros os confiscam, ou exigem que se dissolvam; e alguns, efetivamente, se dissolveram; outros estão em vias de se dissolver; alguns fizeram promessa solene de dissolver-se, quando menos estão fragmentados. E por trás disto um anticomunismo feroz.

Como se pode falar de socialismo hasteando bandeiras do anticomunismo? O anticomunismo é a definição do antisocialismo; porque não me digam que se possa falar de socialismo — embora este seja um termo muito útil — no reino da propriedade privada, não se pode falar de socialismo sob o império do capitalismo e da propriedade privada sobre os meios de produção. Os teóricos do socialismo nunca disseram isso! E a confusão é tal, que se fala de socialismo inclusive em países do mundo onde há somente o mais feroz e exigente capitalismo.

Trata-se de um disfarce, uma folhinha de parreira.

Como se pode falar agora de socialismo em alguns países da Europa oriental, hasteando as bandeiras do anticomunismo? O comunismo ganhou precisamente o ódio dos reacionários, por quererem abolir o sistema de propriedade privada. A quem pensam que vão enganar com estas histórias? E é crescente e se observa cada vez mais a tendência anticomunista. O anticomunismo foi sempre a bandeira do fascismo.

Bem, pode-se então lutar para que o CAME se mantenha. Será uma associação mista, já não será como dizem seus estatutos: uma união de países socialistas com objetivos socialistas. Caso se mantenha essa associação mista, caso mudem os estatutos e haja alguma utilidade, permaneceremos nessa instituição. Se houver alguma utilidade! — repito —, se tiver algum sentido, e pode ter, porque fortes interesses foram criados entre as economias destes países.

Sabemos que há muitos grandes oleodutos que vão da União Soviética em direção a eles, grandes gasodutos, grandes linhas ferroviárias, grandes redes de eletricidade e quando passa a hora de maior consumo num país, começa a ser a hora de maior consumo em outro e se transfere, inclusive, energia elétrica através de sistemas intercomunicáveis. Não duvido que muitos desses países que hoje querem construir o capitalismo ou se encaminham para isso tenham uma tremenda necessidade desses gasodutos, oleodutos, redes de comunicação, redes elétricas, fornecimento de matéria-prima que talvez não se possa conseguir em outros lugares e, portanto, há uma certa base econômica para que se mantenham determinados vínculos entre os que um dia formaram parte da comunidade socialista ou da chamada comunidade socialista da Europa.

Porém, não podemos nos enganar. Nós não possuimos grandes oleodutos ou gasodutos, ou redes elétricas, ou de comunicações por ferrovias; nós exportamos algumas matérias-primas, exportamos alguns alimentos, não acredito que sejam despreciáveis em nenhum sentido, mas é claro, não têm o mesmo poder que tem a energia, não têm o mesmo poder que o combustível, o petróleo, o gas, a eletricidade, etc.

Não sabemos qual será o governo que estará nestes países, não sabemos quem estará em 1990. Esperamos que ainda em 1990 se cumpram alguns dos acordos comerciais já estabelecidos, em função de planos anteriores, mas segurança nós não temos, nem podemos ter nenhuma. Em alguns desses países aconteceram tantas desordens, greves, transtornos e paralisação da produção que nem sequer sabemos se esses produtos que histórica e tradicionalmente recebemos, vão continuar chegando.

Isto relaciona-se com o ano 1990. E em relação a 1991? Imaginem-se o plano qüinqüenal 1991-95, sobre que bases, com quem vamos fazer acordos, que produtos poderão ser garantidos com segurança, que mercado haverá para nossos produtos, a que preço pagarão o açúcar? Por acaso tentarão pagar o açúcar ao preço da lixeira mundial do açúcar, que é o chamado mercado mundial? A grande maioria do açúcar no mundo se distribui através de preços conveniados.

O açúcar que os Estados Unidos compram dos poucos fornecedores que lhes restam — porque eles foram à autarquia, ao autoabastecimento em relação ao açúcar — tem preços que não são os do mercado mundial. Todo o açúcar que a Comunidade Econômica Européia compra dos países do Terceiro Mundo que estão de alguma maneira associados a eles, tem um preço que às vezes é duas ou três vezes o valor do mercado mundial. O preço do mercado mundial vem a ser o preço da lixeira do açúcar, dos excedentes de açúcar.

E o que vamos fazer, vender o açúcar ao preço da lixeira e comprar quinquilharias? Também é verdade que nem todas as mercadorias que se compram são sempre as de melhor qualidade, o que acontece é que nós nos tornamos os campeões em usar máquinas e equipamentos que às vezes tinham muitas deficiências. Por isso nos tornamos inventores, nos tornamos racionalizadores, porque às vezes um parafuso tal falha e colocamos outro.

Foram úteis os equipamentos, mas nem sempre são equipamentos sofisticados, nem sempre são equipamentos da melhor qualidade, nem sempre, e os compramos e soubemos utilizá-los.

Outras vezes são alguns produtos químicos, úteis, valiosos, não dizemos que não, compramos de tudo. Entendo que este tipo de intercâmbio tem sido vantajoso e de um ano para outro não temos nenhuma segurança de como vai ser o comércio em 1990. Dos produtos que consumimos há uma parte importante que vem dessa área e sobre isso não temos nenhuma segurança em 1990 e a incerteza é total para o período 1991-1995.

Coloco à parte as relações econômicas com a União Soviética. Até o momento as relações econômicas com a União Soviética não foram muito afetadas por estes processos. Pelo contrário, devo dizer com toda a honradez, os soviéticos manifestaram todo este

tempo e continuam manifestando a máxima vontade em manter conosco as relações econômicas e continuar com os mesmos ou princípios similares, o intercâmbio comercial entre nossos dois países. A União Soviética desempenha nisso um papel fundamental.

Os problemas que nós começamos a enfrentar são os que se derivam das próprias dificuldades que está enfrentando a União Soviética, derivam-se, repito, fundamentalmente disso. Também poderia acontecer que ela tenha problemas derivados da situação que se está produzindo nos países que formavam parte da comunidade socialista, os outros países da Europa oriental e, claro, qualquer dificuldade séria que tenha a União Soviética inevitavelmente se reverterá nos fornecimentos ao nosso país. Portanto é necessário estar consciente de que é uma questão de suma importância para nosso país a estabilidade da União Soviética.

Quando chegam notícias de desestabilização na União Soviética, é lógico que nos preocupemos profundamente; quando chegam notícias que ameaçam de uma forma ou de outra a integridade da União Soviética, é lógico que nos preocupemos profundamente; quando chegam notícias de conflitos internos dentro da União Soviética, é lógico que nos preocupemos profundamente; quando chegam notícias de que partes da União Soviética querem separar-se dela, é lógico que nos preocupemos profundamente e que possamos ver a grande importância que tem para nós e também para o mundo a integridade da União Soviética, porque percebemos com clareza o perigo de que possam desencadear-se movimentos nacionalistas de todo tipo, o qual poderia pôr em grave risco a integridade da União Soviética. Todos lemos os jornais e todos lemos as notícias que de lá chegam.

Há outro fenômeno: dentro da União Soviética surgem correntes que se opõem ao tipo de relações econômicas que existe atualmente entre a União Soviética e Cuba; pode-se perceber em algum tipo de imprensa, alguns artigos injustos, profundamente injustos!, que começam a fazer campanha de opinião contra as relações econômicas entre a União Soviética e Cuba.

Digo com toda franqueza e com toda honradez que as relações econômicas da União Soviética com Cuba foram muito importantes para nós; que a política da União Soviética nestes anos de Revolução foi generosa com nosso país. Porém, nós não somos um país de mendigos, nós não somos um país para que nos dê de presente as

coisas. Sim, recebemos empréstimos como têm recebido todos os países do Terceiro Mundo, inclusive os mais ricos, os que são grandes exportadores de petróleo; porque a Venezuela, por exemplo, é o maior exportador de petróleo da América Latina e recebeu um empréstimo de mais de 30 bilhões de dólares.

Qual o país do mundo que por maiores que sejam suas receitas, provenientes do privilégio de dispor de certos produtos, não recebeu empréstimos? Nós recebemos empréstimos da URSS como todos os países do Terceiro Mundo têm recebido de diversos países, inclusive países desenvolvidos têm recebido empréstimos. Para citar um exemplo, um dos países que mais recebeu empréstimos foram os Estados Unidos; pois, se os países desenvolvidos recebem empréstimos, o que tem de estranho que Cuba recebesse empréstimos de quem era seu amigo, seu aliado? Era e é seu amigo; primeiro, disse "era" para explicar bem a idéia no sentido de que se tratava de amigos e de países vinculados estreitamente.

Agora, quanto custa produzir uma tonelada de açúcar na URSS? E nós exportamos milhões de toneladas de açúcar para a União Soviética a um preço que não é superior ao valor de custo. Quanto custa produzir o níquel e o cobalto na União Soviética? E nós exportamos milhares de toneladas de níquel e cobalto para a União Soviética e demais países da Europa oriental num intercâmbio que é vantajoso para todas as partes.

Nós não produzimos somente açúcar, também alimentos, como os cítricos, e nos últimos anos começamos a exportar outras mercadorias. Neste ano de 1990 ultrapassam os 200 milhões de rublos o valor dos produtos da indústria farmacêutica, da biotecnologia, dos equipamentos médicos e também dos móveis para este fim que exportaremos para a União Soviética. Estão surgindo em nosso país outros importantes itens de exportação para a União Soviética.

A nós não nos dão de presente as coisas, nós as compramos e pagamos; e se nosso açúcar recebeu um preço mais alto que o preço da lixeira mundial, foi, no entanto, um preço justo porque punha fim ao fenômeno do intercâmbio desigual. Nos primeiros anos, a União Soviética nos pagava mais ou menos o preço do mercado mundial, até que a própria União Soviética compreendeu que enquanto os preços dos produtos industriais que exportavam a Cuba subiam cada vez mais, os produtos que Cuba exportava baixavam de preço no chamado mercado mundial, como em geral acontece com os produtos do Terceiro Mundo, e isso se convertia num roubo,

num saque. Nós falamos muitas vezes do tipo de relações econômicas justas que se estabeleceram entre a União Soviética e Cuba.

Atualmente há pessoas na União Soviética — não no governo, não no Partido, mas sim nos meios massivos e no Parlamento — interessadas em suprimir este tipo de relações econômicas que há entre a União Soviética e Cuba. Em relação a isso vemos dois perigos: os perigos que se derivam das dificuldades próprias da União Soviética que lhe impeçam cumprir, mesmo querendo, os compromissos, ainda que faça como está fazendo, por cumprir o mais possível esses compromissos e as correntes, indiscutivelmente associadas à reação e ao imperialismo, que propõem abertamente o corte deste tipo de relações. É por isso que digo que vivemos tempos de incerteza.

Também vemos manifestações de grande demagogia em determinados setores que adquirem força crescente na União Soviética. Uma evolução no sentido negativo destes acontecimentos, logicamente teria uma repercussão muito grande e muito negativa nos fornecimentos que nosso país recebe e na economia do nosso país. Os ianques sabem disto e ainda mais neste momento de euforia triunfalista, eles estão contando com as dificuldades que vamos ter, e por certo vamos ter devido ao que tem acontecido na comunidade socialista e às dificuldades muito maiores que possamos ter pelo que possa acontecer. Eles têm grandes esperanças de que a União Soviética não consiga superar suas dificuldades, ou que as dificuldades sejam de tal maneira que isso se revèrta diretamente nas relações econômicas entre a URSS e Cuba.

E dizem claramente. Está em seus planos, independentemente de seus antigos planos agressivos, e independentemente de sua valentia, de sua arrogância, de sua euforia que os levou a cometer monstruosidades tais como a invasão do Panamá; monstruosidades como crimes contra a lei e o direito internacional; mais ainda, monstruosidade política que demonstrou um desprezo total perante a opinião pública internacional e em especial perante os países da América Latina. Estas são coisas que devemos saber e ter muito presentes, como realidade.

Os reacionários e os imperialistas acreditam em muito mais coisas no mundo: acreditam, por exemplo, que não poderemos vencer as dificuldades que se nos apresentam, isso é o que esperam. Confundem esta revolução autóctona, nascida das entranhas do nosso povo, com outras revoluções ou processos políticos que

foram extraordinariamente influenciados por conjunturas especiais da situação internacional. Confundem muitas coisas. Talvez, pensam igualmente que se deveria viajar a outro planeta para ver um povo capaz de enfrentar todos esses problemas. Falam eufóricos que vamos ficar isolados, que vamos ficar sozinhos, que vamos ter grandes problemas e têm a segurança de que não poderemos resistir.

Mas não somente os inimigos, há muitos amigos no mundo que estão preocupados por esta situação, pelos problemas que Cuba tenha que enfrentar ocasionados por esta situação, e se perguntam: como poderão resistir?

Perguntam-se aqueles que querem, que desejam sinceramente que possamos resistir. Não faltam aqueles que quase nos dão os pêsames, alguns que nos choram em vida e alguns que acreditam que aqui a Revolução pode-se desmoronar, como se desmoronaram outros processos políticos nos últimos meses.

Os inimigos, naturalmente, sonham com isso dia e noite. Acredito que a cada dia que passa e vêem que a Revolução Cubana continua existindo, é como um grande pesadelo ao amanhecer, um pesadelo em pleno dia. E como disse há outros que, sinceramente, se preocupam por estes problemas, se preocupam pela situação de Cuba. Porém não se trata de um simples problema de solidariedade. Inclusive, há muitos que não são amigos tradicionais, muitos que não têm nada que ver com o socialismo e o comunismo. Falo de pessoas democráticas e progressistas, e de alguns que nem sequer são tão democráticos nem tão progressistas. Mas, naturalmente, entre todas as pessoas democráticas e progressistas do mundo, há preocupação por Cuba e, entre outras, muita gente, já por outros fatores, por outras razões, preocupadas pela marcha dos acontecimentos em relação ao Terceiro Mundo.

Em 7 de dezembro falamos a respeito de que se determinadas tendências muito negativas continuassem a se desenvolver, o mundo iria marchando da bipolaridade à unipolaridade sob o domínio dos Estados Unidos. O que expressei em 7 de dezembro sei que hoje se constitui numa profundíssima preocupação dos líderes dos países do Terceiro Mundo; estão sumamente preocupados pelo risco de um mundo onde os Estados Unidos sejam o dono.

Nós mencionávamos alguns dos intervencionistas, descarados, e assinalávamos inclusive o caso das Filipinas, independentemente do conteúdo interno do problema, como decolaram seus aviões para

intervir num problema interno desse país; como desembarcaram unidades especiais em El Salvador durante a ofensiva dos patriotas salvadorenhos; as ameaças contra o Panamá. Transcorridas apenas duas semanas daquelas palavras, produziu-se a bárbara agressão contra o Panamá, os ataques genocidas contra o povo do Panamá, como confirmação irrebatível das teses que defendíamos; dias depois estavam movimentando encouraçados e porta-aviões para um bloqueio das costas da Colômbia, com o pretexto de combater as drogas.

Na América Latina a preocupação é muito grande, muito grande!, e a preocupação por Cuba é sincera, porque objetivamente, Cuba é uma trincheira da independência da América Latina. Cuba é a primeira trincheira da independência da América Latina!

Cuba foi capaz de resistir mais de 30 anos, com Cuba aconteceu de tudo nestes 30 anos. Cuba beneficiou a América Latina de muitas maneiras. Nos primeiros tempos foi negócio unir-se ao bloqueio econômico dos Estados Unidos contra Cuba porque graças a ele se repartiram nossas quotas açucareiras, milhões de toneladas de açúcar; depois se acabaram, mas durante muito tempo houve festa, desfrute pela agressão a Cuba.

Graças a Cuba os Estados Unidos perceberam que existia a América Latina, e um de seus presidentes inventou a Aliança para o Progresso, que consistiu em doações e empréstimos de muitos milhões de dólares. Graças a Cuba os imperialistas começaram a preocupar-se um pouco mais pelo tratamento que deviam dar à América Latina; e abriram as portas ao crédito e tiveram um tratamento mais deferente, pelo medo de que surgissem revoluções como a de Cuba no resto da América Latina.

Quer dizer, a América Latina tirou muito proveito da nossa Revolução; mas entre outras coisas, mais respeito, um pouco mais de respeito para a América Latina. Por isso — como dissemos anteriormente — a partir da Revolução Cubana os povos da América Latina foram mais livres, foram mais independentes e começaram a agir de outra maneira na esfera internacional: com mais dignidade, com mais liberdade. Isso se viu nos últimos ànos em vários exemplos: nas batalhas que os imperialistas impuseram com terríveis pressões em Genebra, em relação aos direitos humanos. Isso se viu agora, com motivo da candidatura de Cuba como membro temporário, por dois anos, do Conselho de Segurança. Manifestou-se unidade e independência na América Latina.

Os governos da América Latina sabem que se os Estados Unidos pudessem tornar realidade o sonho de acabar com a Revolução Cubana, a independência dos demais povos da América Latina sofreria um terrível golpe; porque esses países não têm a unidade que nós temos, não têm a nossa capacidade defensiva: todo um povo unido e preparado para a defesa.

Os povos da América Latina e os políticos mais conscientes da América Latina não devem ser, necessariamente, pró-socialistas, não devem ser nem sequer progressistas para compreender que a liquidação da Revolução Cubana converteria os Estados Unidos numa potência que não se poderia conter neste hemisfério; que o domínio imperialista se multiplicaria, que a euforia e a arrogância se tornariam infinitas. Isso eles sabem, e sabem que nosso país constitui a primeira trincheira.

Isso se sabia desde a época de Martí, não agora. Faz quase um século, quando os Estados Unidos eram muito menos poderosos, não constituíam o império tão poderoso que é hoje, Martí escreveu nas vésperas de sua morte que tudo o que havia feito e faria era para impedir a tempo com a independência de Cuba que os Estados Unidos caíssem sobre a América Latina com uma força mais. Martí percebeu isso há quase um século, que visão estraordinária! Hoje, essa é uma realidade maior que nunca, porque Cuba não somente deixou de ser uma possessão ianque, senão que se converteu num baluarte contra o domínio e a expansão do imperialismo ianque. Isso que foi verdade há quase um século é dez vezes, vinte vezes, trinta vezes mais verdadeiro hoje em dia, e os povos da América Latina o compreendem, os governos também.

Durante muito tempo os enganaram com o temor do comunismo e agora os mesmos ianques dizem que o comunismo está desaparecendo e que o comunismo vai desaparecer da face da Terra; já não podem agitar esse fantasma, e o que existe em nosso hemisfério é a outra realidade, que se o imperialismo conseguisse liquidar, acabar com a Revolução Cubana, trataria os presidentes das demais nações como simples prefeitos e talvez pior do que prefeitos, como prefeitos com menos autonomia do que tem um prefeito nos Estados Unidos; trataria as nações soberanas da América Latina como prefeituras, e por telefone trataria de lhes dar ordens.

Isto não quer dizer que os povos se resignem com essa sorte, porque nenhum povo se resignará jamais com semelhante sorte;

mas, vejam vocês como a invasão do Panamá não suscitou a resistência que deveria suscitar: antipatia sim, condenação enérgica e decidida não, pelo tremendo nível de dependência econômica em que hoje se encontram as nações da América Latina com relação aos Estados Unidos.

Se Cuba caísse, adeus quem sabe por quanto tempo ao alto grau de independência política, ao grau de liberdade que na esfera internacional alcançaram esses países, que depois seriam vítimas fáceis de qualquer agressão dos Estados Unidos. Por isso têm razão em estar profundamente preocupados pela sorte de Cuba.

Acredito que estes são temas dignos de meditação.

Nosso povo vem se preparando durante anos contra determinados perigos. Há dez anos estamos reforçando nossas defesas, aplicando a concepção da guerra de todo o povo, e preparando-nos. Há dez anos, que sorte! Preparamos planos para todas as variantes, começando pelo bloqueio militar total do país, que neste caso não poderia chegar nenhuma bala. Isso sabemos desde antes destes problemas, pela superioridade em armas convencionais que possui o império nesta parte do mundo, a superioridade aérea e naval impossibilitaria que chegasse uma única bala do exterior.

Poderia impor um bloqueio total, e nós elaboramos nossos planos para resistir um bloqueio total; poderia limitar-se a um bloqueio, ou poderia ser mais: bloqueio com fustigamento militar, ou poderia ser bloqueio com guerra de desgaste contra nosso país, ou poderia ser, finalmente bloqueio com invasão ao nosso país. Frente a todas essas variantes temos elaborado nossos planos e estamos preparando o país com a convicção de que qualquer variante, por custosa que fosse, mais tarde ou mais cedo, seria derrotada, inclusive a pior de todas, a de invasão e ocupação do país.

Temos organizado o país em zonas de defesa. Homens, mulheres, crianças, jovens e idosos estão organizados. Todo o país está organizado para cobrar um preço impagável aos agressores, para ocasionar-lhes tantos danos e tantas baixas que não lhes restará outra alternativa que a de retirar-se do país.

Temos trabalhado seriamente com todas essas variantes.

Que visão tão grande a do nosso Partido; que úteis têm sido todas as energias gastas nestes anos, trabalhando com essa concepção que parte da participação de todo o povo nessa luta. No entanto, podem vir outras variantes para as quais teremos que nos preparar. Nós chamamos esse período de bloqueio total, período especial em tempo de guerra, mas agora temos que nos preparar para todos estes problemas, e inclusive, fazer planos para período especial em tempo de paz.

Que significa período especial em tempo de paz? Que os problemas são tão sérios na ordem econômica pelas relações com os países da Europa oriental, por determinados fatores ou processos na União Soviética, pudessem ser tão graves que nosso país tivesse que enfrentar uma situação de abastecimento extremamente difícil. Tenha-se em conta que todo o combustível vem da URSS e o que poderia ser, por exemplo, que se reduzisse em uma terça parte, ou que se reduzisse a metade por dificuldades da URSS, ou inclusive que se reduzisse a zero, o qual seria equivalente a uma situação como a que chamamos o período especial em tempo de guerra. Não seria, claro, tão extremamente grave em época de paz porque ainda haveria determinadas possibilidades de exportações e de importações nessa variante. Devemos prever qual será a pior situação a que o país pode ver-se submetido em um período especial em tempo de paz e que devemos fazer nesse caso. Sob essas premissas se está trabalhando intensamente.

Na realidade todos esses problemas catastróficos que ocorreram no campo socialista durante os últimos tempos não estavam previstos, os fatos ocorridos nos países com os quais havíamos estabelecido sólidos vínculos econômicos, que ajudavam a nos defender do bloqueio imperialista e que serviam de base ao desenvolvimento do país.

Pode haver situações intermediárias, não tão graves, mas graves. Inclusive, não sabemos que dificuldades podemos ter no próprio ano de 1990. Estamos tentando prevê-las; porém , há coisas que escapam da nossa vontade e de nossas mãos. Um pouco mais adiante, ninguém pode saber que dificuldades vão se apresentar depois de 1990. Entretanto, o país deve ter o mais sério e firme propósito de enfrentar tais dificuldades. Não digo simplesmente enfrentar tais dificuldades para sobreviver, mas para enfrentar tais dificuldades e apesar de tudo, desenvolver-se.

Nós sabemos quais são os pontos estratégicos. Digamos que os programas alimentícios não se podem deter, são estratégicos. O que estamos fazendo no potencial hidráulico, novas fontes de água, sistemas de canais e de irrigação, não se devem parar em nenhuma circunstância. Se possuimos 3 milhões ou 5 milhões de toneladas de petróleo é necessário manter esses programas, de uma forma ou de

outra. Primeiro haveria que parar qualquer coisa, antes que esses programas. Os programas de desenvolvimento da indústria farmacêutica, da biotecnologia e outros nesse ramo que têm grandes perspectivas neste país, não podemos nem devemos interrompê-los; os programas para o desenvolvimento de determinados recursos em moeda estrangeira, como os programas que estão se fazendo na área do turismo, não devem parar. Quer dizer que em qualquer restrição, por grande que seja, que o país deva fazer numa situação de período especial em tempo de paz, ou numa situação muito difícil na paz, originadas por estes problemas, em nenhuma dessas situações devemos parar os programas que são estratégicos para a alimentação do país ou para o desenvolvimento. Levaria mais tempo, nos submeteria a uma prova muito forte, mas teríamos que manter o princípio, não somente de sobreviver, mas também de desenvolver-nos.

Acredito que nosso povo será capaz disso, estou absolutamente convencido; este povo, vocês, o povo trabalhador que vocês representam.

O imperialismo e a reação mundial devem saber que a Revolução não pode ser derrotada. Nossos amigos em todo o mundo devem saber que nosso povo será capaz de resistir a qualquer circunstância; devem saber que em Cuba a Revolução não cairá, que em Cuba não cairá o socialismo.

Lembro-me que nos anos da nossa guerra de libertação, quando o exército batistiano cercou a Sierra Maestra e a bombardeava todos os dias, sem deixar entrar nada, nem sal, nem gordura, nem roupa, nem remédio, milhares de camponeses permaneceram ali, não abandonaram a Sierra Maestra, nem se renderam. Aquilo durou muito tempo e ninguém sabia quanto iria durar, eram circunstâncias muito duras — não é novo para nós —; uns viveram mais essa experiência, outros menos, mas todos éramos o mesmo povo, todos éramos do mesmo sangue. Tenho certeza de que se em qualquer parte houvesse acontecido o mesmo o povo teria reagido igual.

Agora nos compete uma tremenda responsabilidade — ontem, em breves palavras explicava aos jovens no Parque Central —, estamos vivendo um momento de incerteza e grandes ameaças. Hoje, nos ameaçam mais que nunca. As ameaças não são somente econômicas, são também militares. Os perigos de ameaça militar são grandes, como vocês vêem teimam em continuar a hostilidade

contra nós, e nos impor um canal de televisão, em nosso espaço televisivo, que é nosso! e que ninguém tem o direito de usá-lo. São provocações. Quem sabe o que pretendem?

Outro dia dispararam e por milagre não mataram algum sentinela na base de Guantánamo. Andam com seus encouraçados e seus porta-aviões dando voltas por aqui ao redor do país. Estão arrogantes, estão enlouquecidos, valentões, eufóricos; acreditam que o socialismo já não existe e isso os torna mais agressivos, isso os torna mais perigosos. Quer dizer que se inicia uma nova era, uma nova etapa. Podem começar momentos de provações muito grandes para nosso povo.

Ontem, quando falava aos jovens, pensava nisso e também recordava nossa história, nossa Guerra dos Dez Anos. Não se escreveu semelhante proeza em nenhuma parte, o que fez nosso povo durante dez anos, lutando não só contra um poderoso exército espanhol, mas também contra uma parte importante de gente que havia nascido neste país e se havia incorporado às fileiras espanholas. Dez anos mantiveram a guerra descalços, quase desnudos, sem munições, sem alimentos! Nosso país já viveu uma etapa como essa que tanto admiramos. Naquelas terríveis condições, quando muita gente chegou à convicção de que não podia seguir lutando, mesmo nesse momento, como expressão da vontade irredutível e do heroísmo do nosso povo, Antonio Maceo se levanta e frente ao impacto de Zanjón proclama nos Mangos de Baraguá sua decisão de seguir lutando!

Quando, em condições superdifíceis, houve um Zanjón, houve também um Baraguá. E o que ficou da nossa história e pelo qual um dia chegamos a ser nação independente, apesar de exércitos espanhóis primeiro e exércitos ianques depois, não foi o Zanjón, foi Baraguá!

Essa é a suprema lição da qual fomos herdeiros privilegiados.

Assim se formou a alma deste povo e a tradição combativa deste povo em todos os momentos difíceis, nos mais difíceis. No dia 10 de março e 1952 — imaginem que vocês vão se lembrar daqueles dias e meses seguintes quando nós também andávamos com tochas percorrendo as ruas da cidade em homenagem a Martí —, não havia nenhum fuzil, nenhuma bala e isso não impediu a luta; e depois com alguns fuzis, um punhado de homens, e considerando os reveses posteriores ao desembarque do Granma, mesmo assim, a luta continuou. A vontade de Baraguá, o espírito de não render-se

jamais e não desfalecer jamais na luta, é o que tornou possível os êxitos, o que tornou possível a Revolução, o que tornou possível o socialismo, o que tornou possível Girón, o que tornou possível aquela firmeza com que se sustentou nosso povo na Crise de Outubro, se sustentou e se sustenta ainda com a mesma firmeza, que importava que as armas nucleares estivessem prontas para disparar contra nós.

Deve-se dizer que nós não cedemos nem um milímetro e se tivessem sido nossos os projéteis, estariam aqui ainda, disso não há a menor dúvida.

O que tornou possível resistir ao bloqueio, desenvolver relações internacionais sólidas, depois cumprir gloriosas missões internacionalistas e a vitória cubana e africana de Angola? A tenacidade, a firmeza, a vontade de luta, o espírito de Baraguá foi o que triunfou. Esse tem sido o espírito, a grande herança que nosso povo recebeu.

Acredito que esta geração é privilegiada, nossos jovens, nossos jovens estudantes, nossos jovens trabalhadores, todo o nosso povo, porque penso que é um privilégio até para aquele que tenha 100 anos, porque é um privilégio estar vivendo neste momento histórico. É um privilégio e um singular destino o fato de que muitos povos tenham os olhos fixos em Cuba, por essas razões que expliquei e também muitos revolucionários e cada vez mais revolucionários. À medida, que se dissipam as confusões, tudo se vê mais claro e se vê o que é Cuba, e Cuba se converteu numa trincheira, não somente na América Latina, mas também em todo o Terceiro Mundo, converteu-se numa trincheira de idéias revolucionárias, progressitas e justas do mundo.

Aqui não sentimos vergonha de falar de Lenin e enaltecê-lo; quando outros andam tirando o nome de Lenin de ruas e parques e arrancando estátuas de Lenin, de Marx e de Engels, aqui nós as construímos e as construímos não de mármore, nem de bronze, nem de aço, nós as construímos com nossa conduta revolucionária, com nosso heroísmo, com nossa posição digna, com nossas convicções profundas, elevando mais do que nunca as bandeiras do marxismo-leninismo, do socialismo e do comunismo. E, mais do que nunca elevamos o nome de Martí, de Maceo, de Céspedes, de Agramonte e de toda a interminável legião de heróis da nossa independência, mais do que nunca. Como nos alegra o coração ver nestes dias levantar-se a figura de nossos patriotas, especialmente, a de Martí. De modo especial esse trabalho que realiza a juventude em seu jornal, com o lema *Mi honda es la de David* essa busca afanosa no infinito caudal de idéias revolucionárias do pensamento de José Martí, riqueza legitimamente nossa. E nossas devem ser as riquezas, não somente dos homens que aqui nasceram; nossa deve ser também a daqueles homens extraordinários que nasceram em outras partes do mundo. Que enorme caudal de idéias revolucionárias, que presente, que oportunas essas idéias, que bandeiras e que lição para todos, inclusive, para aqueles que acreditavam que já havia passado a etapa na qual teriam sua maior vigência.

Alguns bobos por aí se encheram a boca de lixo — não vou dizer de ar — para dizer que já passou a etapa heróica. Que bando de trouxas! — como diria Palmero — dizer que essa etapa ficou para trás. Bobos como esses não faltam e sonhadores com que a Revolução possa ser destruída não faltam. Não faltam bobos, não faltam os seguidores do Pacto do Zanjón. Vêem as coisas um pouco difícil e começam a pregar: "Bem, é preciso tomar cuidado porque as coisas..., é preciso pensar em algumas reformas". Reformas de quê? Se a Revolução é a maior e mais extraordinária reforma da história porque tudo em absoluto muda.

Reformas capitalistas? Reformas burguesas? Reformas neoliberais? Nem sonhar! Todos devem saber que a Revolução não retrocederá um milímetro.

Como explicava ontem a vocês, vejam que lição: há aqueles que quiseram salvar o socialismo fazendo concessões. Que conhecem pouco a mentalidade voraz e monstruosa do imperialismo e dos reacionários. Se lhes dão uma unha do dedo mindinho, querem uma falange disse mesmo dedo; se lhes dão a falange, pedem o dedo; se lhes dão o dedo, pedem a mão, se lhes dão a mão pedem o antebraço; se lhes dão o antebraço pedem o braço e quando lhes dão o braço, lhes arrancam a cabeça.

Que maneira de defender o socialismo é essa, que começa por ficar maneta e manco. Perder os braços, perder as forças e ficar sem outras coisas, ficar sem coração, por exemplo, sem espírito. Que maneira de defender o socialismo e defender as idéias revolucionárias são essas? Por isso a Revolução Cubana não retrocederá um centímetro.

E agradecemos aqueles que do exterior se sentem realmente preocupados e nos aconselham: Façam alguma coisa, façam mudanças. Nós dizemos: Sim, vamos fazer coisas revolucionárias, va-

mos fazer mudanças revolucionárias, vamos ser cada vez mais e mais revolucionários, porque ainda não o somos suficiente.

Não faltam bobos nem mentecaptos, ainda que sejam poucos, com ilusões, capazes de acreditar que aqui se pode organizar quintas colunas a serviço do imperialismo ou dos objetivos do imperialismo. Observe bem essas pessoas, investigue-as porque muitos, inclusive, não levantam abertamente a bandeira reacionária e do imperialismo, mas sim, querem "aperfeiçoar" esta Revolução, igualmente a querem "aperfeiçoar" os Estados Unidos; como também quiseram "aperfeiçoá-la" naqueles países desatando uma gigantesca onda contra-revolucionária que começou disfarçada de mudanças, de reformas para "aperfeiçoar o socialismo".

E aqui também há! Esses sim que vão ter que ir a outro planeta para ver acontecer tal coisa. Não digo no sentido literal de que vão fazer essa viagem mortos, porque não sabemos se o céu, a terra ou o inferno estão em algum planeta ou mais além dos planetas; o que sabemos é que isso que sonham não acontecerá aqui em nossa pátria.

Aqueles que acreditam que em Cuba podem organizar uma quinta coluna, os que acreditam que aqui podem repetir a história do que aconteceu em outros países, os que querem aqui dedicar-se à contra-revolução, vão se deparar com as massas, vão se deparar com o povo; vão ter massas, sim! mas vão tê-las de frente, os que tentem fazer o jogo do imperialismo neste momento decisivo da história, neste momento em que tudo está em jogo, porque está bem pensado e é muito real que, em Cuba, Revolução, Socialismo e Independência Nacional estão indissoluvelmente unidos, porque se o imperialismo pudesse conseguir o sonho de acabar com a Revolução Cubana seríamos menos independentes que Porto Rico, menos independentes do que é hoje o Panamá, não soltariam nunca mais este país, nunca mais! E sabemos que nestas circunstâncias desapareceríamos como nação, é melhor que acabem com essas ilusões.

Com isso não se pode brincar, nem admitiremos que ninguém o faça. Não admitiremos jamais. E não seremos nós os que acabaremos com eles, não se pode matar baratas com canhão. O povo é quem os vai arrasar: nossos Comitês de Defesa, os operários de nossas fábricas, todos os trabalhadores, os estudantes de nossos centros, jovens, os idosos e até os pioneiros!

Não tenham ilusões, porque aqui há um povo disposto a vender caro sua vida, um povo disposto a derramar até a última gota de sangue pelos valores nos quais acredita. Com esse povo não se pode brincar, com um povo que carrega sobre seus ombros a responsabilidade que hoje Cuba carrega, de ser a primeira trincheira da América Latina, do Terceiro Mundo e dos valores revolucionários e morais deste mundo. Não pretendíamos tais coisas, mas há um destino que se colocou sobre nossos ombros, uma responsabilidade muito grande neste momento, como freio, como trincheira, frente aos reacionários, frente ao imperialismo, frente aos exploradores, frente aos que saquearam o mundo durante séculos inteiros e pretendem seguir saqueando. Quando um povo tem sobre seus ombros essa responsabilidade e esse povo é este, com esse povo não se pode brincar!

Nós sairemos daqui para cumprir nossas tarefas, que as conhecemos cada vez mais e melhor; para esforçar-nos mais que nunca; para esmerar-nos mais que nunca na defesa, no trabalho, no cumprimento de nossos deveres e nossas obrigações, em trabalhar para o futuro como temos trabalhado sempre; e sempre dispostos a defender esse futuro que queremos conquistar, sempre dispostos a defender o que já conquistamos, sempre dispostos a defender nossos ideais e a defender nossa dignidade, nossa independência, nossa liberdade, nossa pátria.

Consagrar-nos-emos à defesa e ao trabalho, a enfrentar problemas e resolvê-los; os de agora e os que venham, amanhã ou depois de amanhã, ou quando seja. E se não vêm, trabalharemos também com a mesma consagração. Se há paz, saberemos desfrutar a paz e saberemos aproveitar melhor cada dia, cada hora, cada minuto, cada segundo. Esse é o espírito com que devemos sair deste Congresso histórico, muito histórico, neste momento decisivo, vésperas, quem sabe, de grandes provações. Se essas provações vêm, um dia como este em que se cumpre mais um aniversário de seu nascimento, podemos dizer a Martí que hoje mais do que nunca necessitamos de suas idéias, de suas virtudes. Mas também a Martí, a Maceo e a todos os que foram como eles, dizemos: Hoje, mais do que nunca, nos sentimos orgulhosos em ser seus seguidores, em ser seus mais fiéis e incondicionais discípulos e reafirmar, neste 28 de janeiro, nossos dois lemas imortais, os que unem a Marx, Engels e Lenin com Martí, Maceo e Céspedes e com todos os gloriosos heróis de nossa independência e nossa liberdade!

Martí, Maceo e Céspedes e com todos os gloriosos heróis de nossa independência e nossa liberdade!

Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Discurso pronunciado em 1º de fevereiro na recepção aos tripulantes do barco "Hermann" agredido pela guarda-costeira americana

Companheiras e companheiros:

Vou tentar falar com calma, porque é precisamente de calma que se necessita diante dos acontecimentos. Eu digo calma, porque não podemos nos deixar arrebatar pela ira, não devemos nos deixar arrebatar pelo furor, não devemos perder o sangue frio um único segundo, pois uma das características do nosso povo e da nossa Revolução tem sido sempre o sangue frio.

Sangue frio foi o que demostraram estes tripulantes no meio do ataque, e sangue frio é o que devemos ter para manter o controle das nossas ações, já que, imaginem, ainda há algumas coisas ianques por aí perto e, claro, não queremos que o nosso povo se deixe levar pela ira, embora seja natural que no fundo dos seus corações sintam a mais profunda indignação que ações tão repugnantes merecem.

Penso que vocês já têm uma idéia relativamente ampla do que aconteceu; talvez faltem alguns detalhes para compreender o episódio cabalmente, como recebemos as notícias, que medidas tomamos, etc.

Às vezes, há alguns barcos de bandeira panamenha que vão e vêm ao nosso país, contratados por empresas privadas; às vezes com tripulantes cubanos e num determinado momento foram objeto de inspeções por guarda-costas ianques em tempos normais e rotineiros, com o pretexto de que têm bandeira panamenha e que esse país lhes tinha dado autorização para passarem revista a barcos com bandeira desse país.

Mas vejam que curioso: alegam agora que tinham autorização das Forças de Defesa e as Forças de Defesa já não existem. Dizem que fizeram um acordo há anos com as Forças de Defesa e o chefe das Forças de Defesa foi seqüestrado nos Estados Unidos da maneira mais arbitrária e mais ilegal. Essa "suposta" autorização de inspecionar barcos para ver se levam droga está em absoluta contradição com a justificação que empregaram para invadir o Panamá e para seqüestrar o chefe das Forças de Defesa arbitraria e ilegalmente e julgá-lo nos Estados Unidos. Os próprios advogados afirmam que é um prisioneiro de guerra, que não têm direito a julgá-lo lá.

Com esses pretextos, repito, historicamente têm inspecionado alguns barcos com bandeira panamenha, contratados por instituições privadas, embora tenha havido, em certas ocasiões, tripulantes cubanos em tempos, por assim dizer, normais.

Mas vejam em que momento acontece isto e em que circunstâncias:

Este barco é de uma empresa privada, mas está arrendado não a uma empresa privada, está alugado a uma empresa cubana, a uma empresa do Estado cubano. Em duas palavras: o barco está alugado a Cuba e Cuba é a responsável por esse barco; além disso, esse barco leva uma tripulação totalmente cubana; e os acontecimentos têm lugar depois do monstroso crime ao Panamá, depois de uma série de provocações ali contra o nosso país: detinham o nosso embaixador, rodeavam a embaixada, faziam guerra psicológica, e cometeram assim todo tipo de provocações, não é a primeira, eles as vêm cometendo ao longo das últimas semanas, desde que se produziu a covarde invasão ao Panamá. Num momento em que nos estão ameaçando, são circunstâncias novas; num momento em que as Forças de Defesa nem existem; o Panamá não existe, porque o Panamá é um país ocupado, não se pode alegar o suposto acordo como direito para inspecionar o "Hermann". O barco tinha bandeira panamenha, mas estava alugado pelo Estado cubano, e era responsabilidade do Estado cubano, toda a tripulação era cubana; num momento excepcional, de ameaça — repito — quando o país em nome do qual dizem agir não existe, quando as forças que dizem que fizeram o acordo com eles não existem, quando o chefe que assinou esse acordo está seqüestrado nos Estados Unidos, que legalidade poderiam alegar realmente para este descaramento, para esta atrocidade?

Eles sabiam, além do mais, que o barco tinha partido de um porto cubano, porque o barco tinha saído de Moa no dia 25. Veio navegando ao norte de Cuba, atravessou a zona do canal de Iucatã e foi-se aproximando de Tampico.

Inspecionar esse barco não era uma necessidade. Não só era ilegal de todos os pontos de vista, como também era arbitrário, era desnecessário, tratava-se de uma provocação. Dizer aos tripulantes — e isso deve ter sido o que mais os indignou — que parassem para inspecionar o barco, para ver se levava droga, era uma ofensa, era uma vileza, era uma canalhice, que se tornava insultante, indignante, ofensiva.

Aqui se vê claramente qual era o objetivo. Quiseram provocar e ver qual era o estado de espírito dos cubanos, porque cada vez que cometem um crime, pensam que os demais se assustam. Eles não sabem que o crime multiplica a coragem do nosso povo, multiplica a nossa coragem e multiplica a nossa decisão. Mas à medida que isso se multiplica, é por isso que eu digo que deve-se multiplicar o sangue frio, porque face a este tipo de acontecimentos há que seguir a tática e a estratégia que corresponde à resposta adequada. Nós sabemos muito bem o que devemos fazer ante cada uma das ações do inimigo — claro que não podemos discutir em público —, qual é a estratégia, o que se pode e se deve fazer, onde devemos fazê-lo e como devemos fazê-lo.

Em nenhum momento faremos aquilo que pensam ou o que esperam, ou o que possa fazer o jogo deles: é preciso utilizar a coragem, mas há que utilizá-la com inteligência. Outras vezes dissemos: precisa-se combinar a inteligência com a coragem. Isso é que leva à vitória.

Agora — estava dizendo — talvez nos quiseram pôr à prova. Se vieram nos pôr à prova, saíram-se realmente muito mal. Como diz um velho provérbio, o tiro saiu pela culatra. Depois falarei e explicarei a conotação e o sentido que isto tem, mas primeiro quero dar-lhes mais detalhes sobre tudo isto e o que fizemos, detalhes que provam também, o modo em que atuam, consciente e deliberado: nisso não havia margem para erro, para nada.

Nós viemos a saber de tarde, quase à noite, que esse barco estava sendo fustigado; mas eles começaram a fustigá-lo — como contou aqui um dos tripulantes — primeiro com um avião — isso foi no dia 29 — depois com o barco guarda-costas no dia 30.

Eles nos explicaram aqui com palavras simples e o companheiro do Partido disse também com piada, com humor. O barco começou a ser fustigado fortemente às 08:00 horas do dia 30. Então eles não conseguiram se comunicar diretamente, comunicaram através do México e enviaram a informação de tudo o que aconteceu durante o dia, que os fustigaram e a decisão que tomaram. A direção do Ministério confirmou-lhes que era correta a posição assumida, a decisão tomada, e que se apoiava essa decisão.

Depois da meia-noite do dia 31, o Departamento de Estado do Governo dos Estados Unidos comunica-se com nosso chefe da Seção de Interesses em Washington e diz-lhe — uma espécie de ultimatum — que às 04:00 horas o barco seria abordado de qualquer maneira, alegando o mesmo pretexto, que era por suspeitas, para comprovar se levava droga.

Então, ao saber desta ameaça à vida dos tripulantes cubanos, telefonei — para não perder tempo — ao nosso chefe da Seção de Interesses, ao companheiro Arbezú. Aqui tenho a síntese do que diz textualmente — não vou ler tudo, só as partes essenciais, porque algumas vezes repito as indicações.

Disse-lhe com relação ao ultimatum — e aqui foram empregados palavrões como na guerra; bem eu não gostaria de repeti-los por respeito ao público. Sei que vocês vão estar de acordo, mas tenham em mente que há muitas famílias ao longo do país ouvindo rádio ou vendo televisão. Eu vou fazer referência, vocês vão entendê-los perfeitamente; mas por respeito aos lares, às famílias.. Compreendo que quando não há outro remédio, há que dizê-los e sabe-se lá quantas vezes teremos de dizê-los; quando as coisas começarem a aquecer, o palavrão é o melhor do dicionário. No dicionário não há nada melhor que um palavrão.

Isto é velho. Nós na guerra, na Sierra Maestra, tínhamos constantemente que empregar palavrões, e estamos de tal maneira habituados a isso, que no famoso ato da Ciudad Libertad, parece que eu estava um pouco zangado e dizia baixinho: P... e P... Bem, eu tive que me reeducar para não chegar a dizer aquelas palavras em público alguma vez; mas sempre sentimos — e é correto — respeito pela sensibilidade de uma mãe, de um pai, pelas crianças, por todos, e não pensem que eu me converto no promotor número um dessas palavras tão essenciais em determinadas circunstâncias, empregadas também pelos tripulantes do "Hermann".

Eu disse assim ao companheiro Arbezú, aquele a quem comunicaram a meia-noite esse ultimatum: "Tem que dizer a esses F da P" — e acrescento-lhe — "e os estou tratando com decência". Claro que eles entendem toda a mensagem, não? "Chama-os, creio que eles disseram que suspeitam que haja droga no barco. Tem que dizer-lhes que esse argumento é cínico e inaceitável e que os tripulantes não vão deixar inspecionar o barco. Que o barco vai seguir e que só deixam que seja inspecionado por autoridades mexicanas em águas mexicanas, podem ser águas jurisdicionais ou pode ser dentro das 200 milhas". "Que a tripulação só deixará que o barco seja inspecionado por autoridades mexicanas em águas mexicanas". Isto é, que se está apresentando uma solução, não é um problema sem solução, há uma solução. Você acha que esse barco leva uma carga? Siga-o, e quando chegar a águas mexicanas, que os mexicanos o inspecionem, com autorização de Cuba, em águas mexicanas. Se for com os mexicanos, nós estamos dispostos a dar-lhes autorização em qualquer lado, porque as relações são fraternais, são de respeito, não há razão para fazê-lo com estes bandidos.

Continuo com as instruções ao nosso chefe da Seção de Interesses. "Se te disserem que esse barco tem bandeira panamenha, diga-lhes que a bandeira é panamenha, mas que os c... que estão dentro do navio são cubanos. Que a tripulação não aceita deixar inspecionar o barco por uma questão de honra, e porque não tem confiança na porcaria de marinha e autoridades norte-americanas, pois são capazes de fabricar qualquer mentira e colocar qualquer pacote no barco; que desconfiam deles e, por honra, não deixam inspecionar o barco. Que eles são responsáveis pela vida de qualquer dos tripulantes desse navio, e que se acontecer alguma coisa aos tripulantes desse navio, eles são os responsáveis; que tomem nota para que depois não haja confusão".

"Que o barco, chegando a águas jurisdicionais ou águas territoriais mexicanas, submete-se à jurisdição mexicana, às autoridades mexicanas, à inspeção, ao que quiserem as autoridades mexicanas, mas que por uma questão de honra, não se deixam inspecionar por um guarda-costas ianque em águas internacionais; por honra é que o fazem e, além disso, os ianques não têm motivo para fazê-lo. Que desconfiam deles porque são uns velhacos, porque são imorais, porque são cínicos. E que rejeitamos o argumento; que o governo de Cuba tem estado em comunicação com o barco, deu-lhe instruções e está em contato com o mesmo. Que o navio nos

consultou e que o governo de Cuba apoia a posição dos tripulantes do navio.

"Telefona agora a esse que telefonou para você; telefona a 10 se tiver que telefonar, acorda esses F da P. Olha, estou falando a esta hora, são quase 02:00 horas, por isso adverte-os de que a tripulação do navio, por honra, não deixa inspecionar o barco e que o governo dos Estados Unidos é responsável pelo que acontecer aos tripulantes do barco. Que o barco, em águas jurisdicionais ou em águas territoriais mexicanas, só se submete às autoridades do México, que se quiserem devem falar com as autoridades do México e que o barco tem instruções de submeter-se às autoridades do México para fazerem qualquer comprovação ou inspeção".

Como podem ver, há uma solução clara, fácil, do problema; se realmente houvesse alguma preocupação, que era infundada, mentira, mas se existisse, bem, essa era a solução. Nós propusemos uma solução.

"Diga-lhes que a questão do argumento da droga é uma provocação, tal como nós vemos, que é uma provocação, um argumento cínico e que é um argumento de F da P. Diga-lhes isso, mesmo que amanhã te mandem embora daí", acrescento-lhe.

Portanto eles sabem, eles têm uma resposta, eles têm uma resposta e uma solução clara, lógica, justa, irrebatível, além disso, são advertidos de que não vão deixar inspecionar o barco.

Vejam como esta decisão é tomada pelos próprios tripulantes, isto é muito interessante. Eles estão lutando desde cedo, e só várias horas depois é que em Cuba se sabe o que está acontecendo lá.

Assim que acabo de falar com o companheiro Arbezú, telefono para o México para comunicar-me com nosso Embaixador no México e informá-lo sobre o que está acontecendo e para dar-lhe instruções como agir.

Eu lhe disse: "Vou falar devagar, pois a comunicação está um pouco difícil".

"Há um barco com bandeira panamenha, tripulação cubana, que leva carregamento de Moa para Tampico. O que leva é muito pouco, creio que algumas toneladas de cromo, uma matéria-prima para estudos, para uma investigação ou coisa do gênero, isso é o que eu sei que leva". Nós aos ianques, não demos nenhuma explicação do que o barco levava, pois não tínhamos obrigação, mas aos mexicanos íamos fornecer-lhes todos os detalhes.

"Mas hoje, às 08:00 horas, foi interceptado por uma embarcação ianque" — hoje, quer dizer, às 08:00 horas de ontem, terça-feira — pois eu falo com eles já de madrugada "e os estiveram incomodando, até jatos de água lhes jogaram, e dispararam alguns tiros".

"O pretexto deles é a suspeita de uma carga de droga. O barco não se deteve e seguiu. Eles telefonaram a Arbezú, não sei a que horas, deveria ser as 12 horas e disseram que iam abordar o navio às 04:00 horas".

"Esse barco já está perto de Tampico. Eles estavam a 200 milhas, mas creio que hoje, dia 31", isto é, quarta-feira, "próximo das 08:00 horas chega a águas jurisdicionais mexicanas. O barco navega a 12 nós".

"Nós dissemos aos ianques que a tripulação é cubana e que os tripulantes, por uma questão de honra, não deixam que autoridades norte-americanas inspecionem o barco em águas internacionais, que além disso não confiam nas autoridades norte-americanas, que são capazes de qualquer atrocidade, de qualquer mentira".

"Dissemos a eles que o barco só se deixará inspecionar pelas autoridades mexicanas em águas mexicanas, em águas jurisdicionais ou territoriais, em qualquer parte. Deixa-se inspecionar pelas autoridades mexicanas em qualquer lugar e submete-se às autoridades mexicanas para que façam qualquer comprovação, investigação, inspeção, o que quiserem".

"O barco chama-se 'Hermann'. Tem bandeira panamenha. Partiu de Moa. Transporta 10 toneladas de cromo que carregou no porto de Moa, de onde saiu às 10:00 horas do dia 25 de janeiro. Vai carregar mercadoria em Tampico. Esse é o objetivo principal da viagem".

"Os dados são: cumprimento, 79,8 metros; largura, 13 metros; cor cinzenta; peso morto: 2.300 toneladas. É um barco pequeno. Estima-se que chegue a Tampico às 09:00 horas de hoje, dia 31 de janeiro".

"Eles dizem que é de bandeira panamenha e que têm direito a inspecioná-lo. Nós dissemos a eles que a bandeira era panamenha, mas que os c... que iam no navio eram cubanos, para que não nos chateassem mais". Empreguei um sinônimo.

"Eu falei com Arbezú há pouco tempo, disse-lhe que o barco não ia parar, que por uma questão de honra, os tripulantes não deixam inspecionar o barco e que terão de afundá-lo, que serão

responsáveis pela vida dos tripulantes, pelos estragos que possam causar. Falei com ele há questão de uma hora e disse-lhe que acordasse todo mundo ali, a quem fosse necessário, e explicasse que o barco não ia parar, porque eles disseram que iam abordá-lo às 04:00 horas".

"Os tripulantes estão decididos a não deixar que os ianques os humilhem, e têm toda a razão, não só por uma questão de honra, até por uma questão prática, estes são uns super-filhos da P e podem inventar uma mentira sobre o barco. Os tripulantes não confiam neles e com razão".

"Mas eles vão submeter-se às autoridades mexicanas, que o cônsul viaje de Veracruz a Tampico".

Eu perguntei onde estava o cônsul e ele disse que em Veracruz: perguntei em quanto tempo poderia chegar, e ele disse que em três horas, e pedi que lhe telefonasse rapidamente para ir para Tampico.

"Além disso, é preciso falar com alguém, algum militar, que seja da marinha o alguma autoridade mexicana que receba o navio; que o receba no alto-mar, no porto, em qualquer lugar, que o inspecione. Nós submeter-nos-emos às autoridades mexicanas. Inclusive, nos convém que as autoridades mexicanas vejam o barco a pedido nosso, que o inspecionem e comprovem. Nós não vamos nos deixar inspecionar pelos ianques; terão de tomá-lo pela força, terão de afundá-lo. Não sei o que vão fazer, mas a tripulação está decidida a seguir".

"O que dissemos aos ianques é que nos vamos submeter às autoridades mexicanas. Mas há que dizer às autoridades mexicanas que, inclusive, gostaríamos que fizessem uma inspeção ao barco para comprovarem a legalidade e a situação do mesmo; mas não sabemos se vai chegar, se o afundaram às 04:00 horas". Estou falando próximo das 03:00 horas, não sabemos se o barco vai chegar.

"Pertence à companhia Guamar Shipping Company S.A. Mas isso será explicado lá. Foi alugado por uma empresa cubana".

"Pensei que era indispensável que você soubesse disto. Telefona a alguém do governo mexicano, pensa a quem, a que autoridade se pode telefonar a esta hora para se encarregar disto. Diz aos mexicanos que aceitamos com prazer, realmente, qualquer inspeção". E depois: "O barco vai seguir, disso não há dúvidas, a tripulação está decidida. Imagina que eles já estavam travando sua batalha antes de se comunicarem conosco".

Sim, eu dizia que eles vinham travando sua batalha durante horas, sem nós sabermos.

"Agora o Cônsul ou algum de vocês deve chegar lá rapidamente".

Dei-lhe mais detalhes, perguntei-lhe, inclusive, com quem ia conversar. Disse-me que ia telefonar ao vice-ministro de Relações Exteriores. Finalmente, falou com o terceiro do Ministério. Vocês devem compreender, a essa hora da manhã, é desagradável, incômodo telefonar a uma autoridade, embora o assunto tenha, realmente, muita importância, por colocar em perigo a vida dos tripulantes.

Vejam em que condições eles fazem o ataque. Reparem. Quer dizer que não tinham nenhuma justificativa porque existia uma solução simples para o problema.

Agora vejam que a decisão de atacar o barco, segundo alguns telex que chegaram hoje, é tomada numa reunião, depois de se reunirem três vezes, funcionários do Departamento de Estado, do Departamento da Defesa e do Conselho Nacional de Segurança. Esta decisão teve que ser consultada com o Presidente dos Estados Unidos! E deve ter sido o Presidente que tomou a decisão, porque funcionários dos três departamentos não tomam uma decisão desta natureza, de disparar com canhões contra um navio mercante em águas internacionais e tentar afundá-lo. Poderiam ter matado todos os tripulantes desse barco. Era uma ação agressiva séria, uma grave provocação.

Vejam o nível de arrogância, de prepotência, que o imperialismo mostra. Devemos meditar sobre isto, porque de tudo isto temos que tirar as nossas conclusões, para o caso de haver alguns que ainda duvidam, que ainda não se convenceram das coisas que temos dito, o tipo de mundo que se está formando, o tipo de paz que espera os povos do Terceiro Mundo e a batalha que nós mesmos temos de travar ninguém vai travá-la por nós nem queremos que ninguém a trave por nós, mas para fazermos uma idéia da dimensão dos problemas, da gravidade dos problemas.

Vejam que desonestidade, esse barco vai levar umas amostras de mineral, matéria-prima. Talvez sejam amostras para exportar posteriormente, pois 10 toneladas é uma quantidade pequena, ou para fazer uma análise de laboratório, ou algumas provas. Todas essas coisas com relação ao desenvolvimento da nossa economia. Mas, além disso, há 1.500 toneladas de mercadoria de que o nosso país

necessita, que estão lá em Tampico à espera de que sejam recolhidas e das quais podemos necessitar aqui com urgência. Não tenho a relação das mercadorias mas sim a certeza de que são mercadorias importantes para enfrentar os problemas.

Onze homens — aqui mencionavam-se 12, pois ao princípio disseram que eram 12, mas realmente depois comprovou-se que eram 11 — onze honrados operários do mar, onze honrados trabalhadores; não onze milionários passeando pelo Caribe, mas sim onze trabalhadores viajando no seu barco, para resolver problemas da economia do país, para trazer as mercadorias de que o país e a população necessitam, e de repente querem humilhá-los, querem abordá-los.

Quem pode confiar num desses guarda-costas com as barbaridades que estão fazendo, sendo os ianques tão mentirosos, tão cínicos? Podem colocar qualquer coisa lá no barco. Já não era só uma questão de honra. Eles reagiram por honra, em primeiro lugar, mas, além disso, têm direito a proteger-se de qualquer ação imoral que o imperialismo possa cometer contra eles.

E a estes homens trabalhadores, em plena paz, em águas internacionais, não em águas norte-americanas, disparam-lhes com canhões, com metralhadoras. São atacados com armas de todos os calibres. Ainda não se disse aqui que o ataque durou uma hora e 45 minutos. Não se pense que foram cinco minutos, nem 10 minutos. Estiveram disparando contra o barco uma hora e 45 minutos!

Agora, isto foi de noite, não sei a que horário se referem, 04:35 horas de lá ou daqui? Era de noite, de madrugada ainda. Nem sequer tinha amanhecido e começaram a disparar com todas as suas armas, de noite. Imaginem a coragem destes homens, sim, para navegar no mar de noite, é preciso, inclusive, coragem. Quando se navega de madrugada, há que ter cuidados especiais, pois se um homem cai ao mar pode perder a vida, pode ser muito difícil salvá-lo, é preciso trabalhar com precaução.

De madrugada, depois de 24 horas de perseguição, tempo suficiente para pôr nervosa qualquer pessoa que não tenha os nervos de aço; uma ação que começou às 08:00 horas é já passaram 12, 16, 20 horas e meia de guerra, ameaças, disparos, e estes onze humildes operários não ficam nervosos, mantêm a decisão. Resistem aos disparos, todos os disparos à proa, ao leme, às máquinas, aos quartos dos tripulantes, à cabina de comando, ao posto de comando.

Estiveram uma hora e 45 minutos debaixo do fogo, e estes homens não tinham armas para responder e avançavam, seguiam, não se detiveram, mantiveram a guerra moral com o inimigo, a guerra verbal, respondiam como tinham que responder.

Estes homens enfrentaram o império sem uma arma, enfrentaram as esquadras assim; pois esse guarda-costas significava a poderosa marinha e a poderosa esquadra ianque, não era um navio de um pequeno país do Caribe, era um barco que representava o poder dos Estados Unidos, que foi utilizado para afundar o navio, mesmo que sacrificassem a vida dos tripulantes.

É uma coisa verdadeiramente espantosa, verdadeiramente excepcional, a conduta destes homens. É necessário se colocar no seu lugar, a distância a que estavam do seu país, sem armas. Enfrentam o império, enfrentam as ordens do chefe do império que deu instruções de disparar e disparar para matar à vontade: talvez o acordassem e assim mesmo pelo telefone tomou a decisão de disparar contra o barco e afundá-lo. Uma coisa vergonhosa, covarde típica do império. E a esse império temos que conhecê-lo bem e todos os dias temos que conhecê-lo melhor.

Estes homens realizaram uma proeza extraordinária, uma heroicidade extraordinária. Temos visto filmes de pessoas combatendo, de pessoas fazendo coisas heróicas, mas jamais uma coisa tão extraordinária como esse filme dessa madrugada, desses homens que suportam o fogo do guarda-costas durante uma hora e 45 minutos, não hesitaram e seguiram; quando o barco podia se incendiar, quando já não tinham salva-vidas, quando já não tinham oportunidade de salvar-se, exceto se se entregassem, não se detiveram, seguiram e continuaram dispostos a despedaçar-se contra a costa ou contra as torres de petróleo, ou arder ali, consumir-se numa fogueira para não cair nas mãos dos imperialistas.

Vejam a que situação levaram esses homens e em que perigo estiveram os próprios interesses do México e as conseqüências ecológicas, as conseqüências para a economia mexicana, inclusive, desse conflito, dessa agressão desnecessária e injustificada, filha da prepotência e da arrogância do imperialismo.

Foi, na minha opinião, uma proeza extraordinária, com uma grande singeleza. Imagino que muitas pessoas se perguntam o que é um herói. Aqui têm vocês estes heróis, surgidos repentinamente, homens simples do povo.

Mas qual é o maior significado que tem esta proeza e esta heroicidade? É que não se trata de proezas individuais, nem heroicidades individuais, é a proeza e a heroicidade do povo, porque eles ali eram o povo. Eles ali, nessa luta e nesses momentos tão difíceis, representavam o povo, a dignidade do povo, a honra do povo. Demonstra aquilo que dizíamos: "Que no povo há muitos Camilos", o que quer dizer que no povo há muitos heróis e grandes heróis, inúmeros heróis potenciais. Para enfrentar esta luta, precisamos de milhares e milhares de heróis e estes onze homens humildes do povo demonstram que aqui há milhões de homens e mulheres com madeira de heróis. Pois estou certo de que isso é o que qualquer de vocês faria, isso é o que faria qualquer homem ou mulher das nossas Forças Armadas Revolucionárias, das nossas Milícias de Tropas Territoriais[6], de todo o nosso povo organizado para a defesa do país.

Não se sabe quanto vale essa mensagem que os nossos homens enviaram aos imperialistas! Não se sabe quanto vale! Deram-lhes uma insuperável lição, pois se estes homens não se detiveram ali, onde não tinham sequer uma arma, e recorreram ao machete, ao machado, à faca de cozinha e até à chave de fenda, o que é que estão dizendo aos ianques? Estão lhes dizendo claramente: Não tenham ilusões, imaginem o que vai acontecer aqui quando tiverem de enfrentar os canhões de milhares de tanques — por exemplo —, quando tiverem de enfrentar os milhões de espingardas, metralhadoras, armas de todo o tipo e de todos os calibres.

Aqui temos esse chumbo. Vamos ver se eles têm tão pouco medo dos chumbos como os nossos homens, como estes tripulantes. Vamos ver, e parece que têm algum medo pois vestem logo o colete e põem o capacete e tudo. Mas disso não vai ficar aos agressores da nossa Pátria nem o pó, quando tiverem que enfrentar o nosso povo, este povo, não um grupo de homens sem armas, quando tiverem que enfrentar o povo armado e preparado, e com todas as armas, as que temos e as que estamos fazendo, além disso, para que todos tenham a sua granada, a sua mina.

Se alguém quer saber o que é um herói, aqui tem heróis genuínos do povo, simples, modestos, que, como eles bem dizem, sentiam mais temor ao falar aqui diante de vocês que esse que sentiam lá sob as balas imperialistas.

6 Instituição que congrega toda a população em condições de combater e que não pertence a uma unidade regular de combate.

A provocação imperialista foi o ridículo do século. Eu imagino que se tenham rido dos ianques, um sorriso de orelha a orelha nos países do Terceiro Mundo, porque não conseguiram deter nem afundar o barco.

A sua manobra foi desmascarada, porque fomos nós, e quero adverti-lo, porque apareceu um telex dizendo que foram os ianques que pediram às autoridades mexicanas — e estão aí os papéis para demonstrar a verdade, além disso eles devem ter gravado essas conversas, pois os F da P gravam tudo, todas as pessoas neste hemisfério; não se pode falar, nós temos de procurar outros meios de comunicação, mas quando há urgência, e se iam atacar o barco às 04:00 horas, era preciso falar em linguagem aberta, sem usar chaves — o que pedimos às autoridades mexicanas e dissemos três vezes ao embaixador: "Roga-lhes que comprovem para desfazer a intriga desses tipos". E fizeram-no, estiveram durante várias horas inspecionando o barco, com todos os detalhes — contaram-me os companheiros em alguns minutos que falei com eles quando cheguei à tarde — todas as autoridades mexicanas: as da Imigração, as da Alfândega, da Marinha, os organismos que se encarregam da luta contra a droga. Levaram os famosos cães para ver se havia droga no barco. Nem droga nem urina, nem droga nem merda encontraram nesse navio! Estou certo de que se levam esses cães para lá, ao guarda-costas norte-americano encontram as três coisas.

Não conseguiram nada, não conseguiram enganar ninguém nem confundir ninguém. Demonstraram mais uma vez ao mundo a sua perfídia, o seu descaramento, a sua falta de vergonha, o seu cinismo, feriram profundamente a sensibilidad do nosso povo, multiplicaram a sua indignação e a sua força, como acontecerá com tudo o que fizerem, até chegar a hora zero, até chegar a hora da verdade, que pode chegar, ao ritmo que vai a arrogância imperialista.

Ah, mas eu poderia chamar a isto a primeira escaramuça e disse-o aos companheiros: esta é a primeira escaramuça, porque se é verdade que uma vez outro grupo de manrinheiros também teve um exemplar comportamento quando do golpe de Estado no Chile, quando o navio ia sair de Valparaíso, que lhe dispararam com canhões e não se deteve — todos recordamos isso, mas foram circunstâncias diferentes, momentos diferentes e era um país latino-americano, não o império mais poderoso da Terra —, foi motivo de orgulho o que os cubanos fizeram naquela ocasião; mas hoje as circunstâncias são muito especiais, bem diferentes, isto é tão

simbólico que, na realidade, não creio que possa haver um episódio superior a este.

Aqui temos o privilégio de estar com os companheiros, mandamos buscá-los por isso, depois das horas e das provas a que se submeteram, para receber a homenagem do povo, mas todos eles poderiam estar mortos neste momento, que era o que os ianques queriam. O barco podia estar no fundo do mar e eles mortos, mas não conseguiram e para não complicarem mais a situação em águas jurisdicionais mexicanas, não se atreveram a concluir o crime. Mas devem ter ficado envergonhados e ao mesmo tempo devem ter aprendido a lição, por isso é que a atitude destes companheiros simboliza tanto, neste momento tão especial, neste momento nosso e do mundo, quando é preciso ensinar o que é um revolucionário, o que é um comunista.

Vários deles são membros do Partido Comunista de Cuba, outros membros da União de Jovens Comunistas e dois que não estão filiados, e isto vem confirmar o que eu disse no Congresso operário, que poderia haver delegados não filiados no Partido ou na UJC, mas que são comunistas, e que um partido comunista não faz nada sem uma classe operária comunista, um partido comunista não faz nada sem um povo comunista.

Se para entrar para o Partido é necessário um aval, eu gostaria que, hoje, todos nós, aqui, déssemos o aval de membros do Partido aos dois que não o são.

Gostaria de propor que em nome de todos nós, lhes déssemos o aval, não só a esses dois, mas também a todos os da UJC, déssemos o aval como membros do nosso glorioso Partido Comunista. Porque isso é comportar-se como um comunista, isso é ser comunista, ao grau mais elevado.

Sentimos orgulho, quando fala aqui o secretário do núcleo do nosso Partido nesse barco, e se expressa — como se expressou — com essa simplicidade. Face à arrogância ianque, o desprezo de um comunista. Assim é que tem de ser o nosso Partido e assim é que tem de ser cada um dos militantes da nossa UJC, e assim são. Por morrer uma andorinha não se acaba a primavera. Esse é o espírito da nossa juventude comunista, dos nossos operários, do nosso povo.

Nós vamos propor ao Conselho de Estado, que entregue a estes homens a máxima condecoração ao valor que se pode outorgar a um combatente. Eles travaram a primeira escaramuça, que no aspecto moral significa uma gigantesca batalha e uma gigantesca vitória.

Lembro-me de que uma vez li numa história antiga algo que aconteceu em Roma; não sei se será verdadeira ou falsa, mas como história está escrita. Era a época em que os romanos não constituíam ainda um império, caracterizavam-se pela sua coragem e estavam cercados. Diz-se que os que cercavam aquela cidade conseguiram fazer dois prisioneiros e os levaram ao chefe que ameaçou torturá-los, ameaçou queimá-los. Ali havia uma fogueira, e como desprezo à ameaça, puseram as maõs nas chamas.

Seja ou não verdadeira essa história, tem um profundo significado. Eu me lembrava daquela lenda quando na manhã de ontem, os companheiros me iam informando da evolução dos acontecimentos, a partir do momento em que o navio foi atacado. Se pensam que podemos temer suas ameaças, o heróico exemplo destes humildes operários é a resposta mais eloqüente que, em nome do nosso povo, se pode dar ao império!

Quis o acaso que hoje nos reuníssemos aqui, neste largo, não muito longe da guarita dos imperialistas, para que vejam e ouçam. Mas é que aqui estão os restos daquilo que foi símbolo do domínio ianque, o famoso monumento ao "Maine".

Eu não diria que os marinheiros que morreram no "Maine", não merecessem um monumento, que alguma alma piedosa lhes erguesse um monumento, que alguma alma honrada lhes erguesse um monumento, porque foram vítimas da atrocidade do imperialismo, pois as investigações históricas e todos os indícios demonstram que foi muito casual e muito estranho que toda a oficialidade estivesse numa festa. Os humildes marinheiros daquele encouraçado, quando o império estava prestes a levar a efeito a sua primeira guerra imperialista, foram atrozmente sacrificados. Existem todos os indícios de que os próprios imperialistas fizeram explodir o navio, onde não havia oficiais, porque — oh, fabuloso acaso! — estavam numa festa. Esse foi o pretexto da guerra, o pretexto da intervenção em Cuba, da ocupação das Filipinas, de Porto Rico e outras possessões espanholas. Foi como o conhecido e pré-fabricado incidente do golfo de Tonquim, que aconteceu mais recentemente.

Portanto, pode-se falar de vítimas, porque foram vítimas, mas do imperialismo. Ergueram esse monumento por pura hipocrisia, e este depois converteu-se em símbolo do domínio imperialista sobre a nossa Pátria.

Mas um dia, a Revolução triunfou. Passaram dezenas de anos, mas triunfamos! E desde 1878 — que foi quando concluiu a nossa primeira guerra de independência, iniciada em 1868, e concluiu gloriosamente graças aos acontecimentos de Baraguá — passaram dezenas de anos. Desde a guerra de 1895, passaram dezenas e dezenas de anos, reduziram praticamente o nosso povo a pó, mas — como alguém disse aqui, um dos companheiros que me precedeu — esse povo soube ressurgir sempre das cinzas e continuar a lutar e no final vencer.

A nossa luta de hoje é a de 68 e a de 95, do Moncada, a do Granma, a das missões internacionalistas. E hoje não somos cinzas — não somos cinzas! — e temos, mais do que nunca, forças para defender-nos, armas para defender-nos, idéias para defender-nos, combatentes para defender-nos, e capacidade de converter em pó e converter em cinza, com esse comportamento, com esse exemplo, com esse temperamento, mais cedo ou mais tarde, aqueles que cometerem a atrocidade, o crime histórico inqualificável de agredir a nossa Pátria.

Se de algo podemos estar certos, é de que jamais a águia que simboliza o império, voltará a colocar-se sobre essas colunas, que ficaram convertidas em monumento daquilo que foi o império no nosso país e do que acontecerá, mais cedo o mais tarde, ao seu afã de escravizar o mundo.

Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Fragmento do discurso pronunciado no encerramento do Encontro de Educadores Pedagogia'90 em 9 de fevereiro de 1990

(...) Tomei conhecimento que neste congresso foram apresentados muitos trabalhos. Soube que foram trabalhos de muita qualidade, tanto pelo pessoal cubano quanto pelo pessoal visitante. Não vou chamar vocês de estrangeiros depois de terem aprovado uma declaração que em primeiro lugar fala da necessidade de se unir e de se integrar. Temos que começar a nos chamar de uma outra maneira, latino-americanos ou alguma coisa assim. Disso podem encarregar-se os filólogos. Quais são os especialistas dessa matéria?, para que digam como devemos chamar-nos. Porque os espanhóis dizem hispano-americanos, os outros dizem latino-americanos e outros dizem que essa palavra não é exata. Porém, podemos chamar-nos irmãos, vocês não acham?

Dizem que os irmãos visitantes apresentaram trabalhos muito bons e também me disseram que vieram pessoas de um nível muito alto, altíssimo. Se reunirmos as experiências de todos, a inteligência de todos, acho que poderemos conseguir muita coisa, não duvido. E se conseguirmos neste campo, conseguiremos nos outros também.

Até poderíamos dizer que não pode haver integração sem educação, porque o que se explora é a nossa ignorância. Exploram a falta de conhecimentos, não somente elementares, mas também técnicos e científicos. O desenvolvimento técnico-científico dos países industrializados que nos exploram é um dos instrumentos de saque, embora não seja o único, claro. Muitas inteligências já foram roubadas de nossos povos, de nosso hemisfério! Milhares! E não sei se pode haver crime maior que roubar as inteligências aos povos,

muitas vezes as mais brilhantes, embora felizmente nem todas. Não somente levam as matérias-primas, o dinheiro, as divisas, mas também as inteligências. E não pagam nada por elas, nada, ainda que o país tenha investido grandes recursos em formá-las.

Por isso o fato de unir, de juntar forças para nos apoiar mutuamente, nos ajudar, nos ensinar, para aprender todos de todos, é algo vital para o futuro de nossos povos.

A declaração que escutamos aqui parece-me realmene uma jóia; em primeiro lugar está bem redigida — e como não ia estar se trata-se de professores —, excelentemente bem redigida; é expressiva e impactante.

Ponho à parte o reconhecimeno ao nosso país, não estou pensando nisso; estou pensando nas idéias básicas contidas nessa declaração, na força do que se expressou, sem extremismos, sem exageros; no sentimento com que se expressa, na eloqüência com que se expressa, as perguntas que se faz.

Não é necessário um livro, alguns parágrafos são suficientes, algumas perguntas que contenham a essência do que temos que fazer, se queremos ser, se queremos sobreviver ao futuro, se queremos fazer parte deste mundo com plenos direitos, com plena independência e com plena liberdade; porque a ignorância nos conduz à escravidão e conduzir-nos-á cada vez mais à escravidão, e sem educação não poderemos nem começar o longo caminho.

Nós começamos pela educação. Se hoje temos quase 40.000 médicos, dos 3.000 que ficaram aqui; se hoje formamos quase 4.000 por ano, é porque desde o início concedemos muita importância à educação; se hoje temos milhares de formados de nível universitário, é porque começamos eliminando o analfabetismo e levando a escola e o professor até o último canto do país.

Se hoje temos milhares de cientistas, se em nosso país está se produzindo uma espécie de explosão científica — e não faz muitos dias estivemos reunidos no Palácio das Convenções com as instituições científicas —, é porque começamos eliminando o analfabetismo.

Se hoje temos quase 300.000 professores de todos os níveis, é porque começamos eliminando o analfabetismo.

Quando triunfou a Revolução, somente 55% das crianças freqüentava a escola. Tivemos que lutar muito com o problema da evasão escolar, o atraso escolar e muitos outros problemas. Com os êxitos se esquecem os tropeços.

Foi um caminho longo para termos o que temos hoje, as esperanças que temos hoje e o privilégio de encontrarmos em qualquer parte, em qualquer empresa agrícola, dezenas de técnicos universitários. No início era um homem da sexta série substituindo o capitalista.

Se visitam o setor das construções e vêem muitos engenheiros trabalhando, dirigindo as brigadas de construção é porque começamos por isso.

Devo confessar que no campo médico, no campo científico, estamos fazendo avanços consideráveis; tão consideráveis que, na minha opinião, na medicina não passará muito tempo sem que tenhamos medalhas de ouro.

No campo da ciência há grandes perspectivas para o nosso país. É ótimo que tenhamos coisas que não têm algumas das maiores multinacionais dos Estados Unidos; que tenhamos equipamentos que eles não têm, que nos encontremos à frente em uma série desses meios; que tenhamos remédios que eles têm, mas de melhor qualidade. Eu não sei quais os produtos que eles possam fazer no futuro que nós não possamos fazer no campo da indústria de medicamentos.

Também pergunto a mim mesmo se poderão competir conosco nas quantidades e qualidades suficientes desses produtos, porque muitos são produzidos a partir de matérias-primas que temos aqui em quantidades ilimitadas; e não são nem um nem dois, já são numerosos os produtos e todos os dias aparecem coisas novas.

Por exemplo, já estamos fazendo os testes da nossa vacina contra a hepatite B e comparamos com a única que existe de uma multinacional dessas, e a nossa, modéstia à parte, é muito melhor.

Uma dessas multinacionais tem o Fator de Crescimento Epidérmico e nós também temos. Há laboratórios estrangeiros que fizeram comparações e o nosso Fator de Crescimento Epidérmico é várias vezes mais efetivo que o da multinacional.

Já temos a vacina antimeningocócica, que nenhuma multinacional tem, e estamos trabalhando em muitos campos e em muitas coisas. Não vou sair da educação para fugir pelos caminhos da medicina; mas coloco o exemplo porque é a única maneira de nos independizar.

Eles têm o Interferon? Nós também temos, e de uma grande qualidade. Ficam nervosos com isso.

Há pouco tempo aumentaram o preço da albumina. Foi vendida a 80 dólares aproximadamente; nós vendemos a um preço razoável, que era inferior à metade disso e a multinacional teve que rebaixar rápidamente o preço da albumina.

Agora, por desgraça, surgiram algumas epidemias em alguns países nas quais nós temos experiências, como o dengue hemorrágico. Já tinha acontecido no Equador. O governo do Equador pediu auxílio a Cuba e nós transmitimos toda a informação e toda a experiência acumulada, porque tivemos há alguns anos uma tremenda epidemia. Sobre suas origens ainda temos grandes dúvidas. Agora surgiu na Venezuela, na Colômbia; torna-se uma ameaça para muitos países da nossa América. Nossos médicos viajaram rapidamente para dar toda a informação, explicar o que tínhamos feito a partir da epidemia e como encaramos a doença, porque no início ninguém conseguiu nos dar essa experiência; como enfrentamos, que remédios deviam se utilizar, quais os riscos, que coisas não se devia fazer, como eliminar os mosquitos, que vivem nas casas e não é fácil combatê-los; quase há que caçar um por um.

Nós deixamos constituída uma organização para manter a nível zero, ou quase zero, esses mosquitos transmissores não somente do dengue hemorrágico e outros tipos de dengue, mas também da febre amarela e outras doenças. Mas aí está nossa experiência acumulada à disposição dos irmãos latino-americanos.

Sabemos como se elimina essa doença, mas também os remédios a serem utilizados, o efeito do Interferon entre outras coisas.

Nós tínhamos um grande acampamento de férias. Quando tínhamos o surto na cidade apareceram as medidas lógicas: suspender as férias, uma série de coisas. Eu perguntava a mim mesmo: "Onde estarão melhor protegidas essas crianças, à beira-mar, em um local com capacidade para 20.000 ou na casa delas? Com certeza vão estar melhor ali." As férias de milhares de crianças que iriam a esse acampamento na capital não foram suspensas. É mais fácil ter sob controle uma área pequena para que não haja ali nenhum mosquito.

Agora, vinham de distintas partes da cidade e das províncias. Se chegavam ali com o vírus, o que fazer? Podia se garantir um diagnóstico imediato e uma aplicação imediata das melhores técnicas. Utilizamos o Interferon, que acabávamos de produzir, que tem efeito antivírus e nenhuma das crianças que esteve doente ficou grave.

Demonstrou-se a eficiência de determinados medicamentos.

Em uma situação dessas os latino-americanos podemos nos ajudar. Já há muita coisa em que podemos nos ajudar. Estamos sendo menos dependentes do império, que quer o monopólio de tudo, especialmente da tecnologia e do conhecimento.

A independência não é uma bandeira, um hino ou um escudo. A independência não é uma questão de símbolo; ela depende do desenvolvimento, da tecnologia e da ciência no mundo de hoje. Como podemos atingir isso sem educação? Como podemos competir sem educação? Como podemos manejar as máquinas modernas sem educação, hoje quando quase tudo se resolve através da eletrônica e da informática? Na era destas técnicas, como podemos ser livres se permanecemos analfabetos, se não começamos pela educação?

Digo isto porque estou consciente do papel que vocês desempenham na sociedade, do papel que ainda devem desempenhar na sociedade e o que devem desempenhar neste hemisfério.

Por isso, e vocês também dizem aí, li atentamente o parágrafo da Declaração que diz: "Gastamos muito em armas que não servem para acabar com as causas que provocam nossa insatisfação e falta de esperança."

Isso está muito claro. Onde temos que investir primeiramente esses recursos? Bem, na educação, na saúde, em outras muitas coisas, mas começaria pela educação. Se queremos ter desenvolvimento, se queremos ter outra maneira de viver, se queremos ocupar outro lugar no mundo, temos que trabalhar nesse sentido, e formar consciência a esse respeito.

Qual a política daqueles que nos saqueiam e das suas instituições? A primeira coisa que eliminam é a educação. Quando, através do FMI, impõem políticas de restrições, a primeira coisa que fecham são as escolas, os primeiros orçamentos que cortam são os da educação e depois os de saúde e previdência social.

Por isso digo que os educadores são e devem ser vanguardas da libertação dos nossos povos, no sentido real da palavra, para alcançar a independência, vanguardas da integração dos nossos povos, mais do que os soldados.

Esta luta pode ser muito mais difícil, muito mais complexa, mais longa; lógico, é preciso formar consciência. Não vou falar de problemas ideológicos. Há coisas que todos vemos muito claro, quer seja católico ou protestante, muçulmano, hindu, animista, cristão,

marxista, socialista ou não socialista e o fato é que não somos nada; isto é, que estamos sendo saqueados, que um futuro terrível nos espera, o futuro dos escravos, o futuro dos dependentes, o futuro dos oprimidos, o futuro dos saqueados.

Vocês disseram na Declaração — por isso disse que achava tão boa —, que se a Europa se une, por que nós não podemos também nos unir. Essa é uma verdade essencial.

A Constituição americana, ou a declaração de princípios, ficou tão famosa porque continha algumas verdades evidentes — como eles dizem —, mas verdades evidentes só para eles, não para os demais, porque depois daquelas verdades evidentes em que cada homem nascia com os mesmos direitos e tal, mantiveram a escravidão durante quase um século com milhares de escravos. Nenhum daqueles direitos era evidente para os escravos, nem para as mulheres, como algum de vocês disse.

Se os europeus se uniram, por que não os da América Latina? Vejam só que coisa tão simples. É isso que temos que transmitir às massas, coisas bem claras, bem simples e os europeus passaram séculos em guerras.

Gostaria de saber se na Europa poderia se realizar um congresso como este. Se um alemão fala ninguém entende; acontece a mesma coisa com um inglês — porque todo mundo não fala Inglês, embora não tivéssemos outro remédio que ensiná-lo, e até nós ensinamos bastante Inglês, porque se os colonizadores nos impuseram esse idioma, alguma vantagem temos que tirar dele, ainda que seja como meio de comunicação para os livros técnicos que, além disso, todos estão em Inglês, porque ninguém se preocupa com traduzi-los para o Espanhol ou para o Português. A essa gente, pensam, para que vamos dar um livro técnico —; se fala um Francês, não todo mundo entende Francês, nem Italiano, nem Espanhol, nem Holandês. Não faço idéia de como pode ser o Holandês, se é parecido com o Alemão ou não.

Não podem realizar uma reunião como esta; necessitariam 700 tradutores aproximadamente; ou todo mundo com o aparelhinho esse e brincando com o fio. As nuances escapam, não se podem entender, e estão unidos. A nós proíbem até nos reunir.

Não quero falar de ninguém porque seria uma falta de cortesia da minha parte fazer críticas a alguém neste hemisfério irmão. Mas, caramba, somente nos reunimos quando somos convocados por Washington. Se Washington pede — como disse outras vezes —,

todo mundo vai rápido para lá. Se Washington diz: "Não", então nada. Os dirigentes políticos da Europa reúnem-se quase todos os meses; na África, duas vezes por ano no mínimo; e nós, nem uma nem duas vezes em um século por nossa própria iniciativa. Essa é a realidade.

A última reunião aconteceu na época do Tratado Torrijos-Carter. Eles chamaram e todo mundo foi, até Pinochet — dizem que estava muito elegante vestido à paisana, segundo contam os que sabem —; ninguém deixou de participar. Agora na América Central houve uma imitação. Mas disse que não queria falar mal de ninguém, com exceção dos nossos vizinhos do Norte; lógico que esses estão excluídos de qualquer benevolência, decência ou consideração. Porém, estou me limitando ao que expressaram na Declaração.

Está claríssimo que temos que lutar para unir-nos. Acho que estas reuniões ajudam. Por isso fiquei muito contente com a idéia de vocês de criar uma associação de pedagogos latino-americanos. Acredito que é uma idéia muito boa e uma decisão muito importante.

Acho que falaram — e discutiram bastante, talvez continuem a discutir — a idéia de criar um instituto superior pedagógico latino-americano. Falou-se de algo parecido com a Escola de Cinema. Claro que a Escola de Cinema é importante e é um meio também de libertação, porque eles nos esmagam e os filmes latino-americanos não se exibem em suas cadeias multinacionais. Pelo contrário, eles trazem seus enlatados, todo seu lixo e temos que ver à força. Na América Latina e em todas as grandes cadeias de televisão o que funciona como regra são os comerciais e o lixo enlatado. Há algumas coisas boas também, não vou dizer o contrário; mas daqueles se vêem em grandes quantidades, não conheço as estatísticas.

E vocês se ressentem porque o que ensinam de manhã fica desbaratado à tarde ou à noite, com aqueles materiais sobre violência, pornografia, mercantilismo. O professor tem que sentir isso mais do que ninguém.

Imaginem nossa indignação. Aqui não têm nenhuma cadeia de televisão e querem nos impor essa porcaria à força. Olhem só o respeito ao direito dos demais países, dos demais povos, à cultura dos demais povos! É isso que querem impor: o veneno, todas suas toxinas.

Foi muito triste ler um dia num livro sobre determinados problemas, que segundo as pesquisas as crianças do ensino primário conheciam melhor o ratinho Mickey Mouse, ou sei lá como é que se chama, e o outro, Super-homem, do que os libertadores da sua pátria. Acho que 20% dos meninos tinham ouvido falar dos libertadores e 90% conheciam Super-homem e outros personagens. Que doutrinação, que maneira de inculcar o veneno, de alienar as pessoas, de destruir a honra, o orgulho, a história dos povos! Essa é uma realidade que encontramos constantemente.

A idéia de criar um Instituto para a Pedagogia achamos mais importante do que a da Escola de Cinema, muito mais importante, porque este é um campo muito mais sensível. Isso vocês decidirão, ou talvez a associação no futuro, quando esteja organizada e constituída, porque pode promover, entre outras coisas, uma instituição dessa natureza. Nós o que podemos oferecer com muito prazer é nossa cooperação. Eu acho que uma instituição desse tipo teria que ser maior do que a Escola de Cinema. Conheço a Escola de Cinema e até seus programas de ampliação; foi uma escola adaptada para essa Instituição. Até quem sabe se desses 16 institutos superiores que Fernández[7] tem, ou vai ter, descobre um dia que há um que está sobrando e podemos adaptar. Isso nós podemos fazer! Faremos com muito prazer.

No que diz respeito a esse aspecto, é isso que posso dizer. Foi um dos pontos discutidos e eu acho a idéia boa porque é também uma idéia integracionista, mas além disso, essa escola pode se tornar um centro de pesquisas, com a contribuição dos maiores talentos da América Latina nesse campo.

Nós podemos colaborar, outros governos também podem. Tenho a certeza de que haveria mais algum governo interessado em colaborar numa instituição desse tipo para desenvolver a pedagogia latino-americana, para aprofundar em nossa pedagogia. Pode ser mais do que um centro de pós-graduação — acho que é isso que vocês consideraram —, pode tornar-se um centro de pesquisas da pedagogia e isso seria muito útil para todos.

Nós devemos tentar obter a colaboração dos governos, claro, mas não devemos ficar esperando as colaborações dos governos para trabalhar. Não podemos ficar de braços cruzados até os governos terem consciência de que devemos fazer estas coisas. Podemos

7 Ministro da Educação.

trabalhar no sentido da idéia que vocês aprovaram: a criação da associação.

Depois da sua criação é mais fácil encontrar apoio para a outra idéia: o Instituto. Uma instituição desse tipo pode se criar e pode se criar rápido. Seria uma filha muito legítima deste congresso. Eu gostei da idéia e vocês podem contar com a colaboração do nosso país se decidem levá-la a efeito.

Sei que os tempos são difíceis para todos, inclusive para nós. Ainda não sabemos as conseqüências econômicas de determinados processos que ocorrem no mundo para nosso país. Porém, sabemos que a arrogância imperialista, a autosuficiência, a prepotência aumentaram. O que fizeram no Panamá é uma prova disso. Não hesitaram ante nada e mataram milhares de latino-americanos, de nossos irmãos. E ninguém tem direito a isso. Imaginem se qualquer país tivesse o direito de corrigir o outro, nós já teríamos nos dado o direito de corrigir os Estados Unidos!

Os Estados Unidos querem corrigir todo mundo, mas não ser corrigidos por ninguém. Isso vem da época de Bolívar. Volto a mencionar a declaração e a frase que vocês colocaram — acho que também estava no discurso de Fernández: "Os Estados Unidos, que parecem destinados pela Providência para encher a América de miséria em nome da Liberdade."

Desde 1828, há mais de 160 anos, Bolívar disse; mas algumas dezenas de anos depois, na véspera de sua morte, Martí disse a mesma coisa, que tudo o que tinha feito e faria era para impedir, com a indepêndencia de Cuba, que os Estados Unidos se estendesse pelas Antilhas e caísse com aquela força mais sobre os povos da América. A citação não é ao pé da letra. mas é a idéia: é necessário independizar Cuba antes que eles se apoderem dela e com ela tentem se apoderar do resto da América, ou caiam sobre os povos da América.

Não foi Marx, não foi Engels, não foi Lenin, foi Bolívar quem disse. São capazes de querer acusá-lo de comunista. E foi Martí quem escreveu quase com o seu próprio sangue, porque o destino quis que isso acontecesse um dia antes de sua morte — acho que Fernández citou isso em seu discurso. Agora poderiam acusar Martí de marxista-leninista, comunista e além disso, subversivo e terrorista. Pode ter sido qualificado de terrorista por ter iniciado a Guerra de Independência. E Juárez que disse: "O respeito ao direito alheio é a paz."

Qual das grandes figuras de nossa história não defendeu a idéia da união de nossos países! Qual das grandes figuras de nossa história não previu de longa data os problemas que temos hoje! Martí falou muito disso; ele, que conhecia tão bem o monstro — como o chamou decentemente — porque viveu em suas entranhas.

Que visão a daqueles homens! Eles falaram da necessidade da unidade. Todos profetizaram o que nos acontece hoje. Sim, viram! E como mínimo temos uma boa parte de culpa, se não sabemos isto, se não somos conscientes disto e se não lutamos por ultrapassar isto. Há muito tempo eles falaram de muitos dos nossos padecimentos de hoje.

Aqui também se mencionou Sandino, com uma frase que acrescentou Bigott, acho que o chamou de Cid Campeador — não estava aí no documento, mas você acrescentou ao ler, magnífica frase —, lutando ali na Nicarágua contra os invasores ianques.

E o México, com a maior parte de seu território arrebatado pelos invasores ianques; apoderam-se de tudo; e agora, se os deixam, apoderam-se do resto. Espero que não os deixem, os mexicamos não permitirão. Vocês sabem que eu sinto grande simpatia e admiração pelo povo mexicano e sua história. Estamos irmanados em muitas coisas, mas, entre outras, porque temos o mesmo vizinho, o vizinho nos irmana: piratas, filibusteiros, conquistadores. Olha! É um país que deveria se ter corrigido.

Não vou repetir todo o que se disse da dívida externa. O ano de 1985 passamos promovendo reuniões, lutando, explicando o que ia acontecer com a dívida externa, o saque que isso significava. Não é somente a dívida externa, mas também o intercâmbio desigual: cada vez nos vendem as coisas mais caras, pagam menos por nossos produtos, saqueiam-nos de todas as formas possíveis, fazem *dumping*, aplicam medidas alfandegárias, fazem de tudo. Não vou falar nisso, acho que vocês falaram bastante, que expressaram aqui, de maneira unânime, as conseqüências desse saque, as conseqüências da dívida no campo da educação.

Mencionávamos a Martí, a Bolívar, a Juárez. Quantas coisas devem ter sonhado em relação ao nosso destino! Quantas coisas disseram e quantas ilusões teriam!

Há uma coisa que, na minha opinião, simboliza nossa terrível situação; ontem descobri através de um poeta, um grande poeta latino-americano: ele estava visitando uma grande cidade de um importante país latino-americano, estava tomando um refrigerante

numa lanchonete num determinado lugar, ao ar livre. Passou duas horas com um amigo e em uma hora e meia 150 pessoas pediram esmola. Numa hora e meia 150 pessoas diferentes! Isso já diz tudo. Nós sabemos que é assim. Sem dúvidas o poeta tem cara de nobreza e generosidade e com certeza estimulou todo o que passou por ali.

Sabemos a situação que há nesse lugar, que há miséria suficiente para que isso aconteça. Estamos muito longe daqueles sonhos dos que forjaram a independência de nossos povos!

Claro, os vizinhos que nos saqueiam e que são os principais responsáveis, ou o principal baluarte do sistema mundial de saque têm também seus mendigos. Há lugares em Nova York onde, se nosso poeta chegar, pedem esmola 80 vezes no mínimo. Também ali, com tanta riqueza, há centenas de pessoas que dormem nas ruas cobertas com jornais.

Ouvi dizer, para que vejam que modelo de sociedade — ou melhor, de sujidade — que na última onda de frio morreram centenas de idosos que estavam na rua. E contam, afirmam, dizem, sabe-se, que quando se aproximam essas grandes ondas de frio muitas dessas pessoas abandonadas fazem qualquer coisa para serem presas, para poder se proteger do frio e ter comida, qualquer coisa quente que dêem ali; isso é verdade absoluta.

É lógico que eles tenham menos mendigos do que nós; essa sociedade de opulência, de consumo, essa que querem nos inculcar, tem recursos fabulosos tirados ao longo da história, de nossos povos, dos povos do Terceiro Mundo.

Vejo as realidades, por exemplo crianças descalças e pedindo esmola, limpando pára-brisas, fazendo qualquer coisa para sobreviver, mendigos pedindo esmola em muitos países da América Latina ao lado de uma revista ou de uma capa impressa com o melhor papel e com um carro brilhante, luxuoso, uma loira ao lado — porque quase sempre é loira a que põem —, sofisticada, maquiada dos pés à cabeça onde diz: "Compre um Oldsmobile", ou um conversível qualquer. Não me interessa fazer a publicidade de uma marca determinada. Além disso, por muita publicidade que eu possa fazer não os vendem porque cada vez são piores e mais caros. Por isso muitas pessoas compram carros japoneses, de maneira que não fico com medo de mencionar uma dessas marcas nesta história.

Uma vez já me exploraram, porque no início da Revolução eu usava um Oldsmobile daqueles que a camarilha de Batista deixou abandonado. Um dia vi uma publicidade da General Motors dos Es-

tados Unidos que dizia: "Castro usa Oldsmobile", mas jamais pagaram nem um tostão.

Mas o nosso mendigo vê aquilo. Que faz um mendigo que vê essa publicidade? Ele imagina que a única maneira de ter uma história de amor é comprando um Oldsmobile —- os capitalistas associam tudo, o sexo, o sonhos das pessoas. Que faz um mendigo com uma revista e um letreiro daqueles na capa? E que fazem com ela milhões de pessoas que jamais na vida poderão comprar esse carro? Felizmente não precisam do carro para ter companheira — loira ou morena, sei lá —, felizmente! Porque desse gênero humano temos bastante em nosso hemisfério, muito mais e de maior qualidade.

É essa que é a triste realidade: homens que não têm nem sapatos, nem alimentos, que não têm como pagar um médico, que não têm casa, que muitas vezes devem morar em bairros marginalizados, que em muitas ocasiões constituem a maior parte da população das cidades, que muitas vezes são instigados por esse tipo de publicidade. Felizmente cada um não tem um carro, porque se o petróleo está acabando e se, além disso está acabando até o oxigênio do ar e a atmosfera está se transformando pelo abuso dos combustíveis que eles fizeram, o que seria do mundo — como perguntei a mim mesmo outras vezes — se cada latino-americano tivesse um carro, se cada chinês tivesse um carro. Eis a realidade.

Eles preconizam esse modelo de sociedade que é inviável e que não pode ser o modelo das sociedades dos nossos países. Tudo é uma grande loucura imposta através de um sistema de força e de prepotência, de domínio tecnológico, científico, financeiro e dos meios massivos de comunicação e imposta, precisamente, aos países de onde saiu a riqueza com que eles se desenvolveram; assim criaram condições no mundo muito difíceis para que os demais se desenvolvam.

Quando eles se desenvolveram não existiam esses impérios que existem hoje, que monopolizam tudo, dominam tudo. Que difícil o caminho para qualquer povo pequeno do Terceiro Mundo! O que vai produzir, televisores? Com quem vai competir, com os japoneses? Além disso, será que vai ter bilhões de dólares para vendê-los a crédito? O que vai produzir? Geladeiras, carros, aviões?

Qual o destino dos países fragmentados da nossa América? Qual o lugar deles no século XXI? Que lugar vão lhes deixar, qual será seu papel se não se unem, se não se integram, num mundo

onde a Europa estará unida, integrada? O Japão, uma grande potência; os Estados Unidos, uma grande potência industrial. Perguntamos: Que lugar restará para nós?

Na realidade, se nossos libertadores Sucre, Bolívar, O'Higgins, San Martín, todos, tiveram uma tarefa gigantesca eu digo que nós temos uma tarefa muito mais difícil. Sentimos uma certa inveja dos obstáculos que nossos antepassados deveriam ter enfrentado para lutar pelo destino de nossos povos. Agora a tarefa é mais árdua e mais complexa. Devemos saber e ter consciência disso.

Não é minha intenção entrar no tema político — há uma política que é a ciência da verdadeira política, não da politicagem —, mas sinto-me estimulado, realmente, pelo fato de ver que vocês escreveram com tanta clareza e coragem essa Declaração e acho que vai ter repercussão. Devemos divulgá-la ao máximo, embora seja escrita a máquina. Devemos divulgá-la, porque os que se opõem a nosso progresso têm, como eu dizia, até o monopólio dos meios de comunicação; eles ou os que agem ou pensam como eles, segundo os interesses deles. Por isso é tão importante que os professores pensem assim, pensem com essa clareza.

Comentávamos entre nós também a importância que tem o setor da docência que, em geral, provém dos setores mais humildes da população que com grande sacrifício conseguiram estudar, tornar-se professores; embora isto não exclua muitas pessoas com mais facilidades para estudar a carreira do magistério, com mais recursos, mas que foram capazes de se conscientizar porque este nobre trabalho ensina muito, educa muito.

Neste trabalho, como no caso dos médicos, sofre-se; mas nessas sociedades o médico é um pouco mais sensível à influência do dinheiro, ao interesse por ficar rico. São muitos, milhares de brilhantes professores que recebem remuneração modesta pelo seu trabalho. O setor da medicina é um pouco mais vulnerável a todas estas tentações da riqueza pois alguns podem ficar milionários.

É muito importante que os professores tenham uma grande visão na América Latina.

Alguém mencionou a idéia do próximo encontro de Pedagogia, teríamos que escolher uma data. Lembro-me da primeira porque essa idéia de repetir o evento foi resultado da excelente reunião de 1986, tão boa, tão útil para todos, que nós perguntamos: por que não se repete? Pensou-se fazê-la em 1989, não sei por que ficou para um ano depois.

Parece-nos que este congresso pode se reunir cada três anos, cada três anos! Sugero que não esperem quatro anos, passam muitas coisas em quatro anos. O próximo encontro de Pedagogia poderia se realizar no ano de 1993. Desse modo o próximo encontro de Pedagogia se chamaria Pedagogia'93 Congresso de Educadores por um mundo melhor, não é?

Se alguma vez o mundo necessitou esses congressos; acho que agora mais do que nunca os necessita, agora mais do que nunca! Porque o mundo que estão nos organizando parece que não tem nada de melhor para nós, países do Terceiro Mundo. O mundo que estão nos organizando está oferecendo aos povos do Terceiro Mundo o pior.

Aqui se mencionou cifras de todo tipo, falou-se dos problemas da saúde, falou-se dos problemas das crianças que morrem todos os anos neste hemisfério, segundo o que afirma a UNICEF — que nos disse e também publicamente —, que na América Latina e no Caribe morrem a cada ano 800.000 crianças que poderiam se salvar. Milhões de crianças não chegam às salas de aula onde vocês ensinam. Essas ficaram sem escolas, ficaram sem vida. A cifra é impressionante.

A nós disseram com dados estatísticos. Disseram-nos ainda mais, vou dizer como eles disseram: "Se tivessem os índices de mortalidade infantil de Cuba, 800.000 crianças seriam salvas por ano." Bem, seriam salvas, mas como ficam essas que não morreram? Como foi a alimentação? Qual o desenvolvimento mental, se foi provado cientificamente que sem alimentação adequada há subdesenvolvimento, inclusive da inteligência, da capacidade intelectual? Porque se fala nas que morreram, mas que aconteceu às que não morreram? Quantas chegaram aos cinco anos? Qual foi a esperança de vida? Como viveram e, sobretudo, como vão viver no futuro?

Da mesma maneira, no resto do Terceiro Mundo morrem 14 milhões — essa é uma cifra bastante conhecida: aproximadamente 40.000 diários, 260.000 por semana. Essas são as realidades. Dessas terríveis realidades não falam os imperialistas quando falam hipocritamente sobre os direitos humanos e teimam em sentar-nos, cada ano, no banco dos réus. Por quê? Simplesmente pela Revolução; porque ainda não se resignam à Revolução, porque não se resignam a que haja justiça, porque não se resignam a que haja rebeldia, porque não se resignam ao exemplo de Cuba.

Nós poderíamos dizer, com simples cálculos estatísticos, que apenas com os programas de saúde, a Revolução já salvou a vida de 300.000 crianças; 300.000 crianças que teriam sido mortas sem a Revolução; e que não só viveram, mas também receberam escola, educação, alimentação, oportunidades de todo o tipo. E não apenas com o nosso programa de saúde ajudamos ao nosso próprio país, há mais de 1.000 médicos cubanos trabalhando em dezenas de países do mundo e estamos formando novos médicos para colaborar com os países do Terceiro Mundo. Os imperialistas não falam disso e morrem 14 milhões no mundo a cada ano! É uma vergonha, é uma repugnância. Causa nojo que neste mundo, quase no século XXI, morram essas crianças, mas não morrem as da Europa, nem as dos Estados Unidos, nem as da Inglaterra, França ou Japão, não. Morrem na América Latina, na Ásia e na África. Quatorze milhões! O equivalente à eclosão de 120 bombas como as de Hiroshima e Nagasaki; crianças, penso, entre um e cinco anos. Essas são as realidades que nos impuseram.

Por isso digo que nossa tarefa é difícil, nossa tarefa é complexa; mas penso — como tenho a certeza que vocês também pensam — que podemos levá-la a efeito e devemos fazê-lo, e este evento, este esforço que vocês fizeram, esses depoimentos, fazem parte importante dessa batalha.

Não quero falar hoje de mais problemas, não quero abusar mais da paciência de vocês. Agradecemos-lhes por nos ter honrado ao participarem neste evento; agradecemos-lhes pelas palavras que nos dirigiram, as palavras generosas pronunciadas hoje perante nossos trabalhadores, o nosso povo e os esperamos novamente, quaisquer que sejam as dificuldades, porque somos otimistas. E não apenas devemos ser otimistas, mas também ensinar nossos povos a sê-lo, por maiores que sejam os obstáculos. Voltaremos a nos encontrar em 1993.

Há uma frase que nós utilizamos aqui nas conclusões dos discursos, nas despedidas e que hoje reflete nossa confiança na Revolução, nossa confiança no futuro, e em especial a decisão de defender o que temos feito nestes anos, a decisão de defender as conquistas que temos atingido. Fernández já disse essa frase aqui de maneira muito audaz, no início desta reunião, que sei que é ampla, que não é constituída por pessoas da mesma ideologia, mas nós temos o dever de expressá-la perante vocês, como símbolo do nosso estado de espírito, da nossa disposição de luta e para lhes garantir

que poderão continuar contando com nosso país, que poderão continuar contando conosco e que não os desiludiremos.

Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Discurso pronunciado na sessão extraordinária da Assembléia Nacional do Poder Popular, em 20 de fevereiro de 1990

Bem, companheiras e companheiros, Juanito[8] realmente não me cedeu os microfones, o que ele fez foi me impor os microfones. Perguntavam-me se ia dizer algo e eu disse: Não sei, vai depender do que diga Juanito. Não sabia se ele ia falar, nem a extensão, não sabia se trazia um papel, um roteiro ou algo, e disso dependia se eu viria a dizer algo aqui. Pensei que teria até mais tempo para revisar alguns dados ou algumas coisas, pelo menos, algo da imprensa internacional. Porém, não tive tempo para nada disso e o que ouvimos do companheiro Escalona foi um discurso realmente consistente, mas muito breve. Ele chegou com a carga de emoção lógica que, como disse, não podemos imaginar. Não somente imaginamos, senão que sentimos nas palavras do companheiro Escalona. Acredito tenha sido feita uma boa eleição, segundo demonstrou a Assembléia através do montante de votos a favor. Não simplesmente colocar um papelzinho na urna, mas também votar diretamente no companheiro na solidão de nossas consciências e de nossas urnas. Pusemos ali o xis e não houve nenhuma cédula anulada, o que dá idéia do nível de instrução que todos temos.

O secretário explicou como se votava, voltou a explicar e não houve nenhum engano. Sim, houve algumas lógicas, necessárias e inclusive convenientes discrepâncias de opinião, alguns companheiros que entendiam que não era correta, muito bem; 10 companheiros que não votaram em Juanito, muito bem; acho que

8 Juan Escalona Reguera, quem ocupou a presidência da Assembléia Nacional do Poder Popular em 20 de fevereiro de 1990.

mais ou menos 17 que não votaram na companheira Zoila, *muito* bem; expressaram suas opiniões e seus critérios.

Eu dizia que a Assembléia demonstrava, na forma em que se manifestou, o alto conceito que tem destes companheiros.

Estive conversando com os membros da Comissão Eleitoral que, por certo, vocês sabem que cometemos uma violação da lei? Não sabem? Quem vai saber com tantas leis que nós mesmos fizemos e não tivemos tempo para estudar? O que acontece é que segundo a lei, na comissão teriam que ser 23, um deputado propôs que incluíssem mais dois, o município especial Ilha da Juventude e também um companheiro de Cienfuegos, colocamos 25, mas como a Assembléia é soberana, acredito que a própria Assembléia, com sua soberania, reparou esse erro técnico. No entanto, ninguém se lembrou que deveriam ter 23 e não 25, apesar de haver um grande número de advogados aqui. Encontrei-me com os membros da Comissão e estivemos analisando a questão da candidatura.

Em primeiro lugar, expliquei a eles um princípio: Qual é a opinião do Partido a esse respeito? A opinião do Partido é essa e nós não vamos renunciar jamais ao papel dirigente do Partido. Eu já disse que isso não era questão constitucional, não vou repetir porque no congresso dos trabalhadores expus nosso critério, se isto deve ser constitucional ou não, mas agora não o tiramos, ainda que somente por simples questão de honra dissemos: bem, a Constituição é filha da Revolução e não mãe da Revolução; a Constituição é filha do Partido e não mãe do Partido. O Partido existe *per se*, como instrumento da Revolução, e manteremos também inalterável o princípio do Partido único, que não é somente de Lenin, mas também de Martí quando fundou o Partido Revolucionário para a Independência de Cuba, e não fez três nem dez, senão um para dirigir a Revolução e a luta pela independência do país.

No começo da Revolução nós tínhamos vários partidos, várias organizações e nos unimos porque um dia descobrimos a conveniência de lutar pela união de todas as forças. Para nós os princípios martianos são sagrados. Acredito que Martí falou do Partido antes de Lenin, seria necessário verificar nos livros de História, quando foi a primeira vez que Martí fala do Partido e de organizá-lo; e depois Lenin falou do Partido. Isto tem para nós dupla inspiração: uma inspiração martiana e uma inspiração leninista, mas além disso uma inspiração revolucionária que parte de uma realidade e uma necessidade. A unidade que conseguimos quando se

uniram todas as forças revolucionárias foi uma grande vitória da Revolução e isso contribui para seu avanço, dando-lhe estrutura e como ajudou a defendê-la dos ataques e de todas as conspirações dos inimigos: um bloqueio que dura mais de trinta anos, uma resistência heróica à hostilidade imperialista, uma lealdade também heróica aos princípios do internacionalismo revolucionário que têm escrito páginas brilhantes, nas quais participaram uma grande parte do nosso povo. Portanto, estes são princípios e dizemos para amigos, inimigos e neutros.

Agora, nosso Partido tem que aperfeiçoar seus métodos de direção, seu trabalho, inclusive, suas estruturas, ou como dizíamos recentemente, não somente o Partido, mas também as instituições do Estado e as organizações de massa aumentaram o quadro de pessoal e se originou alguns problemas, às vezes uma dupla função, dupla chefia o que não é conveniente em nenhuma circunstância. Nós temos que retificar todos estes aspectos, temos que superá-los e estamos levando a efeito uma longa batalha.

Nas fábricas, também aumentaram os quadros de pessoal e em todos os centros de trabalho. Não estamos dizendo que de hoje para amanhã vamos diminuir o pessoal porque não temos motivo para ferir a honra ou talvez a própria consideração de milhares de pessoas ao dizer-lhes: seu trabalho é inútil, vai para casa mesmo que seja com seu salário. Um homem se sente humilhado quando lhe pagam o salário sem trabalhar. Nós sabemos como devemos fazer este esforço, este trabalho, como aplicar o princípio da retificação e o fortalecimento do Partido sem lhe tirar a autoridade; pelo contrário, o que temos feito em todo o processo de retificação é elevar o papel do Partido, a autoridade do Partido, o prestígio do Partido.

O Partido é, por excelência, nosso instrumento fundamental, da Revolução e da construção do socialismo, tarefa histórica e extraordinariamente difícil quando se tem que construir nas condições em que teve que construir nosso país, a poucas milhas do império reacionário mais poderoso da Terra e sob constante agressividade; é uma gigantesca tarefa histórica. Quanto tempo teremos que trabalhar nessas condições. Provavelmente, enquanto exista o imperialismo, não fosse isso quantas coisas nosso povo poderia tomar a liberdade de fazer, mas agora... A união do povo é o mais sagrado e a arma número um da Revolução! requisito *sine qua non* para ganhar a batalha da construção do socialismo nestas condições. Que

queriam os imperialistas, que nos fragmentássemos em 10.000 pedaços?

No Leste europeu, alguns países já têm oitenta partidos. Oitenta partidos! Defenda a Revolução com 80, ou com 20, ou com 10, ou com dois, ainda que sejam somente dois!

Não faz muito tempo, eu dizia a uns deputados italianos, falando deste tema: Vejam, nossa OTAN — e comecei a falar da OTAN porque se tratava de italianos — é a unidade; nosso Pacto de Varsóvia, o que nos defende é a unidade, e com essa arma, com essa força, nós, que não pertencemos a nenhum pacto — e digo mais, não queremos pertencer a nenhum pacto de tipo militar —, faz muito tempo que estamos nos defendendo por nossa própria conta, faz muito tempo que fizemos os cálculos correspondentes para tomar essa decisão. Porém, nós temos uma OTAN e um Pacto de Varsóvia para nos defender, é nossa unidade, e não admitiremos, jamais, nada que possa lesionar por mínimo que seja, nosso povo, essa força fundamental do nosso povo. Isto é tão claro que até mesmo as crianças da creche poderão entender, as que estão com dois ou três anos mais ou menos, acredito que se lhes possa explicar por que necessitamos a unidade, por que temos um partido.

Dentro das vantagens também há inconvenientes e esses são os que nós devemos saber superar em nosso processo de retificação, porém, partindo sempre destes princípios.

O que vou dizer não é novidade, foi dito no Comitê Central quando estávamos analisando as propostas do Burô Político, não pensem em coisas espetaculares; deixemos de lado o espetáculo, façamos muito, trabalhemos muito e prometamos pouco. Eu dizia: é importante que não interpretem mal os passos que estamos dando, que não surjam muitas expectativas dentro e fora do país. Dentro, nosso documento explicando as decisões do Comitê Central, foi totalmente aceito; fora não foi igualmente interpretado de maneira correta.

Quando li o jornal, digo com franqueza, havia um título que eu não gostei: "Acordos transcendentais". Não era necessário usar a palavra transcendental. Importantes, importantíssimos acordos. Poderia parecer que o processo de retificação é novo e que pela primeira vez se fala de retificação, porque nós somos um país pequeno e, como pequeno que somos, vocês não imaginam o que publicam no exterior sobre o que Cuba faz, muitas vezes nem uma palavra!

O relatório do Terceiro Congresso do Partido, não podia ser mais crítico do que foi, hoje seria ainda mais crítico, porque sabemos mais coisas; aí começou o processo de retificação, quando em nenhum partido do campo socialista se falava nisso, nem se falava de reestruturação, nem se falava de nada, no momento em que começa a acontecer — observem as datas históricas — nosso congresso, no princípio de 1986, em fevereiro, que depois se dilata ou tem uma segunda sessão no final do ano. No mês de abril de 1986, a alarma contra uma série de fenômenos que estávamos observando e uma luta tenaz, obstinada, para ir superando erros, deficiências e tendências negativas.

Para muita gente no mundo seria sexta-feira passada a primeira vez que se falasse de retificação em Cuba, mas nossa retificação foi a primeira a começar, antes de outros partidos. Seguimos nosso caminho, não copiamos ninguém e uma das coisas nas quais se sustentou a retificação era eliminar uma série de conceitos, de idéias, ou de formas de construir o socialismo que estas sim havíamos copiado. Nós descobrimos muitos fenômenos e vimos que não conduzia a nada. Isto é preciso ir superando e se tem trabalhado arduamente em muitos campos.

O mundo, porém, não sabe que fomos os primeiros a falar de problemas tão sérios e agora aparentemente não sabem onde vamos e devo dizer com uma frase que aqui se usou em algum momento: Voltar atrás nem mesmo para ganhar impulso! Agora é para frente ou como disse aos trabalhadores: Mudanças sim, mas mudanças revolucionárias para buscar mais revolução, para tornar mais sólida a Revolução.

Que ninguém sonhe pensando que vamos seguir o capitalismo ou coisa parecida, a propriedade privada dos meios de produção ou coisa parecida. Além disso nós não temos que inventar, por exemplo, o agricultor independente porque em todos os estados temos produtores independentes, camponeses que trabalham por conta própria. Quantos restam? Setenta mil, não são poucos, possuem até 65 hectares de terras e alguns são ricos. No começo da Revolução foram feitas duas reformas agrárias e foi dito a eles: "A vontade de vocês será respeitada se querem permanecer como proprietários independentes por toda a vida".

Sabemos o que é a propriedade privada, sabemos também o que isso implica; eu poderia enumerar aqui o que sai da produção estatal e diria: esses 2,4 bilhões de ovos que a população consome é

produção do Estado; qual a porcentagem de arroz e de cana e qual a porcentagem de leite e de carne bovina, quase cem por cento, qual a porcentagem de carne de ave, qual a porcentagem de alimentos básicos — a carne de porco, por exemplo, é quase cem por cento também. Falou-se muito sobre o famosíssimo mercado campesino livre e este mercado não ofereceu mais de 2% do abastecimento e muitas vezes esses produtos eram entregues ao Estado anteriormente; mas a partir daquele momento venderam livremente a qualquer preço.

Quantas pessoas, inclusive pessoas amigas, nos disseram: "Por quê acabaram com o mercado campesino livre?" Então, é necessário contar-lhes a história completa sobre o que significa o mercado campesino livre e o que é a produção em grande escala e porquê não pode haver nenhum futuro em nenhuma parte à base de pequenos agricultores independentes.

Eu aceito, inclusive, agricultura capitalista em grande escala, usando a tecnologia, sementes preparadas, fertilizantes, máquinas que é o que fazemos em nossas terras que hoje constituem 80% das terras do país. Como se explicaria que de 350.000 cortadores de cana tenhamos reduzido essa cifra em quase 300.000, uma vez que aqueles que continuam cortando cana são aproximadamente 65.000? O que é isso se não a mecanização? O que é isso se não produtividade? O que é isso se não aplicação da tecnologia?

E por quê temos hoje milhares de construtores e de outros operários em nossas obras e indústrias, se não fosse devido à mecanização da cana? Imaginem a cana sem mecanização neste momento, o que seria do país? E mais, um país que deu oportunidade para que todo mundo estudasse, onde milhares se formaram como professores, profissionais de nível universitário, de todo tipo. Que progresso poderia haver neste país sem a mecanização da cana? E que mecanização da cana teríamos feito à base de minifúndios? As cooperativas usam suas máquinas porque a cooperativa de produção agrícola é outra coisa, não possui um pedacinho de terra — tem o autoconsumo coletivo —: as máquinas podem mover-se livremente cortando cana numa empresa estatal ou numa cooperativa, os canais que irrigam podem mover-se livremente levando água a qualquer parte, como uma espécie de artéria para a vida das plantas. Porém, sabemos o trabalho que temos quando é necessário instalar um plano de irrigação nas terras de minifúndios e pequenos agricultores.

Não é necessário ir muito longe, pela zona de Camalote em Camagüey, não sabem o trabalho que tivemos para instalar um canal de irrigação. Foi preciso dar voltas, fazer uma curva, um retângulo, uma estrela completa: passa por aqui, encontra-se um obstáculo, por outro lado encontra-se outro, um desastre. Temos um plano com as Nações Unidas e vamos trabalhando; construímos represas, microrrepresas, canais, mas tivemos um trabalho colossal! Hoje, a pequena propriedade choca-se com a tecnologia, com a máquina, com a ciência.

Vocês sabem que nossas maiores esperanças estão na irrigação e na drenagem parcelária na produção da cana. Já temos 121 brigadas trabalhando nisso e teremos 200 até o final do ano, o que duplicaria o rendimento da cana por hectare. Num futuro remoto teremos muitas áreas produzindo o dobro, não todas, porque não se pode utilizar a irrigação em todas as áreas; porém temos 800.000 hectares para aplicar este sistema.

Imaginem fazer isso numa economia de minifúndios, com 100.000 ou 200.000 proprietários. Eu me preocupo muito, mas não vejo como se poderia aplicar o sistema ou como descobrir um outro meio, outra tecnologia; no arroz também há um aumento na produção através da tecnologia; ou aumentar o sistema microjet ou outro tipo de irrigação mecanizado.

Nós sabemos o que produz a economia estatal e a agricultura estatal em nosso país, apesar das deficiências que pensamos superar através de diferentes vias; um dos problemas de nossos campos é que as pessoas procuraram outros empregos que fossem menos duros, ou mais agradáveis, ou mais estáveis que o trabalho agrícola. Nós sabemos bem as perspectivas que tem nossa economia agrícola, não podemos destruir isso.

Para nós há conceitos que são muito sólidos, muito sólidos! e respeitamos esse agricultor independente. É verdade que o mercado livre freou o movimento cooperativista — a verdade deve ser dita —, os camponeses começaram a ganhar muito dinheiro: se faltava alho, num momento de escassez, se vendia uma cabeça de alho por um peso. Um indivíduo que plantasse um hectare de alho não se sabe quanto dinheiro poderia lucrar.

Temos também alguns proprietários de caminhões que aproveitaram a demanda de transporte e se utilizaram disso como uma grande fonte de renda. Muitas vezes com um simples parar na esquina e dizer: "Vou para a praia", ou "vou para a escola no

campo"[9], não se sabe quantas pessoas subiam e quanto dinheiro ganhava. Não é em vão que vocês podem ver por aí esses calhambeques velhos da época da pré-história, de várias marcas, andando pelas estradas e ruas, quase todos estão nas mãos de camponeses. Com o mercado livre: 15.000, 20.000, 25.000 pesos por um carro. Às vezes passamos pelos campos e podemos ver três desses carros numa propriedade.

Não, o mercado livre não deu nada e posso dar um exemplo: Somente nosso plano estatal de criação de porcos, em três anos e meio deve aumentar em 100.000 toneladas de carne de porco, uma só das carnes. Já não falo dos planos de produção ovina, ou dos planos de produção leiteira, ou dos planos de produção avícola, porque estão construindo 600 viveiros por ano até 1991 num programa também de três anos, para incrementar a produção de ovos, para incrementar a produção de carne de ave. Cito apenas um exemplo, acredito que todo o mercado campesino livre não chegava a fornecer 4.000 toneladas de carne, no total, que antes se reunia de uma maneira o de outra. O fertilizante para a cana, cultivo fundamental, ou outros eram desviados para outras coisas. Essa é a realidade. Vivemos uma experiência prática, real, de tudo isso.

Nós sabemos como se incrementa a produção. Como 12 milhões de *quintales*[10] de arroz colhidos no campo podem se converter em 24 milhões, sabemos o que estamos fazendo: com todos os planos de irrigação, com todos os canais, com todos os sistemas. Sabemos como converter 12 milhões de *quintales* em 20 milhões, 22 milhões e até 24 milhões, e estamos trabalhando para isso, fazendo os investimentos relativos a isso, aplicando a tecnologia adequada para isso, economizando 40% de água. Entre outras coisas, eleva de 4 a 5 vezes a produtividade dos irrigadores, esse homem que com o enxadão vai nivelando o terreno. Esse homem o que mais pode atender com o sistema tradicional são quatro hectares, e com o outro sistema, abrindo e fechando comportas, pode atender 180 hectares.

Imaginem fazer isso numa agricultura de minifúndios!

Por isso nós temos idéias muito sólidas, realmente, e uma total convicção do que deve ser feito na agricultura.

Passando da irrigação tradicional ao microjet, a plantação de bananas triplica — isso todo mundo sabe —, é preciso amarrar as bananeiras e se passa de 6.000 *quintales* a 18.000 e 20.000. Assim a plantação dura 10 anos e, realmente, não necessita renová-la, a não ser que venha um ciclone; esse é um dos inimigos da banana em nosso país. Sabemos como se aumenta a produtividade com a aplicação conseqüente e rigorosa da tecnologia. Nisso consiste também a retificação de conceitos errôneos.

Há mudanças climáticas. Vocês podem observar agora mesmo, por exemplo, chuvas que não são do norte, mas do aquecimento da atmosfera, em pleno mês de fevereiro; tudo isso traz problemas. Outros fenômenos como o excesso de chuvas ou às vezes a seca também trazem problemas. É preciso agarrar-se desesperadamente aos planos hidráulicos e dispor da água necessária onde quer que esteja, transportá-la e levá-la como estamos fazendo com a irrigação e compensar o mais possível todos estes fenômenos de mudanças climáticas. O homem deve adaptar-se à natureza e usar a inteligência para vencer os obstáculos da mesma.

Dei este exemplo, vamos privatizar a agricultura? Na América Latina, por indicação do Fundo Monetário estão privatizando tudo; muitas das indústrias básicas que o Estado possuía. É a grande cruzada do imperialismo no mundo de hoje pela privatização e nós estamos pela socialização.

E nós o que vamos fazer, privatizar nosso sistema médico, sanitário com o que temos? Vocês sabem muito bem o que temos e o que vamos conseguindo cada vez mais: nosso sistema de hospitais especializados que atende, por exemplo, as crianças neste país e com o qual se reduziu a mortalidade infantil a pouco mais de onze, estamos entre os índices mais baixos do mundo e pode-se ver claramente que mais um pouco reduziremos a menos de dez em condições normais. Não poderia dizer o mesmo se temos situações anormais. Em nosso sistema que vamos fazer, privatizar o Hospital Hermanos Ameijeiras dentro da ofensiva imperialista de privatização? Vamos privatizar nosso médico da família? Esse médico da família que está em todos os cantos de nossas montanhas e que se estende cada vez mais pelas cidades, esse médico que está na fábrica, na escola, o que vamos fazer, privatizá-lo?

Nós não podemos privatizar absolutamente nada, ao contrário, temos que socializar progressivamente, não vamos confiscar nada de ninguém, a esses camponeses que nos ensinaram tantas lições sobre agricultura, sobre o pouco que se pode esperar da agricultura minifundiária. São os camponeses mais privilegiados do mundo: re-

9 Internatos de nível médio onde os alunos estudam e também trabalham no campo.
10 O *quintal* é uma medida de peso utilizada em Cuba equivalente a 45,5 kg.

ceberam financiamento de todo tipo, e se lhes perdoou muitas vezes. Cada vez que aconteceu alguma situação adversa, não pagaram virtualmente impostos. São os únicos camponeses no mundo que não pagam impostos.

Nós queremos aos camponeses, não lhes jogamos na cara o fato de que tenham sua propriedade privada. Nós os respeitamos porque fazem parte da nossa Revolução, fazem parte da nossa história e o que fizemos por eles não fez nenhum país no mundo: foi dado a eles todos os tratores que quisessem, tudo que se pode mecanizar foi mecanizado, tiveram transporte e eletricidade. Claro que àquele que se manteve isolado é mais difícil, precisa recorrer às cooperativas e alguns deles receberam eletricidade.

Ontem li que 92% da população recebe os serviços da eletricidade. Essa cifra é impressionante, uma grande parte dessa gente vive nos campos. Quer dizer, o que Cuba fez pelos camponeses ninguém fez por eles e o que eles fizeram por nós muito menos outros o fizeram. Lutaram junto conosco e nos ensinaram que a agricultura deve ser socialista e o que deve existir são empresas estatais da agricultura em grande escala, com a aplicação da ciência e da tecnologia e as cooperativas de produção agropecuária. Estamos muito agradecidos aos camponeses pelo que nos ensinaram.

Eles não têm nenhuma culpa, quando nós mesmos começamos um processo de corrupção desses camponeses com o famoso mercado campesino livre, criado em outros países e em outras condições históricas, eles têm seu pedacinho nas terras coletivas.

Desempenham seu papel, não me meto, não critico a ninguém, não temos por que criticar a alguém. Temos que saber o que nós devemos fazer. E, por isso, uma das questões básicas é esta: avançar, avançar sem injustiça, sem atropelar, sem violar o direito de ninguém.

Quem sabe até os tataranetos de qualquer um aqui presente conhece algum agricultor independente porque pode ter ficado algum, geração após geração possuindo aquele terreno; que o tenha. Nunca forçamos ninguém a entrar numa cooperativa ou entrar numa granja, o que fazemos é aplicar a lei ou importunamos alguém quando é necessário construir uma represa, um canal grande ou quando construímos uma ferrovia de dupla linha, ou uma rodovia. Às vezes temos que importunar os camponeses por algo que foge à nossa vontade e isso está estabelecido em todas as constituições do mundo: o direito de expropriação por razões de interesse público ou utilidade social.

Isso está em todas as leis do mundo e nós nunca a aplicamos, sempre negociamos com o proprietário seja no campo ou na cidade. Se vamos construir uma rodovia, dizemos: "Olhe, por aqui vai passar uma rodovia. É algo muito importante, nós vamos lhe dar uma casa em outro lugar." Tentamos agradar a pessoa que foi afetada e não lhe dizemos: "Olhe, vamos te pagar", porque sabemos que com dinheiro não vai comprar outro apartamento. A todo aquele que foi prejudicado lhe construímos sua casa; a todo aquele que importunamos por algum motivo involuntário, tratamos de ajudá-lo para que fique satisfeito com a negociação com o Estado.

Nem nesses casos o Estado aplica a lei, acredito que muito excepcionalmente, como alguma pessoa que tenha pedido o Capitólio em troca de um apartamento. Dizemos: "Não pode ser, aqui vamos construir isto e como não há mais remédio vamos aplicar a lei".

Por isso digo: não cometeremos nenhuma injustiça e respeitaremos isso, como é lógico. Nós nos afastaríamos de nossa linha de atuação e nossas promessas se tentássemos socializar ou meter à força um camponês numa cooperativa. Tudo o que se faça nesse terreno deve ser por persuasão com o camponês e não faríamos jamais usando o poder do Estado para conseguir esses objetivos, nem necessitamos, pois temos muitos anos para trabalhar nas terras das empresas estatais e das cooperativas.

Como disse, este país tem 80% das terras nas mãos das empresas estatais e outros 12% nas cooperativas de produção agrícola. Nosso problema está em superar deficiências e dificuldades no campo. Estamos procurando e vamos encontrar a solução para esses problemas, para incrementar consideravelmente a produção de alimentos para nossa população e incrementar exportações, aplicando a tecnologia mais moderna do mundo e que nós conheçamos. Isso é o que fazemos.

É muito importante que se saiba o sentido do nosso processo de retificação, é muito importante dentro e fora.

Por aí apareceram — na Espanha dizem que foi espectacular — umas manchetes enormes em toda a imprensa, já acreditavam que aqui ia acontecer o que aconteceu em outros países, que se ia fazer o que se fez em outros países: "Castro fez uma limpeza no Burô

Político". Bom, Pepe[11] foi "excluído" do Burô Político, segundo a imprensa; uma limpeza. Quando companheiros que têm todo o respeito, todo o carinho do nosso Partido e do nosso povo, tem que fazer outra tarefa ou já não se justifica que estejam desempenhando uma função, uma determinada responsabilidade, a isso chamam limpeza.

Bem, saíram daqui dois companheiros e entraram quatro — aqui está Veiga também e outro companheiro que saiu — quer dizer em vez de limpeza, deve haver sido uma contra-limpeza, porque saíram dois e entraram quatro.

Imaginam que isto é o mundo que está acabando, que há uma situação terrível. Situação terrível tem todo o resto da América Latina, essa sim é verdadeiramente terrível: países com milhões e milhões de crianças abandonadas nas ruas, sem pais e sem famílias; um analfabetismo assustador, onde nem a metade, às vezes nem 40% dos garotos chegam a 6ª série e terminam a escola primária; prostituição, fome, desnutrição, insalubridade.

Falam-nos sobre o capitalismo da Europa, mas nós temos que nos preocupar com o capitalismo subdesenvolvido do Terceiro Mundo. Esse sim é o que nos deve preocupar, e o que acontece nesses países. Aqui, em absoluto, não acontece; mas fazem cálculos e até afiam os dentes.

Em Miami, há pessoas que estão preparando as malas, comissões para quando acabe a Revolução Cubana. Que se afunde primeiro a ilha no mar, como se tem dito. Penso que foi Martí quem disse: "Antes de desistir de lutar para que a pátria seja livre e próspera, o mar do sul se unirá ao mar do norte e nascerá uma serpente de um ovo de águia. Aqui, serpentes não vão nascer de ovos de águia!

O que pensam, que virão aqui a buscar outra vez os edifícios, privatizá-los todos, destruir as granjas e empresas estatais, privatizar escolas, privatizar hospitais, privatizar tudo? Para começar precisam um novo mapa, para ver onde ficou o limite deste ou daquele latifundiário.

O que pensam que somos? Que pensam que é nosso povo? O que sabem da história de nossa pátria e do que nosso povo e nossa pátria são capazes?

11 José Ramírez Cruz, ex-presidente da Associação Nacional dos Pequenos Agricultores (ANAP).

Acredito que os tripulantes do "Hermann" já demonstraram. Deveriam aprender do "Hermann", daqueles homens sem armas, sem armas! A eles não importava se havia um ou vinte guarda-costas, ou se por trás dos guarda-costas havia o porta-avião, diziam: "Aqui não entram e pronto!"

O país é um gigantesco "Hermann", mas com armas, com armas suficientes para nos defender. Por isso digo que temos uma OTAN e um Pacto de Varsóvia, que é nosso povo unido e organizado, sob a doutrina da guerra de todo o povo.

O que pensam por aí, em muitos desses lugares? De quê estirpe acreditam que somos? De quê sangue acreditam que somos, esta mistura maravilhosa como foi dito muitas vezes? O quê, virão aqui conseguir tudo com facilidade? Que ninguém pense isso.

O significado que tem nosso trabalho e o acordo do Comitê Central do Partido está precisamente expresso no lema: O futuro de nossa pátria será um eterno Baraguá!

Alguns jornalistas sagazes perceberam isso e enviaram telex mais realistas para o exterior, porque captaram o significado que tem essa frase, e não somente isso, mas também 15 de março, o dia do Protesto de Baraguá, será uma convocatória ao Congresso.

Por aí todo mundo está acelerando os congressos e nós não aceleramos nada, realizamos em sua data normal. Pode ser que se demore alguns dias devido aos santiagueros para que tenham tempo de terminar seu teatro; mas se não terminam nós o realizamos num circo, no picadeiro de um circo realizamos o Congresso.

Parece inevitável que aconteça em Santiago, pode ser que já tenham o hotel; mas se não for possível usamos os prédios de apartamentos para receber os delegados e para todo mundo. Esperamos que se termine o hotel, muito esforço está sendo feito. Tudo está coordenado, inspirado em Baraguá, a mais gloriosa página de nossa história, o mais alto exemplo de heroísmo neste hemisfério, frente à irresponsabilidade, frente ao Zanjón.

Qualquer um compreende o significado do esforço do nosso Partido e do nosso Estado, em que direção se dirige, o que significa o aperfeiçoamento, para que é o aperfeiçoamento. Simplesmente para fortalecer a Revolução, o Partido, nossas instituições, para fortalecer a Assembléia Nacional, para fortalecer nossas organizações de massas. É para que sejamos mais fortes, não para que nos rendamos!

Há aqueles que acreditam que este povo pode se render, alguns acreditam, mas essa palavra foi retirada do dicionário cubano há muito tempo; sim, desde a época de Maceo foi retirada do dicionário. Maceo não pôde fazer tudo o que nós pudemos fazer, estavam lutando pela independência, mas a Revolução tem toda uma obra gigantesca para defender e toda uma página histórica extraordinária para preservar e vai defendê-la em qualquer circunstância, em meio de qualquer obstáculo e em meio das mais inconcebíveis dificuldades, caso seja necessário! Isso o mundo deve saber sobre nosso país.

Todos trabalhamos. O que podemos fazer e que devemos dizer para aperfeiçoar nosso Partido, seu papel dirigente, como fazê-lo; que devemos fazer com o Estado, como aperfeiçoá-lo, como devem trabalhar os órgãos do Estado e do Partido, cada um em sua função, cada um em sua tarefa, cada um com toda a autoridade e a responsabilidade necessárias.

Hoje mesmo contava aos companheiros da Comissão Eleitoral que há outras idéias no pensamento do Partido, em seus critérios relacionados com a eleição da direção da Assembléia Nacional.

Havíamos relacionado uma série de pontos de vista: em primeiro lugar, um companheiro que reunisse todas as condições, incluindo a idade, para o árduo trabalho que deve desempenhar a Assembléia Nacional; o fato de que uma mulher seja vice-presidente. Não foi fácil escolher entre tantas companheiras valiosas — algumas, claro, não estão na Assembléia, outras estão na Assembléia —; quanto mais qualificação temos no grupo, mais difícil se torna porque aumentam cada vez mais os quadros preparados, os quadros capazes de desempenhar uma tarefa.

Nesse sentido explicava entre outras coisas, que estamos analisando a criação de um vínculo mais estreito, mais sistemático, entre Governo e Assambléia Nacional, e propunha nossa idéia de convidar ao Comitê Executivo do Conselho de Ministros o Presidente da Assembléia Nacional, às reuniões sistemáticas, onde se analisam todos os problemas do Governo para que a Assembléia Nacional se incorpore não somente à tarefa legislativa, senão que se incorpore, todo o possível, à execução dos planos de desenvolvimento do país; aproveitar os quadros, a experiência, os talentos da Assembléia Nacional, as comissões; é uma das coisas que também estamos pensando dentro do conceito de aperfeiçoamento do Estado.

Não vamos reproduzir aqui a famosa divisão de poderes do famosíssimo Montesquieu, que agora está na moda outra vez — coisas da pré-história estão entrando em moda —; aqui há um poder, que é o poder do povo e o poder da Revolução, que exerce diferentes funções. E essas funções são independentes, não são órgãos independentes do Estado, ou livres, senão funções independentes que devem ser realizadas, de acordo com as leis e realizadas de uma maneira cabal e competente, a tarefa do Governo, a tarefa da Assembléia Nacional, a tarefa dos tribunais, a tarefa da Procuradoria.

Aqui não participamos da doutrina da famosíssima divisão de poderes que é hipócrita, porque quando há um governo conservador, como por exemplo, nos Estados Unidos, procuram os juízes mais reacionários do país e os colocam ali para toda vida. São funcionários do sistema capitalista para defender o sistema capitalista, de sua escola, de seu pensamento político. Realmente, uma enorme hipocrisia por trás da divisão de poderes.

Nós somos mais francos e dizemos: há uma unidade no Estado, há funções independentes; mas não há uma divisão de poderes no Estado. E é bom lembrar, por muitas destas doutrinas que estão em moda, que o significado da nossa retificação é, entre outros, fortalecer a Revolução, aprofundar a Revolução. Esse é o objetivo. Nas condições em que estamos vivendo atualmente, no mundo em que atualmente estamos vivendo, é necessário mais que nunca; e acelerar esse processo de retificação, no qual não se deixou de trabalhar, mas há ainda muito por fazer.

Por isso aproveito esta oportunidade para esclarecer as idéias.

Acredito que há aqui representantes da imprensa. Alguns deles perceberam bem o significado da nossa reunião no Comitê Central; outros, à distância, confundiram-se e pensaram não se sabe quantas coisas por desconhecer nosso país. O que vamos fazer. Somos um pequeno país no Caribe e acho que nosso país tem grandes méritos, enormes méritos, mas não é uma grande potência e muitas vezes quando fazemos algo, ninguém fica sabendo, ou os monopólios da informação tratam de que ninguém saiba, mesmo que levemos anos fazendo coisas e quando lhes dá vontade parece uma coisa nova.

Este momento é muito importante, decisivo na vida do nosso país, na história do nosso país, na história do mundo. Temos bandeiras muito sagradas para defender! Saberemos defendê-las até a última conseqüência! Que não se confundam! Aqui no trópico,

nesta ilha caribenha, as coisas são diferentes. E aqueles que não sabem disso, deverão sabê-lo.

Hoje, acredito que demos um importante passo neste sentido, na eleição da nova direção da Assembléia Nacional. Não vou fazer elogios ao candidato depois que o elegeram, mas penso que sua biografia é, inclusive, demasiado sintética, porque me lembro quando Juanito Escalona estava no Estado Maior do MINFAR, quando da guerra de Angola em 1975; primeiro estava Furry e foi para Angola; depois estava Acevedo e foi para Angola; depois ficou Escalona e eu sou testemunha de como ele trabalhou nesse momento complicado, em que tinha que fazer um enorme esforço, em que milhares de homens foram trasladados em algumas semanas. Quando li a biografia, não vi seu trabalho no Estado Maior. Aqui vocês o viram discutir.

Uma companheira da Comissão eleitoral falava do trabalho dele no Ministério da Justiça com muito entusiasmo e elogio; outros falavam do seu prestígio, do seu desempenho no julgamento da Causa nº 1, de como era conhecido pela população, do respeito e prestígio.

Tenho certeza de que esta eleição, tanto de Juanito como de Zoila, vai ser muito bem recebida pela população. Isto não significa que não tenhamos um grande apreço e uma enorme estima pelo companheiro Severo, velho militante.

Severo já era um militante comunista quando muitos dos que estão aqui presentes ainda não haviam nascido. Ele continuou leal e servindo à Revolução.

Ele diz que tem 78 anos, ninguém acredita porque se pode vê-lo forte e saudável. A natureza foi pródiga e generosa com ele; mas ele disse: 78 anos. Foi toda uma vida de revolucionário, cumprindo as funções que a Revolução lhe deu em cargos administrativos, em cargos políticos, em cargos diplomáticos e aqui na Assembléia Nacional.

Agora o que vão dizer, que tiramos o cargo de Severo? São capazes de publicar numa manchete: "Castro demite Presidente da Assembléia Nacional". Além do mais, a Castro atribuem toda a culpa. Não me preocupa muito, porém costumam individualizar tudo o que se faz.

Também me atribuem méritos, quase nunca, é claro, porém que seja uma coisa pela outra, às vezes atribuem às pessoas o mérito que é exclusivamente de todo um povo; os ocidentais têm este hábito

caudilhista na cabeça, como regra; Castro fez e desfez, tirou e colocou pessoas. Aqui, na presença de todos, quero falar da grande consideração, do grande respeito que sentimos pelo companheiro Severo, que até há poucos instantes foi Presidente da Assembléia Nacional.

Hoje demos um passo muito importante, nos fortalece, vai nos preparando. Eu gostei muito do que Juanito falou, da forma como falou que se acontecesse uma agressão, os deputados estarão com os fuzis na mão para derrotar o inimigo. Gostei muito disso! Ele disse o que, sem dúvida, vai acontecer caso nos agridam: vamos derrotar o inimigo, disso não haverá dúvida, mesmo que empregassem toda sua força e ocupassem o território nacional. Neste vespeiro ninguém poderá suportar. Aqui não haverá somente uma frente, haverá milhões. Se o inimigo nos agride, tudo será frente de batalha! Essa é a convicção e a certeza que temos. Não costumo dizer; me atenho ao lema. Não digo "acreditem-nos", mas sim dizemos: "Esperem para ver o que acontece". Como os que estão preparando as malas: Esperem para ver o que acontece. Aqueles que acreditam que a Revolução se desmorona como um merengue: esperem para ver o que acontece. Nunca falamos, para que não pareça que nos vangloriamos, que vamos esmagar como baratas, mesmo que seja um a um os agressores da nossa pátria; dizemos: "Esperem para ver o que acontece". Nós, sim, sabemos o que vai acontecer, não temos nenhuma dúvida.

Gostei muito dessas breves, emotivas e otimistas palavras que disse o companheiro Escalona: "E voltamos outra vez a nos reunir na Assembléia e continuaremos fazendo leis". É otimista porque acredita que as balas não lhe penetrem, ou será que Juanito tem um colete antibalas?

Voltaremos, ou voltarão vocês, ou voltará o povo que é eterno e imortal!

Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

Índice

Discurso pronunciado no funeral dos internacionalistas mortos durante o cumprimento de honrosas missões militares e civis, realizado no Mausoléu de Cacahual, em 7 de dezembro de 1989 / 5

Discurso pronunciado na cerimônia de premiação aos melhores atletas cubanos, em 21 de dezembro de 1989 / 19

Fragmentos do discurso pronunciado em 30 de dezembro de 1989 no ato de inauguração de onze policlínicos na Cidade de Havana, realizado no policlínico "Carlos Manuel Portuondo Lambert", em Marianao / 33

Palavras pronunciadas nos primeiros minutos do dia 28 de janeiro de 1990, por ocasião do 137º aniversário do nascimento do Herói Nacional José Martí / 43

Discurso pronunciado no encerramento do XVI Congresso da Central dos Trabalhadores de Cuba (CTC), em 28 de janeiro de 1990 / 47

Discurso pronunciado em 1º de fevereiro na recepção aos tripulantes do barco "Hermann" agredido pela guarda-costeira americana / 75

Fragmento do discurso pronunciado no encerramento do Encontro de Educadores Pedagogia'90 em 9 de fevereiro de 1990 / 91

Discurso pronunciado na sessão extraordinária da Assembléia Nacional do Poder Popular, em 20 de fevereiro de 1990 / 107

Apêndice

Nos momentos em que se imprimia o presente livro, o Comandante-em-Chefe Fidel Castro Ruz, Presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros da República de Cuba pronunciou o discurso de encerramento do V Congresso da Federação das Mulheres Cubanas, em 7 de março de 1990.

Por sua importância decidimos incluir este documento como apêndice do livro *Na Trincheira da Revolução* com o objetivo de apresentar a mais completa recopilação das últimas intervenções do companheiro Fidel.

Os editores

Discurso pronunciado no encerramento do V Congresso da Federação de Mulheres Cubanas, em 7 de março de 1990

Convidadas e convidados,
Companheiras da Federação de Mulheres Cubanas,
Compatriotas:

Está na hora de encerrar este congresso, no qual participei o tempo todo, exceto nos momentos em que as convidadas de outros países pronunciaram seus discursos, e não foi possível que eu estivesse presente. Sou testemunha de como decorreu este evento e tive o privilégio de escutá-las.

O que é que eu posso lhes dizer? Em primeiro lugar vejo um grande avanço. Participei em todos os congressos da Federação e posso avaliar a diferença entre cada um deles. Porém, sobretudo neste observei um enorme salto em muitas coisas: na organização, na profundidade das análises, na clareza das expressões, na elegância da palavra e até na qualidade dos sentimentos e no espírito revolucionário.

Será que avançamos tanto do IV ao V Congresso, ou será que em vocês já se reflete o espírito que é necessário nestes momentos? Acredito que são as duas coisas; mas o que aqui escutamos diz mais do que os números; inclusive os explicam: trata-se de que temos uma força tremenda no setor feminino da população. Podemos dizer que esse setor existe, e que praticamente não existia, era totalmente ignorado, oprimido, discriminado; poderíamos dizer que até era depreciado, apesar dos folhetins de amor.

Quando se diz que ao triunfar a Revolução a cifra de mulheres que trabalhavam não chegava a 200.000 e, na maior parte dos casos,

nos piores empregos e nos de menor remuneracão, numa população entre seis e sete milhões de habitantes, e que hoje aproximadamente 1.400.000 mulheres fazem parte da força de trabalho do país — isto é, o número de mulheres trabalhadoras aumentou em mais de sete vezes e continuará a aumentar — isto reflete já uma participação extraordinária da mulher na vida do país e em empregos que estão entre os mais dignos e melhor remunerados.

Quando se diz — como se mencionava no relatório — que já constituem 38,7% da força de trabalho, isto é, quase 40% — é lógico que essa força se expresse aqui com a convicção que se expressa, com a segurança e a confiança com que se expressa.

Quando se diz que as mulheres constituem já 58,3% da força técnica do país, é lógico que isso fique evidenciado aqui. E se pode observar, além disso, que essa força aumentará ainda mais.

Quando se assinala que 61% dos estudantes de *preuniversitario*[12] são mulheres e chegam ali por sua aplicação, por seus resultados acadêmicos, porque vocês sabem que a entrada para os *preuniversitarios* é segundo o currículo escolar e a partir daí se nutrem as carreiras universitárias, também pelo currículo e além disso por concurso; quando se diz que 55% dos estudantes universitários são mulheres, observa-se uma tendência progressiva para um papel cada vez mais importante e decisivo. Quando se fala em força técnica não se fala apenas dos formados de nível universitário, mas também dos de nível médio; e nas escolas de professores primários há dezenas de milhares de mulheres e também dezenas de milhares de professoras que estão estudando para se formarem na Universidade num futuro próximo.

Pode ser interessante estudar esses dados em outros países para ver, nos Estados Unidos, por exemplo, qual o papel da mulher, qual a sua porcentagem como força técnica, qual a sua participação na força de trabalho do país; o que acontece em outros países desenvolvidos, o que pode acontecer em outros países do Terceiro Mundo. As cifras são encorajadoras e isso num período de apenas 30 anos. Porém, gostaríamos de ter dados para julgar, para comparar, porque tenho a certeza de que é difífil que aconteça a mesma coisa em outros lugares.

Esses fatos se refletem no congresso quando falam aqui diretoras de importantes hospitais, ou diretoras de importantes centros de pesquisa, mulheres chefes de *contingentes* ou de brigadas de construção, inclusive nessa área que era impenetrável para a mulher, que não se concebia antes da Revolução; quando ocupam responsabilidades cada vez mais importantes na vida do país. E essa tendência se impõe de maneira inevitável. Ninguém poderá pará-la, ninguém. Não se trata já de uma igualdade em abstrato, ou de uma luta em abstrato pela igualdade. Já não é uma teoria, mas uma realidade e as realidades são mais sólidas do que as teorias, as realidades são mais fortes do que as coisas abstratas.

Falou-se de uma igualdade futura ou da luta por uma igualdade, na qual muitos tínhamos a melhor intenção de mudar aquela situação que encontramos ao triunfar a Revolução. Hoje essa é uma realidade que se impôs e tenho a certeza de que se imporá cada vez mais e, sobretudo, a partir do fato das mulheres constituírem a maioria da força técnica, maioria que aumenta e cujo talento se torna cada vez mais evidente e com qualidades cada vez mais inquestionáveis.

Quase a metade dos pesquisadores do país são mulheres, na área da ciência, uma área decisiva que está atingindo cada vez maior importância em nosso país. Essa realidade se impõe. Não podemos falar mais de promessas, mas de fatos. Ainda ficam barreiras para serem ultrapassadas, mas inevitavelmente serão vencidas.

Como isso foi possível? Foi possível pelo esforço de todo o povo, e especialmente o esforço das próprias mulheres. Isso é o resultado da obra da Revolução.

Quando Vilma lia no discurso inicial alguns dados — e desses há muitos —, expressava o fato de que num dia como hoje, há 30 anos, o número de professores não atingia 23.000. Eu, na verdade, acreditava que eram um pouco mais, não sei se aí estarão compreendidos também os professores de nível médio e universitário, mas eu acreditava que o número de professores que o país tinha era de 40.000 aproximadamente; não mais, lógico, mas aparece esse dado do relatório que, com certeza, saiu de alguma fonte. Apenas ficaria por esclarecer se somente se refere a professores primários, ou inclui os docentes de nível superior. Elá expressava que atualmente o número ascendia a 300.000 — quase 300.000. Para ser mais exatos, devem ser 280.000 aproximadamente.

Isso significa não somente uma oportunidade para que centenas de milhares de mulheres encontrassem um emprego, mas, além disso, a possibilidade de que outras pudessem trabalhar se tinham os filhos nas escolas primárias, de ensino médio ou universitárias.

12 Nível de ensino que em Cuba corresponde às três séries do Segundo Grau.

Mencionava-se a cifra de mais de 400.000 alunos semi-internos. Sem esses semi-internatos, nas condições do nosso país, quantas mulheres teriam podido se incorporar ao trabalho?

Fala-se de mais de meio milhão de estudantes internos. Sem esses internos, quantas mulheres se poderiam ter incorporado ao trabalho ao longo da semana?

Menciona-se a cifra de 140.000 crianças em creches. Sem essas creches, poderiam as mães incorporar-se ao trabalho?

Ontem se dizia que aumenta a demanda e com certeza aumentará porque aumentará também o número de mulheres incorporadas ao trabalho, porque cada vez há mais confiança nessas instituições. Dizia-se que atualmente as necessidades poderiam ser de 200.000 vagas nas creches e com certeza deve haver uma grande parte da população ajudando, muitas avós, porque, segundo os cálculos que temos feito, na faixa etária dos seis primeiros anos devem estar compreendidas 900.000 crianças aproximadamente. De modo que deve haver muitas pessoas às quais devemos também prestar homenagem aqui; pessoas que cooperam com a família, que ajudam a família, que ajudam as mães para que trabalhem, porque imagino que o número de mães que têm filhos nesses níveis de ensino e ao mesmo tempo trabalham, seja muito maior do que a capacidade de matrícula nas creches.

Claro, todas as condições que a Revolução foi criando para a educação em todos os níveis permite que a mãe se incorpore ao trabalho.

Falava-se também do caráter disciplinado da mulher no desempenho de seu dever social. Falava-se da estabilidade da mulher que é de 95%. Nenhum país poderia ter avançado de maneira tão acelerada neste campo se não se tivesse realizado antes toda a obra da Revolução e seus esforços em todos os campos. Eu acho que vocês confiam na Revolução do mesmo modo que a Revolução confia em vocês.

Na medida das nossas possibilidades, nós acompanhamos a informação sobre todo o processo de organização do Congresso. Foram publicadas muitas coisas. Informações foram recebidas.

Há uma realidade: entre o momento em que o congresso é convocado e o momento em que se realiza há todo um processo. Transcorreram muitos meses e nesses meses ocorreram também importantíssimos acontecimentos. Sem esses importantíssimos acontecimentos, com certeza nosso congresso teria tido outro

caráter. Nossos debates, nossas análises teriam se concentrado em muitos problemas que ainda se devem resolver, em outras conquistas que ainda se devem alcançar, em outras tarefas que temos todos com vistas ao futuro, como foram outros dos nossos congressos, que permitiram os avanços de hoje.

Mas acontece que as questões que são priorizadas neste momento, são questões que têm a ver com o destino e com a independência da nação e com a sobrevivência da Revolução. E com a Revolução somos tudo, sem a Revolução não seríamos nada. Sem a Revolução não haveria independência, não haveria nação, não ficaria nada. Sem a Revolução não se poderia falar sequer da existência do país, porque o país, do ponto de vista humano, do ponto de vista da justiça — como dizíamos anteriormente quando falávamos da mulher naquela sociedade de saqueadores, de vampiros — o país praticamente não existia.

Na realidade, poderíamos dizer que o país, o que pode chamar-se um país livre e soberano, não colônia ou neo-colônia, não existia antes da Revolução. Mas o país também não existiria — no sentido literal da palavra — numa etapa pós-revolucionária, porque primeiramente teriam que exterminar o país, matar a todos e cada um de nós. Não o dizemos hoje, faz tempo que se disse: Viveremos com a Revolução ou morreremos defendendo a Revolução!

Em momentos como este é que se realiza o congresso. É lógico que nos debates tenha ocupado um lugar de destaque tudo o que foi discutido aqui e que tem a ver com a produção, a defesa, a disposição para o combate, a consciência, a ideologia, o aprofundamento da ideologia, a lealdade à causa do povo, todas essas coisas maravilhosas, admiráveis que se disseram aqui onde não podíamos perder nosso tempo e nossas energias em outras coisas, que nem por isso serão jamais esquecidas.

A luta pela igualdade da mulher em todos os aspectos é uma tarefa prioritária do nosso Partido. Foi, é e será uma tarefa prioritária da nossa Revolução. O Partido estará sempre na primeira linha junto com vocês. Não deixaremos de lutar por isso nem deixaremos de meditar, em nenhum momento, em tudo aquilo que contribua para novos avanços em relação à igualdade da mulher.

Vocês próprias assinalaram e enfatizaram aqui a importantíssima tarefa que as mães têm quanto à educação dos filhos nessa direção, porque a eliminação dos preconceitos, o princípio do

respeito pleno à mulher e à igualdade e aos direitos da mulher, devem começar no berço. Isso faz parte dessa luta, embora eu tenha dito também que os fatos serão muito mais poderosos do que as palavras e que nossa marcha vitoriosa por esse caminho continuará para a frente, ainda que hoje tenhamos que nos concentrar em tarefas transcendentais, decisivas para a vida do nosso país.

Conheço as impressões e as opiniões de todos os que conseguiram acompanhar pelo rádio, pela televisão ou ler na imprensa as intervenções das delegadas.

O congresso se realizou em momentos — como dizíamos — de grandes acontecimentos, muitos deles no sentido negativo do ponto de vista revolucionário. Aconteceram coisas que há alguns anos teriam sido difíceis de imaginar. De fato, verificou-se o desmoronamento do campo socialista.

Nós já dissemos isso em 7 de dezembro no funeral dos combatentes tombados em missões internacionalistas. Quando se diz uma coisa assim pode parecer um pouco estranha. Com certeza vocês se lembram do discurso de 26 de julho, dissemos algumas coisas que então podiam parecer estranhas e apenas cinco meses depois os acontecimentos se desencadearam naquela direção.

O campo socialista, de fato, desapareceu. De que campo socialista se pode falar hoje? Pode-se falar da União Soviética porque felizmente existe e mantém uma linha, uma política internacional coerente em sua luta pela paz. A União Soviética não caiu em mãos contra-revolucionárias e esperamos que isso não aconteça. A União Soviética não se desintegrou e esperamos que não se desintegre. Não houve guerra civil e esperamos que não haja, mas os perigos são reais.

Há tempos que a palavra internacionalismo não se menciona no resto dos países do que foi o campo socialista. A palavra revolução parece algo maldito a não ser para confundir essa coisa grotesca que se chama contra-revolução com revolução, porque até tergiversaram os conceitos, as idéias, as palavras e o sentido das palavras.

De marxismo-leninismo nem se fala. As estátuas de Lenin, de Marx, de Engels, são perseguidas, demolidas, destruídas. As ruas, os partidos mudam os nomes e até o nome da república muda.

Que sentido revolucionário pode ter tudo isso? De que socialismo se pode falar? De modo geral tudo é projetado abertamente para o capitalismo, para a economia de mercado e para a propriedade privada. Fala-se de privatizar as empresas estatais e

ellas começam a desaparecer. Em muitos lugares já se fala de transformá-las em sociedades anônimas de propriedade privada. De que socialismo ou de que campo socialista pode se falar? E como custa trabalho que isso seja reconhecido. Trata-se da conspiração da mentira a nível mundial.

O imperialimo diz: "mudanças", "reformas progressistas", como se a propriedade privada nesta época pudesse se considerar uma reforma progressista. Fala dos progressistas e dos conservadores, uma nova forma de mistificar, de tergiversar os conceitos e as palavras. Agora os defensores do capitalismo têm para a grande imprensa, para os meios massivos de comunicação em mãos do império, idéias revolucionárias, idéias progressistas.

Algumas dessas coisas já deram seus resultados. Ontem tivemos uma prova muito eloqüente que não me surpreendeu. Sei o que está se passando, como todos também o sabemos. Como estávamos esperando não ficamos surpresos pelo que aconteceu na Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas. Isso comprovou tudo o que vínhamos dizendo. Ao tomar conhecimento do que tinha acontecido disse aos companheiros: Alegra-me que tudo isto fique claro de uma vez porque agora todo mundo compreenderá melhor, o grande número de confundidos que há ainda no mundo e os poucos que de boa fé poderiam ter existido no país num determinado momento ou que até podem ainda existir — acho que devem ser muito poucos porque os fatos são eloqüentes. Eu dizia aos companheiros: — Isto nos ajuda a compreender a situação.

Vocês sabem que nós vínhamos travando essa batalha ano após ano, enfrentando as tentativas dos Estados Unidos que tentavam conseguir algum acordo contra nós e assim se travava essa batalha apesar das enormes pressões econômicas e políticas dos Estados Unidos, do apoio unânime dos países da OTAN e de alguns países do Terceiro Mundo — poucos países — que eles manejam como marionetes; apesar disso e do grande número de abstenções, porque essas votações não são secretas. Nós fomos eleitos, numa votação secreta, por uma grande quantidade de votos, no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Em eleições secretas fomos eleitos membros da Comissão de Direitos Humanos. Como dissemos em outras ocasiões, as eleições públicas são muito difíceis para nós, porque os países têm que enfrentar abertamente os Estados Unidos e dependem dos Estados Unidos para um crédito do Banco Mundial, para um crédito do Banco Interamericano, do Fundo

Monetário Internacional, instituições todas dominadas pelos Estados Unidos. Desse modo, um grande número de países tem que se abster e alguns são obrigados a votar contra e, lógico, os aliados da OTAN sempre estarão presentes aí, junto dos Estados Unidos.

E que foi que vimos nessas eleições? Coisas insólitas. Vimos essa canalhesca moção norte-americana, essa cínica moção, muito polida, porque foram tirando coisas devido a que as pessoas, por uma questão de pudor, fazem alguma resistência. Assim, eles iam tirando algumas coisas para suavizá-la, para apresentá-la como inofensiva, mas ao final ela servia para um propósito: sentar Cuba no banco dos réus, tentar humilhá-la.

É claro que a moção foi co-patrocinada por vários países da OTAN, co-patrocinada!, não por todos, mas por uma parte dos países da OTAN. Mas, além disso, foi co-patrocinada, companheiras e companheiros, pela Polônia e pela Tchecoslováquia, que até há poucos meses faziam parte do campo socialista. Estiveram bem acompanhadas nesta ação pelo governo decorrente da ocupação militar do Panamá.

Anteriormente, esses países agiam com um mínimo de pudor, não faziam o jogo do imperialismo. Mas desta vez a Polônia e a Tchecoslováquia, atrelados ao Panamá, foram co-patrocinadores, junto com a OTAN, da moção ianque. Eles não precisavam nem votar; fizeram isso grátis. Não tinham nem que falar porque não são membros da Comissão. Porém, co-patrocinaram, junto com os Estados Unidos, a moção anti-cubana.

Além disso, companheiras e companheiros, dois países que já não são a Tchecoslováquia e a Polônia, porque nestes países a oposição de direita, a oposição pró-capitalista, ficou com o governo em suas mãos. É mais extraordinário porque nesses países há ainda dois supostos partidos comunistas, ou que foram e já mudaram o nome, porque a primeira claudicação, a primeira traição começa quando ficam assustados pelo nome que tiveram durante dezenas de anos e renunciam a essa palavra: comunista. Deixam de ser partidos comunistas, para tornar-se partidos social qualquer coisa. Já nem sabem que nome vão procurar, mas são supostos "partidos comunistas" com nomes trocados. Não apenas mudaram o nome, mas viraram a casaca, mudaram a face perante os olhos do mundo, porque dois países em que ainda há partidos, que até há pouco tempo se chamavam partidos comunistas, votaram junto com os Estados Unidos contra Cuba: a Hungria e a Bulgária! Hungria e Bulgária! Vejam só que mudança, que avanço, que progresso, que reformas "revolucionárias" tão grandes fizeram que foram cair no colo do império ianque e na conspiração contra o movimento revolucionário.

Isto é a negação de tudo o que houve de progressista no mundo. É a negação de tudo o que houve de justiça no mundo. Países que até ontem foram supostos países socialistas, façam isso hoje junto com o império ianque, o inimigo da humanidade, o opressor dos nossos povos, o interventor que um dia invade o Vietnã e assassina milhões de pessoas, que outro dia invade Granada ou bombardeia a Líbia, organiza uma guerra suja contra a Nicarágua, outro dia organiza outra guerra suja contra Angola a um custo de centenas de milhares de vidas e guerras sujas por toda parte, até a última, recente intervenção e invasão no Panamá e as ameaças de invadir qualquer outro país.

O movimento revolucionário se distinguiu sempre por sua posição de princípios, por sua posição corajosa, por sua posição firme perante tudo o que fosse colonialismo, neocolonialismo e imperialismo.

O que ficou do pudor destes países? O que ficou do socialismo? O que ficou da comunidade socialista? O que pode ficar com essa repugnante conduta? Apesar de todas as pressões outros países se mantiveram firmes. A Índia e o México se mantiveram firmes. Doze países votaram contra a moção e outros doze se abstiveram: 24 no total. Quando os ianques não conseguem o voto, então pedem, exigem a abstenção. São essas as pressões, porque eles sabem que cada país que se abstenha, é um voto e que cada país que mude de posição são dois votos, um a menos para Cuba e um a mais para eles. Claro que os Estados Unidos obtêm a maioria com os votos da OTAN, de alguns países sem poder de decisão, em muitos casos muito pequenos, do Terceiro Mundo, o governo de ocupação militar do Panamá e dos chamados países socialistas qué ao que parece arrependeram-se e têm pressa de apagar de sua história aquela página em que se consideravam a si mesmos socialistas.

E neste momento, quando o imperialismo ameaça outros países da América Latina, quando ameaça intervir em qualquer país, quando ameaça nosso país, quando tenta nos impor uma estação de televisão *gusana*, subversiva, que penetre em nossos canais, que segundo todas as leis internacionais são nossos e são irrenunciáveis; quando ameaça com intervenções militares nosso país, quando essas

ameaças são maiores, acontece que a Polônia e a Tchecoslováquia co-patrocinam; a Bulgária e a Hungria votam a favor dos Estados Unidos e contra Cuba, porque eram membros da comissão encorajando assim a agressividade imperialista, o triunfalismo imperialista, a belicosidade imperialista, dando justificativas e pretextos ao imperialismo para que se torne mais agressivo contra nossa pátria.

Por isso se um dia o imperialismo se atreve a agredir nosso país e faz correr rios de sangue, que não será apenas sangue nosso, mas deles também, a responsabilidade pelo sangue derramado aqui cairá também sobre esses países, sobre os governos dos países que até ontem faziam parte do campo socialista. O sangue cairá também sobre a Polônia, sobre a Tchecoslováquia — e digo aqui — eles terão uma grande responsabilidade por qualquer crime que se cometer contra Cuba, como também cairá sobre a Hungria e a Bulgária. Não digo sobre os povos confundidos, mas sobre os dirigentes , sobre os governos que foram capazes de escrever uma página tão infame na história.

Nós, que temos idéia do que são os princípios, e das vezes que o império quis que os abandonássemos, estamos em condições de avaliar a traição em todo seu significado. É como se amanhã vendêssemos os portorriquenhos, aos que defendemos durante 30 anos nas Nações Unidas, para que os ianques nos dêem um crédito ou nos façam algum favor. É como se amanhã vendêssemos a causa do povo salvadorenho, do povo sandinista, como se tivéssemos vendido a causa do povo angolano ou do povo namibiano em troca de favores imperiais, ou a causa do povo palestino ou a causa do povo negro da África do Sul.

Jamais brincamos com um só princípio para receber favores do imperialismo! Nesse espírito, nessa consciência, educou-se nosso povo; no espírito de que a causa dos outros povos não pode ser vendida, que os princípios não podem ser esmagados, que os princípios não podem ser ultrajados. Nesse espírito educou-se a alma pura, mil vezes pura! do nosso povo revolucionário.

Jamais, em nenhuma circunstância, aqui se traiu um princípio nem se brincou com um princípio! Muitas vezes fomos solidários com os países socialistas. Sempre, até nas Olimpíadas, quando a única ligação que existia entre Cuba e os Estados Unidos era o esporte, não participamos nas de Los Angeles e não participamos na outra, na de Seul, por lealdade à República Popular da Coréia e porque nós não vendemos princípios.

Podemos lhes agradecer. Se ainda não fosse suficientemente claro, se ainda existisse a menor dúvida na mente de qualquer pessoa, acredito que já não pode ficar nenhuma. Muito obrigado, dirigentes da Polônia, da Tchecoslováquia, da Hungria e da Bulgária pelo que nos ensinaram, pelo muito que contribuíram para o esclarecimento da nossa consciência revolucionária, para o aprofundamento do nosso sentido da dignidade e da honra, pelo muito que contribuíram para que nos sintamos mais revolucionários se fosse possível, mais socialistas se fosse possível, mais marxistas-leninistas se fosse possível, mais martianos se fosse possível e mais discípulos de Antonio Maceo, mais imbuídos daquela dignidade indelével que em Baraguá nos foi entregue pelo Titã de Bronze! Para sentir mais repugnância por aqueles que subscreveram no movimento revolucionário internacional um colossal Pacto de Zanjón com o imperialismo, para sentir mais repulsa e mais repugnância pela traição. Obrigado! Tudo isto nos ensina bastante, aprofunda nossas convicções, torna-nos mais fortes e mais firmes.

Há alguns dias fomos testemunhas também de uma grande lição histórica com o que ocorreu na Nicarágua. Nossa imprensa falou sobre isto e assinalou alguns elementos que explicavam o revés da Frente Sandinista que surpreendeu inclusive o imperialismo; não esperava tanto. Esperavam uma vitória sandinista na frente de um processo tão debilitado que mal podia manter as bandeiras revolucionárias.

Os sandinistas tiveram que aceitar o desafio de umas eleições nas condições mais adversas em que se podem realizar umas eleições, em meio à guerra suja imposta pelo império e à ameaça de continuar essa guerra com milhares de bandidos aquartelados em Honduras, em meio à fome provocada por essa guerra suja, em meio à destruição econômica e à crise criada por essa guerra, ao que se une a crise que estão atravessando todos os países do Terceiro Mundo. Foram obrigados a realizar essas eleições algumas semanas depois do desmoronamento do campo socialista.

Também é verdade que os sandinistas tiveram que fazer muitas concessões perante a situação difícil na qual se encontravam.

Devemos dizer que entre os fatores acima mencionados, a guerra suja foi um dos mais prejudiciais; uma guerra que ocasionou mais de 50.000 mortos, guerra de tipo interna, de tipo civil.

Eu recordava a nossa própria experiência, quando realizamos as nossas lutas internas, feitas sempre com voluntários, voluntários!

Voluntários foram os que lutaram na serra do Escambray contra os bandidos durante anos, voluntários de todo o país; da capital da república numa ocasião foram mobilizados 40.000 operários para combater contra os bandos e, no fim, depois de uma longa luta, foram liquidados por 10.000 operários e camponeses das próprias montanhas do Escambray, todos voluntários!, organizados em batalhões de luta contra bandidos.

Em Girón, os que combateram contra os invasores mercenários eram voluntários.

Nas missões internacionalistas, em Angola e na Etiópia e em qualquer parte, os combatentes sempre foram todos voluntários. Nenhum soldado do serviço militar era enviado para combater em Angola ou em outro lugar; iam os que pediam para ir e o pediam com insistência e exigiam que lhes fosse dada a oportunidade. É algo diferente da agressão militar estrangeira contra a pátria que todos temos o dever moral e legal de defender.

Os sandinistas foram forçados a travar uma guerra interna contra os bandos organizados pelos Estados Unidos com jovens que por lei cumpriam o serviço militar. E esse foi um dos aspectos que o inimigo mais atacou, com uma mensagem incessante às mães, porque essa guerra foi dura, guerra que lhes foi imposta pelo imperialismo e na qual morreram milhares desses soldados, aliás, excelentes e corajosos soldados! Mas o fato de que fossem soldados do serviço militar os que participavam dessa guerra serviu de matéria-prima para uma campanha incessante contra os sandinistas. E nas eleições, às mães que tinham filhos no serviço militar, ou às mães que tinham filhos que podiam ir depois para o serviço militar, ou às mães cujos filhos eram reservistas, falavam constantemente nisso e lhes prometiam duas coisas: que a guerra ia acabar, que o serviço militar ia desaparecer e que ia terminar a crise econômica. Ofereciam as coisas que somente o imperialismo podia oferecer: acabar a guerra, porque o imperialismo organizou e financiou a guerra; eliminar a crise econômica, porque o imperialismo organizou a guerra suja que aprofundou essa crise econômica, porque o imperialismo bloqueou ferreamente a economia do país. E diziam ao povo: se a oposição ganhar, vai acabar a crise econômica, vai acabar o bloqueio, virão grandes quantidades de dinheiro. E acrescentavam: os sandinistas não podem resolver a crise, os sandinistas não vão receber ajuda dos Estados Unidos; os sandinistas não podem continuar recebendo a ajuda, a colaboração que recebiam de

um grupo de países socialistas porque — diziam — os seus amigos caíram.

Não pensem que foi uma grande ajuda, exceto a da URSS. Mas receberam alguma ajuda, de alguns mais que de outros, e de alguns muito pouca, porque para alguns essa palavra ajuda era uma espécie de palavrão. Mas alguns países da Europa oriental deram determinada ajuda, uns mais que outros.

A mensagem da oposição era: os sandinistas não podem jamais resolver a crise, porque não vão receber ajuda dos Estados Unidos e os amigos dos sandinistas caíram. Esse elemento psicológico influiu.

Esse processo caracterizou-se por um grande número de indecisos até o fim. No fim estavam a oposição antisandinista amiga dos Estados Unidos, aliada da contra- revolução, de um lado, e o povo sandinista do outro. Nesse momento final, os indecisos tiveram mais peso e a soma destes fatores produziu o fenômeno da derrota eleitoral sandinista.

Eles não tinham outra opção senão reconhecer o resultado das urnas, pois comprometeram-se a fazê-lo e fazer outra coisa os teria isolado do resto do mundo. Convidaram milhares de observadores e não se pode convocar uma atividade desse tipo, entrar nesse jogo, sem aceitar as regras do jogo. Portanto, eles não tinham outra opção senão declarar o que declararam.

Devo dizer que também houve erros de caráter subjetivo cometidos pelos sandinistas neste processo; mas não somos nós, os amigos dos sandinistas, e muito menos num momento de revés, os que podemos indicar quais foram, na nossa opinião, os erros. A autocrítica, o exame dos erros cometidos por eles é tarefa deles, não nossa. A nós cabe o apoio, a nós cabe a amizade, a nós cabe somente a solidariedade.

Há, porém, uma grande diferença entre os sandinistas e aquelas forças políticas que sofreram reveses na Europa oriental e a diferença é que os sandinistas são revolucionários. Sofreram um revés forte, mas são revolucionários e reagiram como revolucionários; cumpriram a sua palavra, reconheceram e aceitaram o resultado das urnas, mas ao lado deles estava quase a metade da população, da gente mais combativa, mais firme, mais decidida, mais consciente, que têm mais claras as idéias patrióticas, as idéias antiimperialistas. Mais de 550.000 nicaragüenses, mesmo nessas dificílimas condições, votaram neles.

Agora criou-se uma situação irreal e quando o imperialismo pensava ver bem sucedidas as suas conspirações e invencionices, descobrem que possivelmente complicaram mais a situação do país.

Por que eu digo uma situação irreal, por quê? Porque, de um lado, estão os bandos, armados e treinados pelo imperialismo, aquartelados em Honduras, com uma parte no interior do país e um número de efetivos atravessando a fronteira, provocadoramente, para o interior da Nicarágua. Do outro lado breve estará um governo apoiado pelos Estados Unidos numa coalisão onde participa um certo número de antigos chefes dos bandos contra-revolucionários e do outro, estão os revolucionários, os sandinistas e centenas de milhares de armas nas mãos dos revolucionários. Vejam que situação tão irreal.

Imaginem se 10 anos depois do triunfo da Revolução Cubana nos tivessem dito: lá, numa parte do país, ou na fronteira do país, estão os batistianos armados até os dentes; aqui, no governo, uma coalisão de partidos que recebeu o apoio dos Estados Unidos e o apoio dos bandos, quer dizer, de um lado um governo de batistianos sem Batista e do outro, o povo armado. Vejam que situação verdadeiramente irreal criou-se nesse país como resultado de tal processo.

Não cabe a nós estabelecer diretrizes, nem penso que os sandinistas necessitem que ninguém lhes indique diretrizes. Mas os sandinistas são revolucionários e no dia 27 já tinham reagido, depois do golpe esmagador que significou uma derrota que não tinham previsto.

Nesse país aconteceram coisas estranhas. Não houve alegria no povo, mas tristeza. O próprio povo se sentia aniquilado, como se instintivamente compreendesse a situação que se tinha criado; espontaneamente as massas revolucionárias saíram à rua e no dia 27 os sandinistas tinham estabelecido uma série de pontos essenciais: que iam reconhecer o triunfo da oposição, que iam entregar o governo, mas que, ajustando-se estritamente à constituição do país, o Exército Popular Sandinista era intocável, o Ministério do Interior era intocável, as leis revolucionárias eram intocáveis; as terras não podiam ser devolvidas aos latifundiários, os lotes de terras urbanas entregues ao povo não podiam ser devolvidos aos antigos proprietários, os trabalhadores do Estado eram intocáveis e assim até sete ou oito pontos fundamentais que definiam sua política futura.

Isto é, no dia 27 tinham reagido já de uma forma revolucionária, porque imaginem vocês nessa situação o regresso dos bandos e os bandos não têm interesse nem estão dispostos a desarmar-se. Quem não conhece a mentalidade desses facínoras, de todos os reacionários? Eles se julgam os artífices da vitória da oposição; eles julgam que graças ao seu esforço e ao seu sacrifício — entre aspas —, a oposição obteve a vitória; eles se consideram os autores da guerra suja, a que desgastou o governo sandinista; eles se consideram responsáveis pela morte de milhares de jovens do serviço militar obrigatório; eles se consideram responsáveis pela destruição da economia e agora exigem a sua parte na pilhagem. Falam inclusive com desprezo dos políticos da oposição, vários antigos chefes seus fizeram parte dessa coalisão e vão fazer parte do governo. Dizem que nunca molharam as botas nem combateram. Qualquer pessoa compreende como vão atuar e que vão exigir, com que ânsias de vingança e de revanche regressarão armados ao país! Porque é possível que se os Estados Unidos lhes dizem: "desarmem-se", eles respondam: "não vamos nos desarmar". Por acaso não são os garotos mimados e se consideram os campeões olímpicos dessa contenda? Vocês podem imaginar com que espírito de revanche, com quantas ambições e com quantas pretensões regressarão ao país. A isto vão somar-se os emigrados contra-revolucionários, os antigos donos de latifúndios, fábricas e proprietários urbanos afetados pela Revolução, além dos membros recém-libertados do antigo exército somozista.

É por todos estes elementos que ali se está criando uma situação irreal, absurda, que implica em grandes riscos de conflito de guerra civil, o qual vai contribuir à desestabilização, não apenas da Nicarágua, mas de toda a América Central. De modo que ali, onde os imperialistas pensaram obter uma grande vitória, criaram uma situação potencialmente mais violenta e revolucionária que a existente antes do triunfo da oposição nas eleições. E se diz que um dos "eminentes" observadores norte-americanos que estava lá, enviou uma mensagem ao seu governo dizendo: "Oxalá se tivessem cumprido nossas predições! Oxalá os sandinistas não tivessem sido derrotados!

O povo, como já disse, reagiu com tristeza. Mais uma coisa — segundo notícias que temos —, muitos sandinistas que por uma razão ou por outra, por algum ressentimento, por alguma amargura, votaram irrefletidamente na oposição, disseram depois aos seus

parentes, aos próprios sandinistas, a todo mundo, que estavam profundamente arrependidos pelo que tinham feito. Porém, o dano estava feito, o mal estava presente e se cria a situação irreal que estamos explicando.

Não pensem vocês que é fácil fazer esta análise, aqui onde falamos, para os congressistas, para todo o povo, para toda a opinião nacional e internacional; mas é o que posso explicar para que vocês tenham estes elementos sobre a situação criada lá na Nicarágua e na América Central.

Vamos enfrentar um problema importante, o relacionado com a nossa colaboração.

Houve época em que tivemos milhares de compatriotas nossos ali, inclusive 2.000 professores primários. Atualmente há cerca de 1.000 colaboradores, entre eles alguns colaboradores militares, mas não muitos; houve tempo em que eram mais. Há colaboradores no setor da educação e em quase todos os setores: se é preciso ajudar a reparar uma usina termoelétrica, se é preciso colaborar no domínio da agricultura, se é preciso colaborar no campo do esporte. Em muitos campos, em muitas áreas, há colaboradores civis nossos e estão particularmente os construtores de Bluefields, que são várias centenas, e entre eles cerca de 50 mulheres.

As duas áreas onde há mais pessoal, com quase dois terços dos colaboradores, são a medicina e a construção de Bluefields.

Agora se coloca uma situação: o que fazer com a nossa colaboração?

É essa nossa única colaboração? Não. Nunca tínhamos falado nisto e talvez não tivéssemos falado se não existissem estas circunstâncias, se não fosse necessário analisar este problema da colaboração: há anos o nosso país abastece o norte da costa atlântica, com rações para 50.000 pessoas, que incluem alimentos e artigos de uso pessoal; nós fornecemos rações para 50.000 pessoas todo o ano. Três ou quatro vezes ao ano, cada trimestre, vai um barco levando os alimentos e os artigos que constituem nossa colaboração. Isso foi pedido pelos sandinistas uma vez, por um ano, pois as comunicações eram difíceis por terra para levar os abastecimentos e se tem prolongado por anos.

Nosso país doava cada ano 90.000 toneladas de combustível ao governo da Nicarágua, 90.000 toneladas que arrancávamos da nossa alma. E se vocês querem ter uma idéia do que significam 90.000 toneladas de combustível, basta dizer que as estradas e os *pe-*

draplenes[13] que é preciso construir para o grande desenvolvimento turístico que se propõe o país, vão necessitar uma cifra aproximada a esta; quer dizer, que com 90.000 toneladas de combustível, praticamente, se pode construir o total dos *pedraplenes* e as estradas turísticas que estão nos projetos do país. E nós dávamos isso cada ano ao governo da Nicarágua, ao povo da Nicarágua.

Estávamos construindo um povoado de 1.000 casas para reparar os danos causados pelo ciclone em Bluefields. Colaboramos com os nicaragüenses com outras doações e facilidades econômicas. Isto independentemente das centenas de milhares de cidadãos desse país irmão que são atendidos pelos nossos médicos. Sobre isto é preciso tomar uma decisão. Nós não podemos tomar nenhuma medida que possa parecer uma represália pelo que ocorreu ali.

Teremos que tomar uma decisão, levando em conta, na nova situação, a opinião dos sandinistas e a opinião das novas autoridades governamentais. Estas fizeram declarações públicas, mas oficialmente não disseram nada, nem temos nenhum contato com elas.

Claro está, é um fato que não podemos continuar oferecendo algumas destas colaborações. É possível que, inclusive, a um governo sandinista triunfador e com mais possibilidades econômicas tivéssemos que dizer que, para nós, por causa das nossas próprias dificuldades, era muito difícil continuar enviando esses abastecimentos para o norte da costa atlântica da Nicarágua e tivéssemos que dizer que era impossível continuar enviando 90.000 toneladas de petróleo. Repito, por causa das nossas próprias dificuldades; portanto, nossa colaboração não poderá manter-se no mesmo volume e no mesmo nível que tinha alcançado.

Vão surgir também outras coisas mais delicadas: o que fazemos com o povoado em construção em Bluefields, que foi um oferecimento que fizemos ali aos que perderam suas casas com o ciclone; o que fazemos com as centenas de milhares de nicaragüenses que estão recebendo nossa assistência médica.

Nós, do nosso lado, não podemos retirar essa colaboração. Se o novo governo quer fazê-lo, que o faça; é responsabilidade deles, não nossa. Se os sandinistas concordam — é elementar pedir sua opinião —, se as novas autoridades concordam, poderíamos continuar construindo o povoado e poderíamos continuar prestando a assistência médica, que não é fácil de substituir. Claro

13 Estradas que estân sendo contruídas em geral com o objetivo de atender melhor ao turismo. São construções em águas não muito profundas.

está, sempre que houver condições de segurança para o nosso pessoal, sempre que houver estabilidade e paz no país, porque se a situação lá piorar, se ali aumentarem os choques entre contra-revolucionários e sandinistas, se ali se tornar insegura a vida dos nossos colaboradores, não podemos, de maneira nenhuma, manter a colaboração nessas condições.

Isto é elementar, temos que partir dessa premissa, mas quero aproveitar esta ocasião para explicar qual é nossa posição no que diz respeito à nova situação criada na Nicarágua.

Claro está, quem tem que definir sua disposição ou não de receber a colaboração civil são as novas autoridades eleitas neste processo.

Em relação com a colaboração militar, não é concebível poder mantê-la em presença de um governo que manifestou amplamente sua antipatia pela Revolução cubana. Seria absurdo manter a colaboração militar nessas condições. Essa é a nossa opinião e, portanto, quando o novo governo estiver pronto para a posse, retiraremos nossa colaboração militar e é possível que mesmo antes, será uma questão a ser decidida com os sandinistas. Numa situação tão complexa e tão cheia de riscos e conflitos, não vamos ter grupos isolados de colaboradores militares que podem ser, inclusive, acusados de qualquer tipo de problema ou de confrontação que pudesse surgir ali.

O que vai acontecer lá? Os bandos vão se desarmar? Vão entrar desarmados? Agora a quem vão atacar os bandos, às forças sandinistas ou ao governo que eles mesmos apoiaram? É uma situação bem complexa e bem absurda na qual, na nossa opinião, não existem as condições mínimas para manter a colaboração militar, embora se trate do atual exército revolucionário.

Assim vemos a situação, de qualquer maneira devemos continuar observando os acontecimentos.

Já não resta muito por dizer, mas há dois temas que quero abordar e que vocês mencionaram e analisaram bastante aqui.

Vocês falaram muito do programa alimentar e vocês falaram muito do período especial.

O programa alimentar não é apenas a semeadura de alface, tubérculos, legumes e árvores frutíferas; o programa alimentar é muito mais amplo e abrange uma série de aspectos.

O programa alimentar inclui a construção de cerca de 200 novas vacarias para a produção de leite por ano; já se está trabalhando em

seis frentes: Camagüey, que é a maior, onde se estão construindo ao redor de 60 vacarias por ano, e depois estão a de Ciego de Avila, a de Las Tunas, a de Granma, de Sancti Spíritus e de Pinar del Río. Estão trabalhando intensamente nesse programa, pensamos construir cerca de 1.000 vacarias para a produção de leite em cinco anos e, se tudo andar normalmente, num período não maior de seis a sete anos podemos dobrar a atual produção de leite, que é uma parte importante do programa alimentar.

Isto não será feito aumentando as importações de grãos, mas fornecendo-lhes a famosa *saccharina*, que é um alimento rico em proteínas e em carbohidratos a partir da cana, surgido nos nossos centros de pesquisas. Agora vamos incrementar este alimento; este ano produzir-se-ão cerca de 400.000 toneladas de base úmida, de base seca seriam menos, e no próximo ano esperamos atingir um milhão de toneladas de *saccharina* de base úmida. Tudo isto exige investimentos e se está trabalhando aceleradamente, de maneira que, no futuro, com a mesma quantidade de grãos que empregamos hoje e acrescentando-lhe a *saccharina*, pensamos duplicar a produção de leite. Mas isto leva tempo para fazer os investimentos, para a construção das vacarias, para o desenvolvimento desse gado. É um dos programas que leva mais tempo.

Simultaneamente, estamos construindo em três anos 50 centros integrais suinos; parte desses centros são novos e parte é o equivalente em ampliações de outros centros; mas o propósito é duplicar, nesse período de três anos a três anos e meio, a produção de carne de porco sem aumentar as importações de grãos, o que é muito importante, muito importante! Os porcos também podem consumir uma porcentagem de *saccharina*, não tanto quanto o gado bovino, mas sim podem consumir o mel proteico, outro produto das pesquisas de nosso país, um derivado da cana-de-açúcar.

Para dobrar a produção de carne de porco pensamos nos apoiar, fundamentalmente, em resíduos de alimentos, na ração líquido e no mel proteico. Vamos passar de cem mil a duzentas mil toneladas. No futuro podemos passar dessa cifra, também utilizando o mel proteico. Assim, temos uma base alimentar segura para os porcos.

Uma outra parte do programa alimentar são cerca de 1.800 galpões avícolas em construção durante um período de três anos para incrementar a produção de aves e ovos; nesse período bastante breve pensamos aumentar em 700 milhões a produção de ovos e em mais de 40.000 toneladas a carne de ave.

Há também os planos para o aumento da produção do arroz, usando técnicas de irrigação.

Neste momento temos sete brigadas, que podem fazer cada uma 1.000 hectares por ano. No fim do ano pensamos chegar a 15 brigadas, e com elas podemos fazer cerca de 15.000 hectares por ano. E nos propomos, em 1991, tentar chegar a 30 brigadas de sistema "engenheiro" para cumprir este programa em aproximadamente cinco ou seis anos.

Estão também os planos de tubérculos e legumes — alguns deles já foram mencionados aqui —, com técnicas novas, por exemplo, a irrigação das bananas com micro-jet; estão se incorporando 60.000 hectares com irrigação para a produção de tubérculos e legumes, com técnicas novas.

Também estão sendo impulsionados os programas de produção de gado ovino, de coelhos, de gansos, para criar outras fontes de proteína, baseando-nos igualmente na *saccharina*.

Sobretudo, muito importante, são os planos para incrementar também a produção da cana. A cana não é apenas para açúcar ou só para exportar, a cana torna-se uma matéria-prima importante de produção de alimento para o gado bovino, para o ovino, em parte também para o avícola e outras espécies, é um alimento fibroso, por isso só se pode dar até um 10% às aves, um pouco mais ao porco, quase cem por cento ao bovino. A cana torna-se não apenas uma fonte importante de incremento da produção de açúcar, mas também de incremento da produção de alimentos para o país, não apenas do açúcar que se consome, mas do leite e da carne que se pode produzir a partir da cana. Isso é muito importante.

Em todos estes programas já se trabalha intensamente desde 1989.

Aproveito a ocasião para lhes explicar que o plano alimentar é ambicioso, que o país está fazendo um tremendo esforço nesse sentido.

Recuperou-se o potencial hidráulico; se está trabalhando simultaneamente em 30 represas e junto com elas se estão fazendo todos os canais e se estão fazendo os sistemas de irrigação.

Infelizmente, num certo momento, algumas represas terminadas no ano 1974, 1975, não tinham, dez anos depois, os canais principais construídos.

Agora estão sendo elaborados planos integrais de desenvolvimento do potencial hidráulico, de construção de represas com sistemas de canais e de irrigação, de procura de novas fontes de água, de proteção das fontes atuais, como a construção de diques como o do sudoeste da província de Havana; vai se construir um outro dique similar no leste da mesma província, para evitar que a água doce vá para o mar em períodos de seca e poder dispor de mais água. Estão se fazendo *transvases* de água de Matanzas para a província de Havana. Estão se construindo represas do outro lado das montanhas lá no rio Mayarí, está se construindo uma represa que terá 600 ou 700 milhões de metros cúbicos. Estão se estudando os projetos dos túneis que vão levar a água desde o rio Mayarí até os territórios de Holguín e de Las Tunas. Já se discutiram todos esses projetos, estão se organizando as brigadas.

No futuro pensamos utilizar água, através de túneis, até dos rios Levisa e Sagua, para levá-la à planície, à zona agrícola, pois lá não há áreas de terra aptas para a irrigação.

Pensa-se trabalhar no Toa, canalizar uma parte das suas águas e começar a construir em breve uma represa no rio Yateras, justamente para ajudar a zona de Guantánamo em seus planos de desenvolvimento, no seu processo de desalinização, etc.

Há planos muito ambiciosos que estão sendo realizados quase todos dirigidos à agricultura.

Continuarão desenvolvendo-se os planos de citrinos para a exportação e para o consumo do país.

São planos integrais, nos estamos trabalhando muito em todos esses planos. Felizmente contamos com dezenas de milhares de técnicos que, aliás, o país nunca teve antes; os centros de pesquisa estão trabalhando aceleradamente. Criou-se uma fábrica de máquinas para irrigação do tipo Fregat; no ano passado se fizeram cerca de 400, este ano pensamos construir ao redor de 600; a fábrica está concebida para chegar a produzir 1.500 sistemas, que são suficientes para aumentar em mais de 100.000 hectares a irrigação por ano com esse sistema, independentemente de outros sistemas de irrigação.

Quer dizer que se está levando a efeito um plano enorme; não tem sido divulgado muito, mas se está trabalhando muito seriamente nele. E as companheiras que vêm das províncias sabem o que se está fazendo nas suas províncias nesse sentido, elas sabem; talvez não conheçam o que se está fazendo nas outras, mas sim o que se está fazendo na sua província.

Por isso, tínhamos que explicar este princípio, esta idéia, dar esta informação sobre o que é o programa alimentar, que além disso, inclui tudo o que propuseram aqui as companheiras, o que estão fazendo nas montanhas, no plano Turquino, na Segunda Frente, no Escambray, em Pinar del Río, em toda parte, desenvolvendo produção de alimentos, produção de café, semeando árvores, produção de mel, etc. Este conjunto de coisas constitui o que chamamos plano alimentar. Eu explico para que nenhuma companheira fique com a impressão de que o plano alimentar é a semeadura de tubérculos, de legumes, de árvores frutíferas, algumas destas coisas. Está claro? Queria explicá-lo.

Vocês falaram de outra coisa que tem uma enorme importância, que é o período especial. Há algumas que dizem que já estamos em período especial. Não estamos em período especial, mas estamos quase em período especial; porém, ainda temos esperanças, temos esperanças, de poder evitar o período especial.

Há dois períodos especiais: o período especial que se está estudando, analisando e preparando durante anos numa situação de bloqueio total do país, o que fazer se se decreta um bloqueio total do país, que medidas tomar nessas condições em que não pudesse chegar absolutamente nada do exterior, o que fazer se a essas medidas se somam medidas e ações militares; temos estudado os planos, inclusive, sobre o que fazer em caso de invasão e ocupação do país, o que possa ser ocupado aqui, o que possa ser ocupado! Eu gostaria de saber o que pode ser ocupado aqui, por exemplo, desta cidade.

Mas o nosso Partido e as nossas Forças Armadas Revolucionárias têm estudado as variantes piores, como seria a guerra em caso de ocupação total. Na base, claro está, de uma coisa que sabemos há muito tempo, que em caso de agressão ao nosso país, de bloqueio total, naval e aéreo, não chega uma bala ao país, procuramos ter desde antes todas as balas, os fuzis, as minas, as granadas, todas as armas necessárias.

Agora estamos trazendo mais armas, as que vêm da irmã República Popular de Angola e além disso, as fabricamos; porque aqui as cifras são de milhões, são milhões de homens e mulheres, milhões de homens e milhões de mulheres, vocês o sabem bem. Todo o povo constitui o nosso exército e levamos quase 10 anos preparando-nos para isso.

Mas surgiu a nova situação, que pode provocar problemas tão sérios que nos obriguem a um período especial em época de paz.

Temos que estudar o que fazer se realmente continuam se deteriorando as relações econômicas com esses países que foram socialistas e se um dia surgissem problemas sérios na URSS. Escutem bem, isto é muito importante: se um dia surgissem problemas sérios na URSS. E embora já tenhamos expressado nossa esperança de que tais problemas não surjam, nós temos o dever elementar de analisar quais seriam as conseqüências.

A União Soviética tem mantido uma postura firme na suas relações com Cuba. Recentemente houve o grande escândalo ianque porque chegaram alguns aviões Mig-29 que estavam programados há cinco anos para chegarem neste qüinqüênio e estão chegando em 1990 — é um direito elementar de Cuba, são acordos que foram subscritos há muito tempo. E com o pretexto de que isso põe em perigo a segurança dos Estados Unidos — imaginem que descaramento, que falta de vergonha, que cinismo. Dissem que Cuba é um país desestabilizador — parece que os Estados Unidos são o país mais estabilizador que existe no mundo —, e que isso é uma grave preocupação.

Inclusive, os imperialistas disseram que o obstáculo maior para o melhoramento das relações entre a URSS e os Estados Unidos é Cuba. Aparentemente, os Estados Unidos queriam que a URSS se esquecesse de Cuba, que a URSS não cumprisse nenhum tipo de compromisso com Cuba, que a URSS abandonasse Cuba, que a URSS se somasse ao bloqueio econômico dos Estados Unidos contra Cuba.

Aparentemente esses são os sonhos do império neste momento. Sabe que Cuba é um espinho, um pequeno espinho, um osso atravessado na garganta, que nem se vende nem se rende, sabem que Cuba é isso.

Sabem que Cuba é um povo corajoso, de tradições heróicas, de uma história bonita; sabem que Cuba lutou sozinha contra a Espanha, quando mal contava com um milhão e meio de habitantes e quando aqui ainda havia muitos pró-espanhóis e quintas colunas; quando a população revolucionária era uma minoria e quando se combatia sozinho, durante 10 anos, no Oriente e Camagüey, até em Las Villas. Os patriotas sonharam mais de uma vez em chegar até ocidente, mas não o conseguiram. A famosa batalha de Las Guásimas dizem que desgastou as forças, e o cumpriram muitos anos depois com a famosa invasão para levar a guerra a todo o país.

Conhecem as tradições de Cuba, sabem que existiu um Maceo, aquele Maceo que não disse em vão que quem tentar apropriar-se de Cuba, recolherá o pó do seu solo encharcado em sangue, se não perecer na luta. Maceo disse isso e acho que o disse em 1895, quando se falava de intervenções ianques; era o mesmo Maceo de Baraguá, o mesmo Maceo de 1878; quase 20 anos depois mantinha a mesma idéia.

Sabem que nós herdamos essas tradições; os ianques sabem isso, que temos todos estes valores sagrados que não podemos esquecer jamais, porque são os que nos dão dignidade, segurança, honra e confiança. Sabem que isso é este povo e sabem que as armas mais sofisticadas não podem destruir a resistência de um povo decidido a lutar.

Reparem, aí têm os saarauís — aqui está a representação — que, naquele deserto, onde praticamente não há uma árvore, só areia, levam muitos anos realizando uma guerra heróica. Os ianques têm dado centenas de milhares de armas e bilhões à potência ocupante, todos os equipamentos mais sofisticados e, contudo, não podem contra o povo saarauí, que não tem uma população numerosa, mas sim uma coragem insuperável.

Os ianques sabem disso, sabem que o espinho está atravessado, que poderá desmoronar-se o que quiser por aí, mas que isto não se desmorona. Podem tê-lo sonhado, mas lhes podemos dizer como dizia a companheirinha que falou ontem, que esqueçam isso, que "*desmayen* isso". Acho que é uma palavra popular; eu não a conhecia, mas a ouvi ontem e percebi seu significado: *Desmayen* isso!

Mais uma vez subestimação; toda a vida subestimação; subestimação quando os bandos; subestimação com seu bloqueio; quando quiseram nos destruir economicamente; subestimação em Girón, subestimação na Crise de Outubro. Sempre estão subestimando por arrogância, por prepotência, por uma prepotência que lhes cega a razão.

Eles quiseram que a URSS lhes ajudasse nisso. Imaginem! Mas a URSS resiste a toda medida que implique no não cumprimento dos acordos com o nosso país. E os Mig-29 foram um exemplo disso. A URSS faz os maiores esforços para cumprir os convênios econômicos, como fazemos nós também da nossa parte, apesar das dificuldades que eles têm; são conhecidas as dificuldades que enfrenta a URSS, e nós sabemos que eles fazem esse esforço, independentemente de que às vezes se produzem atrasos, problemas ou dificuldades para adquirir uma matéria-prima que se obteve historicamente e que agora, por problemas objetivos deles, não se podem obter. Temos esse tipo de dificuldades, mas os ianques se desesperam e se irritam, a ponto de declarar que Cuba é o obstáculo maior para o melhoramento das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Como é lógico, a URSS deseja melhorar suas relações com os Estados Unidos e desenvolver suas relações econômicas, mas os Estados Unidos dizem: "A estes temos que esmagá-los, a estes do Caribe, a estes comunistas caribenhos temos que esmagá-los."

Eles se entendem talvez com os comunistas siberianos, os de lá, do país onde abundam as neves, mas não querem paz de maneira nenhuma com estes revolucionários do Caribe. Pensam que estamos perto demais e pensam, também, que estamos neste hemisfério; pensam que estamos no Terceiro Mundo, que somos um exemplo. Além disso, sempre sonharam em apoderar-se deste país.

Agora mesmo estão planejando anexar Porto Rico. E é grande a batalha que os povos latino-americanos devem travar para evitar que cometam esse crime histórico, porque é dever dos latino-americanos pensar mais seriamente no problema de Porto Rico; seria uma desonra imensa para a América Latina deixar que os Estados Unidos no final consiga anexar Porto Rico. Têm essas pretensões.

Eles diziam que Cuba era uma fruta madura, mas esta fruta está agora muito longe deles e tornou-se um exemplo de dignidade, de resistência, de coragem para todos os povos do mundo; não se pode esquecer que existe o Terceiro Mundo, o Terceiro Mundo significa bilhões de seres humanos e no Terceiro Mundo vão surgir os problemas mais sérios nos próximos tempos devido à instabilidade tremenda que sofrem estes países, pela fome terrível que estão padecendo, pelo saque que estão suportando. Isso de sonhar que as revoluções vão acabar, aconteça o que acontecer, não será mais do que um sonho, porque os povos vão reagir contra a fome, contra a miséria, contra uma situação irresistível, e cada vez é mais irresistível. Isso é uma realidade, esse Terceiro Mundo existe e o imperialismo vê em Cuba um exemplo perigoso.

Agora está encorajado com tudo o que aconteceu e têm o descaramento, a falta de vergonha de exigir da URSS que corte as suas relações com Cuba.

Eu já disse no começo quais são os nossos desejos, mas nós temos o dever — isso é muito claro — de preparar-nos bem se acontecessem problemas sérios na URSS, está claro? É uma coisa que não desejamos, uma coisa que esperamos que não aconteça, mas temos o dever elementar de elaborar todos os nossos planos em tais circunstâncias. Eu já disse no 26 de Julho, porque nós temos que estar preparados para resistir mesmo quando ocorrerem problemas sérios na URSS; se nós ficarmos aqui sozinhos, devemos estar preparados para resistir.

Há realmente alguma pessoa com vergonha neste país, com honra, com o mínimo amor pela sua pátria que esteja disposta a render-se se ficarmos sozinhos? E quando estivermos sozinhos estaremos muito acompanhados, porque estaremos acompanhados pela causa mais justa do mundo, das idéias mais justas do mundo.

Defendemos as bandeiras mais belas levantadas jamais sobre a Terra, os sonhos mais elevados do ser humano. Defendemos o desejo do homem de ser verdadeiramente humano, de ser homem em toda a plenitude da palavra; somos defensores desses sonhos e não renunciamos a eles, e não estamos dispostos a renunciar a eles por nada no mundo! Isto que vocês disseram aqui, as coisas extraordinárias que vocês explicaram aqui sobre o significado que tem o socialismo para nosso povo, sobre o significado que tem o socialismo para a mulher, vocês o compreendem melhor que ninguém, e cada vez o compreende melhor todo o povo e o compreende a nossa juventude.

Antes de vir ao congresso estive dois dias no Conselho Ampliado da Federação dos Estudantes Universitários (FEU) e é maravilhoso escutar aqueles jovens, que capacidade, que profundidade, que espírito revolucionário! Isso é o resultado do socialismo em nosso país.

Por isso digo que se ficarmos aqui isolados — e andam alguns dizendo por aí que Cuba está isolada ou vai ficar isolada —, quando aqui desembarcarem os ianques, somos nós os que combatemos. Apreciamos muito a solidariedade internacional, claro está, e sempre a temos apreciado muito, mas há gente que tendo sido comunista no passado, hoje quer ser perdoado pelo pecado de ter sido comunista criticando Cuba e atacando Cuba. Sim, dizendo que façamos isto ou aquilo.

Antes havia muita gente nos insultando, porque nos diziam que éramos satélites dos soviéticos, e agora há outro tanto de gente nos

insultando porque não fazemos o que fazem os soviéticos. Então quando poderemos nós fazer o que nos dê vontade? Quando poderemos nos declarar independentes? Pode haver um país mais independente que nós, um país disposto a enfrentar o império que está ao lado e o mundo inteiro se for necessário? Não pode haver um país mais independente, mas independente a custa da sua pele, do seu sangue, dos seus ossos, da sua alma, do seu valor e do seu talento, e o império também sabe isso.

Sabe que este é um povo que tem um elevadíssimo nível de instrução, que não há outro país do Terceiro Mundo com o nível de instrução que nós temos. Mais nível de instrução que os Estados Unidos! Ali tem muita gente que não sabe sequer onde fica o México. Até o Reagan chegou um dia ao Brasil e começou a falar da Bolívia. Ali não sabem nada de nada e, claro está, de política não sabem nada, são de uma ignorância política tremenda, mas têm muito chovinismo, que é o que exploram os governos.

Invadem países pequenos e dizem que obtiveram uma vitória colossal. Invadem o Panamá e então há aplausos. Como regra, nas suas aventuras militares o choro inicia-se quando começam a chegar os cadáveres, quando começam a chegar os féretros ao país, e desses nós podemos fornecer-lhes uma grande quantidade se agridem Cuba, podemos dar-lhes quantidades industriais, para que não fiquem aborrecidos e não deixem de chorar nem um só dia!

Essa é a essência, devemos estar preparados para as piores circunstâncias e sentimo-nos mais tranqüilos, mais confiados.

Teríamos um período especial em época de paz se surgissem na URSS problemas muito sérios e nós não pudéssemos receber os abastecimentos que recebemos da URSS; entre outros, os energéticos, que são tão importantes, num país onde já o nível de vida e de desenvolvimento baseia-se num consumo de 12 milhões de toneladas de petróleo; todos os nossos programas, todo o nosso consumo baseia-se nisso. Que aconteceria se de repente nós não tivermos 12 milhões? Temos que saber o que fazer se houver 10, 8, 6, 5, 4, temos que sabê-lo. Em época de paz, não falo já em época de guerra, é o que chamamos período especial em época de paz.

Enquanto nós tivermos os abastecimentos essenciais que vêm da URSS, entre eles o energético, podemos ter grandes dificuldades decorrentes da situação na Europa oriental, mas não uma coisa excessivamente dura, não uma coisa terrível; bom, nem tão terrível se acontecer a variante pior, já veremos como nos arranjamos se temos

que enfrentar essa situação em período de paz. Isso é o que chamaríamos de período especial em época de paz.

Observem muito tudo o que acontece na URSS e verão então, mais ou menos, se se aproxima ou se afasta o perigo de um período especial em época de paz. Se infelizmente nesse país explodissem sérios conflitos internos, já estaríamos em período especial; teríamos que adaptar toda a vida e toda a economia do país a essa situação, eu falei disso aos estudantes. Vocês estavam no ato da "Ciudad Deportiva" quando transmitiram algumas das coisas que eu disse aos estudantes sobre o período especial.

Nesse período especial há uma coisa essencial, teríamos que deter totalmente o desenvolvimento social; nesse caso, construção de escolas, creches, policlínicos, habitações, tudo isso que estamos construindo no nosso período normal. Teríamos que parar o desenvolvimento social e se acontecer temos que ficar um, dois, três, quatro, cinco anos sem desenvolvimento social; mas o que não devemos parar é o desenvolvimento econômico, não se poderia parar.

Teríamos que dizer, bom, o programa alimentar tem que continuar para frente nessas circunstâncias, é fundamental, é essencial.

Temos que continuar o desenvolvimento das ciências, estas novas indústrias de biotecnologia e do ramo farmacêutico, que estão se convertendo num recurso importantíssimo e que um dia podem ser o que hoje é o açúcar sob o ponto de vista econômico.

O desenvolvimento das indústrias para as exportações teria que ser priorizado. O desenvolvimento dos planos turísticos teriam que continuar sendo impulsionados.

Nessas circunstâncias, pode acontecer que nós, em lugar de 4 milhões de toneladas de cimento, necessitemos uma e meia, um terço do cimento, já que a maior parte do cimento utiliza-se nas outras coisas que fazemos. Mas todo o programa de indústrias de importância estratégica, todo o programa de construção de represas, canais, sistemas de irrigação, todo o programa de construção de hotéis, de *pedraplenes*, teria que continuar. Então o que teríamos que procurar prioritariamente são recursos para a exportação e começaríamos por uma situação que no início seria muito difícil, mas que depois seria menos difícil.

Temos que pensar que aconteceria se em lugar de 30.000 viagens diárias de ônibus fossem 10.000 as que poderíamos fazer na capital, que faríamos? Essas são as coisas nas quais devemos pensar.

O que dizia a companheira, que eles às vezes sem luz, às vezes sem ar condicionado ou sem ventiladores, têm conseguido manter a produção como preparação para o período especial, que teríamos que fazer?

Sobraria uma grande parte da nossa capacidade de gerar energia elétrica e se calhar teríamos que empregar a metade ou um terço da eletricidade. Como a distribuímos para que todos possam ter seu pouquinho de eletricidade? Esse é outro problema. Ficariam as centrais de mais eficiência; enfim, estou dando algumas idéias, não temos porque dizer tudo o que pensamos sobre isto. O que quero é transmitir a vocês que nós dedicamos tempo a pensar como adaptar a economia e a vida do país a essas circunstâncias de período especial que podem se apresentar em época de paz, porque já em época de guerra está tudo estudado, mas esta categoria de período especial em época de paz não tinha sido estudada. E não queremos dizer qual é a nossa estratégia, temos muitas idéias sobre tudo isso. Se ficamos cinco anos sem construir uma casa, bom, se esse é o preço de salvar a Revolução, ficamos cinco anos sem fazê-la, ficamos cinco anos sem construir uma creche e outras coisas.

Estamos fazendo uma série de coisas neste momento que permitem conceber a idéia de que o país possa continuar desenvolvendo-se mesmo em período especial. Não permitiríamos que nada se deteriorasse.

Os equipamentos ficariam sobrando nessas circunstâncias, os equipamentos de construção, muitas coisas que hoje procuramos por toda parte ficariam sobrando; as peças teríamos que fazê-las quase todas aqui. Mas não quer dizer que tiramos os pedaços de um equipamento, mas que o guardamos, o conservamos; paramos indústrias mas as conservamos.

O princípio geral — e não vou dar mais idéias — quero que vocês saibam que seria, quando menos, que o que tivermos repartimos entre todos. Nem em período especial haverá mendigos aqui, porque a ninguém lhe faltará o alimento, o que tivéssemos seria compartilhado: a eletricidade compartilhada, tudo compartilhado. Podem nos sobrar braços, mas não haverá ninguém na rua. Se acontecer lhes damos livros para que leiam, estudem, se instruam; um tempinho para a televisão, o rádio, enfim tudo isso. Talvez o cidadão disponha de mais tempo, maravilhoso!, umas férias em período especial, porque pode chegar a sobrar-nos braços em alguns setores e ter que reduzir a jornada de trabalho.

A agricultura continuaria se desenvolvendo, as safras continuariam fazendo-se, embora tivéssemos que empregar bois, burros, o que seja.

Seriam priorizadas as construções hidráulicas, todos os programas de desenvolvimento, a produção de alimentos, a agricultura, etc., e faríamos ajustes para que toda a gente tivesse que viajar menos e pudesse fazer outras coisas.

Acho que com isto lhes digo bastante sobre o que poderia ser um período especial em tempo de paz.

Os ianques têm esperanças de que aconteçam estes problemas. Têm duas filosofias. A filosofia de esperar, de ver que conseqüências provocam, confiar em que os problemas continuem se agravando na URSS. Sonham com a desintegração da URSS, com que a URSS tenha problemas muito sérios ou com que a URSS possa marchar para o capitalismo e afastar-se de Cuba e que, portanto, Cuba não poderia resistir. Esse é um dos seus sonhos.

Outro dos seus sonhos é dividir, provocar fraturas — é o mais difícil para eles — abrir brechas, desunir. Essas lições nós as sabemos desde o princípio da Revolução. Agora pode haver um *gusanillo* por aí, um *gusanillo* com as suas idéias, muito escondidinho. E cada vez vão ficar mais ocultos, porque não podem desafiar o espírito combativo do povo. Há alguns escondidos por aí, alguns a quem, por exemplo, incomoda este espírito heróico; incomoda este espírito porque sabem que este espírito é a grande arma; incomoda esta grande unidade do povo, sonham em dividir por aqui e por ali. Por isso temos que hastear mais alto do que nunca as bandeiras da unidade.

Sim, a bandeira do heroísmo é a nossa arma, é isso o que faz tremer todo mundo!, porque não está baseada em conversações nem em fantasias, não há fanfarronice de nenhum tipo. É a nossa história real, corresponde a um povo que tem, felizmente, estas qualidades. Já que coube a este povo desempenhar este papel, está bem dotado pela história para cumprir este papel. Tem talento, tem instrução e tem tudo; tem a Revolução, que é o mais importante, tem a ideologia, tem a preparação, tem o patriotismo, tem o internacionalismo.

Agora é preciso cumprir a missão internacionalista aqui, porque é aqui onde se está defendendo a causa do movimento revolucionário mundial. Nossos valorosos combatentes que estavam cumprindo uma missão internacionalista em Angola, agora vão

cumprir outra missão internacionalista, mas desta vez vão cumpri-la em Cuba. É aqui onde agora se cumpre a missão internacionalista. Devemos estar conscientes de tudo isso.

E a teoria da solidão... Quem defende uma causa como Cuba defende nunca estará sozinho. Pode haver por aí críticos da chamada imprensa marrom que praticamente nos dão os pêsames em vida. E se nos querem dar, que nos dêem depois que estejamos mortos porque ao mesmo tempo terão que levantar uma bandeira, prestar uma homenagem ao povo que soube ser corajoso o quanto necessitava ser nessa época e que soube defender com a força e o heroísmo necessários à causa que lhe coube defender.

Haverá maior ou menor compreensão, haverá mais confusão ou menos confusão,porém haverá amigos. Recentemente, recebi uma bela carta de um soviético. Dizia que vendo todas estas coisas, ele estava disposto a vir aqui a lutar e morrer junto conosco. Haverá muita gente, muita gente em todas as partes e sobre tudo no Terceiro mundo que saberão como nós sabemos, levantar bandeiras revolucionárias. Porém, quando um ianque estiver desembarcando aqui os aplausos e as críticas quase que sobrarão porque somos nós quem vamos enfrentar os invasores os,que vamos combater. Aqui ninguém poderá chegar para nos ajudar. De maneira que nós lamentamos muito os presságios sobre solidão ou não solidão. Se alguém está enganado, ou não o entende, nos dói; tratamos de convencê-lo, mas se não podemos convencê-lo, que culpa temos de que alguém esteja equivocado?

Não vamos estar sozinhos, porém essa é uma resposta que dói àqueles que se preocupam que em relação a todos esses problemas que aconteceram por aí, nós vamos ficar isolados.

Aqui somos muitos para cumprir as tarefas que tenhamos que cumprir. E muitos que hoje, talvez não nos dêem razão, nos darão algum dia, com certeza. Qualquer cidadão honrado do mundo nos dará. Não nos desanimamos por essas coisas, compreendem? Estamos muito convencidos, muito seguros de tudo o que estamos fazendo.

Devo dizer algo que talvez tivesse sido melhor mencioná-lo antes quando falamos dos países que nos apoiaram nesta batalha de Genebra e tenho certeza de que se a votação fosse secreta, os resultados teriam sido diferentes. A votação nas Nações Unidas nos deu 145 votos no Conselho de Segurança — isso é uma votação secreta. Se necessitam votar perante os Estados Unidos, muitas pes-

soas se abstém e não votam porque poderão buscar muitos problemas caso tenha que votar publicamente a favor a Cuba. Todo mundo sabe que o caso de Genebra é uma insolência dos Estados Unidos, é a politicagem dos Estados Unidos, todo mundo sabe que isso é algo imposto pelo Estados Unidos

Nós mesmos apresentamos lá um pequeno material, porque sempre temos algum material de informação; nem sempre o publicamos, mas desta vez se publicou material sobre a carta que enviaram aos embaixadores e a forma como lhes disseram que tinham que pressionar ameaçar e chantagear todo mundo.

Não é preciso dizer que esse lixo que conseguiram na Comissão das Naçoes Unidas nós não o acatamos; isso é conseqüência da pressão, do suborno, da chantagem dos Estados Unidos, da covardia e da traição. E isso, simplesmente, nós não acatamos. Dizemos agora: Nem em sonhos vamos cumprir uma única virgula! É verdade que o atenuaram, de uma maeira mais suave. Quero ver quem é que virá aqui pedir informações.

Enganam-se se acreditam que com isso vão estimular a *gusanera*, a contra-revolução e a divisão. Enganam-se se acreditam que não haverá punição para os traidores da pátria, punição para os contra-revolucionários, isso sim haverá! Já saldamos contas com este problema, enfrentamos e voltamos a enfrentar. Porém agora quero ver quem é que vai nos pedir contas. Agora dizemos como na Crise de Outubro. Vocês se lembram da Crise de Outubro? Muitas não se lembram porque eram muito jovens, mas há alguns que lembramos da Crise e se pode verificar através da história.

A partir da Crise de Outubro, quando se falou em inspeção em Cuba e soviéticos e norte-americanos chegaram a um acordo, aqueles prometeram a retirada com inspeção *in loco* e nós dissemos: Aqui ninguém inspeciona nada e pronto! Esse foi um compromisso feito sem contar conosco e nós reafirmamos: Não, aqui ninguém inspeciona.

Acredito que os soviéticos permitiram que os norte-americanos inspecionassem seus navios em alto-mar. Nós dissemos: Não, isto ninguém investiga, ninguém inspeciona. Para quê vamos fazer agora e prestar contas a alguém, para satisfazer aos Estados Unidos? Um país cínico, um governo cínico, o país que cometeu os maiores crimes nesta época desde a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki e que não seria necessário porque já haviam ganhado a guerra; porém tinham que demonstrar que possuiam a arma

atômica e tinham que prová-la para ver que efeito teria quando lançada sobre uma população? O país do expansionismo, o país que manteve a escravidão até a segunda metade do século passado, o país que exterminou a população indígena, o país que se proclama com o direito de intervir em todas os países. Há, inclusive, um acordo para que seus policiais estejam autorizados a prender um cidadão em qualquer parte do mundo. Vejam que nível de insolência e de falta de respeito e de ultraje aos direitos da humanidade.

E preciso ver como vivem aí os chicanos, os portorriquenhos, os negros. Todas essas minorias têm o dobro, o triplo da mortalidade infantil que tem Cuba.

Vir a interferir sobre os direitos humanos em Cuba, quem pode ser melhor testemunho do que nosso povo que sabe como tem sido as coisas em nosso país, a que extremo chegou o respeito às pessoas; quantas calúnias levantaram sobre torturas e milhões de outras coisas quando todo mundo sabe como é nosso país; aqui nunca houve um homem assassinado, um homem desaparecido, um homem torturado.

Acredito que não há no mundo nenhum outro país, nenhuma outra revolução mais humana. Temos nossas leis e as aplicamos, mas dentro de todos os procedimentos e princípios legais.

Contudo, não cansam de repetir as mais repugnantes calúnias contra a Revolução.

Nós derramamos até nosso próprio sangue para ajudar a liberdade de outros povos, lutamos como ninguém contra o *apartheid*. Enquanto toda essa Europa hipócrita mantinha estreitas relações com a África do Sul e lhe fornecia armamento, lhe fornecia tudo, nossos homens estavam combatendo durante quase 15 anos, defendendo Angola das agressões do *apartheid* ou lutando em Cuito Cuanavale e em outros lugares, derramando seu sangue pelo continente africano, por muitas nações. Combatentes cubanos derramaram sangue pelas causas mais justas da América Latina e, entre eles, o mais ilustre dos revolucionários deste hemisfério, o companheiro Ernesto Che Guevara.

Milhares de compatriotas cumpriram missões intercionalistas como soldados, defendendo sempre justas causas, ou levando a saúde a dezenas de países, ou levando a educação. Não há país no mundo que tenha mais bolsistas per cápita que Cuba, aproximadamente 25 000 jovens do Terceiro Mundo estudam aqui. E esta Revolução, com apenas seu programa de saúde infantil salvou mais

de 300 000 vidas nestes 30 anos em que reduzimos a mortalidade infantil a 11,1 de cada mil nascidos vivos no primeiro ano de vida e a cifras insignificantes entre 1 e 15 anos. Uma Revolução que proporcionou uma perspectiva de vida de mais de 75 anos, vinte anos mais do que tínhamos no triunfo da Revolução!; que levou a educação a todas as partes, a escola a todas as partes, a cultura a todas as partes. Esse é o país que querem criticar?

Sabemos como anda o mundo em matéria de mortalidade infantil; 80 por 1 000, 120 por 1 000 em muitos casos; milhões e milhões de analfabetos, desempregados, prostituição, crianças abandonadas nas ruas, idosos. Isso é o que vemos por toda a América Latina. Até mesmo nos Estados Unidos, andam pelas ruas idosos que pedem para ser levados para a prisão quando vem uma onda de frio.

Esse país que tem provocado tanta miséria e tanta fome no mundo pode falar de direitos humanos? Nós sabemos, não quero mencionar países, mas temos as estatísticas. ah! esses são os regimes democráticos. Esse é o sistema democrático? Esse é o sistema dos direitos humanos? Então, em castigo pelo que a Revolução tem feito pelo nosso povo, é preciso condenar Cuba, caluniar Cuba desejar a destruição de Cuba de maneira oportunista os erros cometidos por outros e os problemas que os outros têm.

As idéias revolucionárias não morrerão jamais, aconteça o que acontecer. E devemos saber que esta luta pode ser no campo de batalha, mas também pode ser no campo da economia pode ser resistindo, resistindo e resistindo. Na guerra resistir é a vitória; mas também na paz e em período especial resistir é a vitória. Bem, se não há período especial seguiremos nossos planos normais, dentro do possível. Pode haver dificuldades, e vão existir; apesar de toda a boa vontade soviética, por dificuldades objetivas que possuem — eles têm problemas, não quero analisar isso —, vão surgir dificuldades de todas as maneiras, que nos vão obrigar a procurar muitas soluções, mesmo sem período especial. Como exemplo, posso dizer que não foram assinados contratos por 12.000 toneladas de frango que vinha da Bulgária.

Podemos esperar 12.000 toneladas de frango da Bulgária?

Não foi assinado contrato para a cevada que vinha da Tchecoslováquia, porque dizem que houve seca e outros problemas. Podemos esperar a cevada que vinha da Tchecoslováquia para a cerveja, o malte e todas essas coisas?

Os húngaros informaram que fecharam a fábrica dos ônibus Ikarus. Podemos esperar ônibus e peças da Hungria? Digam-me a verdade.

Temos que trabalhar com a criatividade, a racionalização, a produção de peças.

A verdade é a seguinte: Somos exportadores de alimentos e matérias-primas. O que enviamos a todos esses países? Açúcar, em primeiro lugar. Não falo da URSS, não falo da China, falo destes países, mais de um milhão de toneladas de açúcar.

Exportamos alimentos, mel, cítricos, pimentões, níquel tão útil para o desenvolvimento industrial; não exportamos lixo, exportamos alimentos e matérias-primas importantes e muitas vezes o que recebemos é verdadeira sucata.

Quero dizer entre outras, uma coisa, porque já que estamos falando claro, vamos falar bem claro: ha algumas dessas máquinas ordinárias que somente nós compramos e no entanto até fazemos produzir porque essa já é nossa especialidade em tantos anos: comprar porcarias e tentar utilizá-las de modo útil.

Vou lhes dar um exemplo: os elevadores de cargas búlgaros, esses somente nós compramos no mundo; são uma porcaria e têm tantos problemas que somente nós os compramos nesse comércio que se estabeleceu num certo nível de compreensão. Milhares destes elevadores estão parados nos armazéns. Que fizemos?

Estamos estudando para ver o que serve e o que não serve do elevador de cargas búlgaro. Quais as peças que poderão ser aproveitadas. Chegam os componentes elétricos mas as baterias nunca envian. Estamos comprando uma fábrica de baterias para os elevadores de carga. Por que não as enviam? Estamos estudando peça por peça para ver qual serve e qual não serve, para substituir as que não servem comprando em outro lugar. Isso é para que o elevador de carga funcione.

Não sei agora onde vão vender, porque faziam outras coisas: às vezes exportavam a capitalistas e colocavam coisas melhores; compravam então algumas coisinhas, mas o que nos mandavam não era esse, levem em consideração.

Os ônibus húngaros fazem seis quilômetros por galão, enchem a cidade de fumaça, envenenam todo mundo. Poderíamos fazer as estatísticas do número de pessoas que os ônibus húngaros matam porque colocam uma péssima bomba injetora aos que exportam,

além de vir com uma caixa de câmbio de velocidade automática da Tchecoslováquia.

Essa caixa tem somente duas velocidades, fazendo o ônibus gastar 30% mais de combustível. Fico contente em poder falar com esta liberdade. Acabaram-se os escrúpulos.

O ônibus que estamos construindo e que futuramente substituirá estes trastes, faz 11 quilômetros por galão. Estamos pensando onde podemos comprar uma bomba injetora para colocar no motor húngaro, como obtemos as caixas de câmbio, pois repito, motor húngaro com caixa de câmbio tcheca: seis quilômetros por galão e a cidade cheia de fumaça. Como tivemos de engolir essas amarguras durante anos! Vamos nos livrar de tudo isso porque nosso motor é melhor, nosso ônibus é muito melhor, porque nosso povo terá mais curiosidade para fazer as coisas ou está mais decidido a vencer, é mais revolucionário e pronto! Fazemos bem as coisas que estamos fazendo.

Adquirimos termoelétricas tchecas, não são ruins. Seria injusto se digo que elas são ruins; são muito boas. E quem nos garante as peças de reposição das termoelétricas tchecas?

Vamos caindo numa situação igual aos primeiros anos da Revolução, quando os ianques impuseram seu bloqueio: não havia peças de reposição para as máquinas, para os equipamentos, para as indústrias, para nada. Temos que enfrentar essa situação devido ao clima que existe nestes países do Leste que se uniram aos Estados Unidos.

Não sei o que lhes vão dar, vocês verão, qualquer dia aparece um financiamento, com certeza do Banco Mundial, do Fundo Monetário ou a condição de nação mais favorecida, por certo que isto está arrumado. Eles precisam disto, devem estar encantados porque tiveram oportunidade de prestar um serviço ao império.

Porém digo o seguinte: grande parte do que produzem somos os únicos a comprar. Será necessário verificar também as relações econômicas com esses países, porque eles continuam necessitando nossos produtos e terão que comprá-los em outro lugar. As vantagens são relativas, digo isso porque somos exportadores de alimentos e matérias-primas e às vezes compramos trastes destes com todos os defeitos que lhes estou explicando.

Esses ônibus arruínam qualquer país. Com nossos motores podemos fazer pelo menos 60% mais de viagens com a mesma quantidade de combustível e não envenenamos a cidade.

Destas coisas é muito difícil falar, a não ser que se produzam circunstâncias especiais que nos liberem de todo tipo de compromissos para falar com esta clareza.

Eu quero ver; agora vão competir, querem ser como os países ocidentais. Com quem vão competir para vender suas bugigangas e quinquilharias? Nosso níquel pelo menos é nosso níquel, nosso açúcar é nosso açúcar, nossos cítricos são nossos cítricos, são alimentos, são alimentos!

Bem, falo de situações normais, temos que nos preparar. Poderíamos chamá-lo de período especial? Não, ainda não; período de grandes dificuldades, no qual fazemos, apesar de tudo isso, grandes esforços para manter as coisas.

Recentemente tivemos que baixar um pouco o teor de gordura do leite por problemas que tivemos, como por exemplo, a ração do gado que afetaram a produção no primeiro trimestre. É preciso importar um pouco mais de leite em pó, precisamos de um pouco mais de gordura para a reconstituição desse leite. A quantidade que foi reduzida — 0,4 — ajuda a economizar 3.000 toneladas de gordura e nos permite reconstruir o leite importando mais leite em pó.

Posso afirmar a vocês que o país faz todos os esforços possíveis para manter os níveis de vida da população e seguirá fazendo: manteremos o desenvolvimento, as creches, as escolas, as escolas especiais, as escolas de formação profissional e a moradia. Seguimos com nossos planos de habitação e somente na capital estamos tentando levar adiante um plano de construção de 15.000 casas e outro de reforma de 10.000.

São esforços colossais, sem que às vezes se saiba quanto nos dedicamos em tudo isso. Não falamos dos problemas todos os dias, mas trabalhamos muito e cada vez com maior exigência. Assim deverá ser e espero que se consiga a maior cooperação de todos.

Enquanto não venha um período especial, continuaremos nossos planos e quando houver problemas avisaremos a população e explicaremos tudo. Tentamos evitá-los e preveni-los. Preocupamo-nos muito, o país está fazendo um grande esforço nas construções, nas pesquisas, em todos os campos.

Surgiram novos produtos que começam a apresentar o nosso país como uma potência médica, não somente pelos êxitos que estamos conseguindo no campo da medicina, dos que falou ontem a companheira Hilda Molina, como por exemplo o neurotransplante e a reabilitação nervosa, nos quais estamos em primeiro lugar no

mundo. Os imperialistas não falam sobre isso, nem das pesquisas que estamos fazendo para salvar a vida daqueles que têm o mal de Parkinson, coréia de Hungtinton ou medula espinhal seccionada ou que tenha tido um acidente cerebral. Os esforços que estamos fazendo são uma esperança para o mundo.

Quantas vidas a vacina meningocócica poderá salvar? Vão nos criticar no campo dos direitos humanos por esse serviço que vamos prestar às crianças do mundo, ou porque estamos produzindo o Fator de Crescimento Epidérmico que serve para salvar vidas, curar as queimaduras; ou vacinas contra hepatite, ou por todos os outros novos produtos que estamos desenvolvendo em benefício, lógico, para o nosso país, mas também para a humanidade?

Um grande esforço está sendo feito na área da ciência. E como falamos ontem, às vezes não demoramos nem 24 horas a partir do momento em que tomamos conhecimento de algo novo para começar a trabalhar nesse sentido, mudando qualquer plano porque nenhum plano é definitivo. É muito importante ter planos e é também um privilégio, mas é preciso saber mudá-los ou saber encontrar respostas rápidas para novos problemas.

Ontem fiz uma crítica, ao meu ver justificada, porque chegaram os equipamentos para as mamografias e os ônibus onde os mesmos deveriam ser instalados não chegaram. Nós exigimos cada vez mais de todo mundo e agora mais do que nunca que se trabalhe rápido e que se dê resposta rápida.

Vejam os programas que estamos desenvolvendo em muitos campos; eles continuarão. Aqui não param nem as construções para os Jogos Panamericanos, exceto se entramos no período especial. Em Santiago de Cuba também não param as construções e se entramos num período especial haverá congresso e um bom congresso. Que ninguém duvide.

Não quero terminar sem assinalar que quando falei das atitudes dos soviéticos, deveria ter dito que os soviéticos votaram a favor de Cuba em Genebra. Houve dois votos: da URSS e da Ucrânia.

Não quero falar agora das colaborações que estamos prestando na Ucrânia, relacionadas con o desastre de Chernobil e outras coisas importantes. Eu não gosto de falar do que fazemos porque não fazemos coisas para que se conheça. Ficamos muito satisfeitos ao ver que a Ucrânia — parte da União Soviética, mas que tem direito de votar na Comissão —, também votou a nosso favor. A República Popular da China e a India igualmente votaram a favor

de Cuba. China e India têm quase dois milhões de habitantes. Qualquer desses dois países tem mais habitantes que todos os que votaram contra nós. Iugoslávia também votou a favor de Cuba. Mencionei o México e temos que mencioná-lo e agradecer aos países que tiveram uma atitude digna nessa votação pública.

Faltou-me esse elemento, não me parece que deveria terminar sem assinalar esse ponto que está relacionado com a maneira em que se comportou a URSS, que é muito diferente do comportamento dos demais.

Acho que não tenho mais que acrescentar; não vou somar mais coisas às muitas que vocês já sabem. Falamos de questões muito importantes, talvez um pouco mais do que eu pensava.

Ao final gostaria de dizer que estamos vivendo um momento excepcional da história da nossa pátria. Acredito que qualquer pessoa, alguma vez, sentiu inveja de outra época; todos nós, quando jovens, liamos a história da Guerra dos Dez Anos pela nossa Independência dizíamos: "Que pena ter perdido tudo isso!" ou a guerra de 1985. Muitos queriam ter vivido e participado em nossa própria luta revolucionária, porém não haviam nascido. Há muitos que nasceram nesses anos, tiveram o privilégio de nascer, não na época de Cristovão Colombo, nem na época dos séculos da conquista e da colonização, nem no século passado, nem na Guerra de Independência; não puderam viver nem de longe a Revolução bolchevique, que foi um acontecimento histórico extraordinário.

Estamos numa época histórica excepcional e, dentro do excepcional, mais excepcional para o nosso país. É um privilégio para nosso país que lhe tenham correspondido essas responsabilidades que não pretendíamos, caíram sobre nós sem que as esperássemos. Essas bandeiras não as pedimos, mas as tomamos firmemente em nossas mãos.

Nesta geração de cubanos, os que têm mais ou menos idade, foi homenageada a que tinha mais anos e a que tinha menos, mas para todos sem exceção, para Vicentina, a mais idosa e para a jovem de 15 anos que veio como delegada a este congresso, é um enorme privilégio ser testemunha desta época, ser protagonista deste momento da história da nossa pátria. Garanto a vocês que este momento é mais importante que qualquer outro que nosso país tenha vivido. Haja guerra ou não, período especial ou não, este momento é o mais importante da história de nosso país e um dos mais importantes do mundo, em que se decide se todas as bandeiras revolu-

cionárias se descerram e se uma gigantesca onda contra-revolucionária se apodera do mundo por um longo período, ou se luta, se resiste e se dá o exemplo e fazemos o que deve ser feito. Nós podemos hastear essas bandeiras, podemos defendê-las em qualquer circunstância, com guerra ou sem guerra, com período especial ou sem período especial.

Porém não esqueçam de uma coisa, que se não há guerra isso se deverá fundamentalmente ao espírito do nosso povo e ao respeito que é capaz de inspirar ao seu principal inimigo, e na medida em que sejamos fortes, que estejamos preparados, na medida em que se saiba que não há brecha possível e que não há vitória possível contra nosso povo.

Que não haja período especial já não dependerá tanto dos homens ou da vontade de ninguém; pode depender, inclusive, de acontecimentos que escapam das mãos dos homens. Porém, se houver um período especial saberemos resisti-lo. O fato de que nos preparemos e de que estejamos dispostos a vivê-lo e a fazer o que nos corresponda nesse momento, é o que nos faz sentir seguros e tranquilos e o que nos dá a convicção de que seguiremos adiante, mesmo que possa vir um período desse tipo, como teremos também a convicção de que sairemos vitoriosos.

Dizia recentemente que não temos interesse em reeducar os imperialistas em que tenham que nos agredir para aprender, já que isso nos custaria caro. Temos certeza que se isso acontece, sem nenhum exagero, sairemos vitoriosos.

Ontem, uma companheira lembrava o que disse Juanito na Assembléia Nacional. Eu lhe disse que era otimista porque dizia: Virão outros ou virá o povo que é imortal.

De modo que voltaríamos a nos reunir, voltaríamos a discutir, seguiríamos trabalhando antes e depois; se não somos nós virão outros! Mas sempre com o espírito heróico e invencível da pátria.

Socialismo ou Morte!

Pátria ou Morte!

Venceremos!

(O Comandante volta aos microfones)

Queria dizer que cuidassem bem da roupa para o período especial, porque quem sabe no período especial também tenhamos que reduzir consideravelmente estes artigos, produziríamos somente para as crianças, para os bebês, para os que crescem; mas com a roupa que vocês tem, bonita e elegante, quem sabe tenham roupa para o período especial e não necessitam nem um metro de tecido em dois, três, quatro ou cinco anos. Tenho certeza que passados cinco anos de um período especial e ao nos reunirmos, vocês virão tão elegantes e tão bonitas como vieram esta noite.

FIDEL CASTRO

NA TRINCHEIRA DA REVOLUÇÃO

"Qual o destino dos países fragmentados da nossa América? Qual o lugar deles no século XXI? Que lugar vão lhes deixar, qual será seu papel se não se unem, se não se integram, num mundo onde a Europa estará unida, integrada? O Japão, uma grande potência; os Estados Unidos, uma grande potência industrial. Perguntamos: Que lugar restará para nós?"

"Na realidade, se nossos libertadores Sucre, Bolívar, O'Higgins, San Martín, todos, tiveram uma tarefa gigantesca, eu digo que nós temos uma tarefa muito mais difícil. Sentimos uma certa inveja dos obstáculos que nossos antepassados deveriam ter enfrentado para lutar pelo destino de nossos povos. Agora, a tarefa é mais árdua e mais complexa." (Fidel Castro, Encontro de Educadores Pedagogia'90, Havana, 1990).

A situação dos países da Europa oriental e suas conseqüências para Cuba, a necessidade da integração latino-americana, a sobrevivência dos povos do Terceiro Mundo, são alguns dos temas da atualidade tratados pelo companheiro Fidel Castro Ruz, presidente dos Conselhos de Estado e de Ministros da República de Cuba, neste livro que a Editora José Martí apresenta aos leitores brasileiros e dos demais países de língua portuguesa.

EDITORIAL

José Martí

EDITORIAL JOSÉ MARTÍ
Publicaciones en Lenguas Extranjeras
Apartado postal 4208 / Habana 4 / Cuba